



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB**  
**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES**  
**ÉTNICO-RACIAIS**

**GHEISA SANTOS LISBOA**

**O APRESENTADO E O REFERENCIADO: UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DO  
PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE HISTÓRICA DE PORTO SEGURO- BA**

**PORTO SEGURO – BA**

**2021**

**GHEISA SANTOS LISBOA**

**O APRESENTADO E O REFERENCIADO: UMA CARTOGRAFIA AFETIVA DO  
PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIDADE HISTÓRICA DE PORTO SEGURO- BA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Sul da Bahia como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina de Sousa

**PORTO SEGURO- BA**

**2021**

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)**  
**Sistema de Bibliotecas (SIBI)**

L769a Lisboa, Gheisa Santos, 1983 -  
O apresentado e o referenciado: uma cartografia afetiva do  
patrimônio cultural da cidade histórica de Porto Seguro - BA / Gheisa  
Santos Lisboa. – Porto Seguro, 2021.  
139 f.

Orientadora: Ana Cristina de Sousa  
Dissertação (Dissertação) Universidade Federal do Sul da Bahia.  
Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais.  
Campus Sosígenes Costa.

1. Patrimônio Cultural. 2. História (Ensino). 3. Cidade Histórica. 4.  
Lugares (Memória). 5. Cartografia. I. Sousa, Ana Cristina de. II. Título.

CDD – 306.4

**Elaborado por Lucas Sousa Carvalho - CRB-5/1883**



**Universidade Federal Do Sul Da Bahia – UFSB**  
**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação – PROPPG**  
**Programa de Pós-graduação em Ensino e Relação Étnico-Racial – PPGER**

**Ata de Defesa Pública de Mestrado**

Aos dias 22 do mês de Novembro do ano de 2021, às 8h00min, na sala virtual com link de transmissão <https://mconf.rnp.br/webconf/csc-1>, reuniram-se as membras/os da banca examinadora composta pelas/os docentes Dra. Ana Cristina de Sousa (presente da banca), Dr. Edson Machado de Brito (membro interno) e Dr. Leonardo Thompson da Silva (membro externo), a fim de arguirem a mestranda Gheisa Santos Lisboa, na defesa de sua dissertação cujo trabalho de pesquisa intitula-se **“O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA”**. Aberta a sessão pela presidente da banca, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema do seu projeto de dissertação dentro do tempo regulamentar, sendo em seguida questionada pelos membras/os da banca examinadora, tendo dado as explicações que foram necessárias.

Os membras/os da banca consideraram o projeto de dissertação:

- ( x ) Aprovado  
( ) Aprovado com modificações  
( ) Não aprovado, devendo ser realizada nova defesa no prazo de \_\_\_\_ meses.

**Recomendações da Banca:** \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

*Ana Cristina de Sousa*

-----  
Prof.<sup>ª</sup>. Dra. Ana Cristina de Sousa (UFSB / PPGER)  
*Presidente da banca*

*Edson Machado de Brito*

-----  
Prof. Dr. Edson Machado de Brito (UFSB / PPGER)  
*Membro interno*

*Leo Thompson da Silva*

-----  
Prof. Dr. Leonardo Thompson da Silva (IFBA)  
*Membro externo*



---

Gheisa Santos Lisboa  
*Candidata*

Webconferência, 22 de Novembro de 2021.



---

Prof<sup>ª</sup> Dr/a. Ana Cristina de Sousa (UFSB / PPGER)  
*Presidente da banca*

*Dedico este trabalho aos meus filhos  
Guilherme e Davi, pela felicidade que é  
compartilhar e esperar por dias  
melhores e, decerto, longe do atual  
contexto de pandemia pela Covid-19.*

## **Agradecimentos**

Nos últimos quase 3 anos muitos acontecimentos marcaram minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Entre despedidas de amigos e parentes, pela COVID-19, encontrei alento em minha pesquisa e fui agraciada por pessoas muito especiais em meu caminho, das quais registro a seguir os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER). Ao corpo docente do programa, em especial à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa, pelos caminhos apontados e pela generosidade.

A dedicação e contribuições dos integrantes da banca, o professor Leonardo Thompson da Silva e o professor Edson Machado de Brito.

As contribuições das moradoras da Cidade Histórica, Andréia de Cassia (Déia) e Herli Antônia (Lili), mobilizadoras e incentivadoras de histórias e memórias locais. Dona Maria José Vinhas, e suas experiências de quase 80 anos de vida, também moradora e mãe de Herli.

Ao morador Heriton Assis, pelo relato de memória sobre suas meninices ao lado de seu pai, o Sr. Hélio Assis, que em memória nos deixou algumas das histórias de manifestações culturais que merecem estudos e o reconhecimento devido pelos gestores de patrimônios culturais do município de Porto Seguro-BA.

Meus agradecimentos aos colegas de Mestrado, Alcyone Gilberto (Help) e Miriam Conceição.

Ao professor, historiador e também morador de Porto Seguro, Wander Caires.

Às amigas Márcia Thayane Gomes Costa, Karoline Cavalcante Pimenta e Camila Espíndola Pereira.

Às minhas “curicas”, estudantes do 6ºs anos do Colégio Anísio Teixeira.

Agradeço de coração aos meus pais, Maria (Lia) e José (Lisboa), meus maiores incentivadores.

Agradeço com amor, David Muniz, quem trilhou esta jornada ao meu lado.

## RESUMO

LISBOA, Gheisa Santos. **O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA**. 2021. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

O objeto de investigação deste estudo incide na cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, que se posiciona no campo da interdisciplinaridade entre Patrimônio Cultural, Ensino de História e Novas Tecnologias. Qualitativa e de natureza sócio-histórica, a pesquisa objetiva analisar o patrimônio cultural do Parque Histórico Municipal do Descobrimento (PHMD), mais conhecido como Cidade Histórica, a partir dos “lugares de memória” (NORA, 1993) de alguns de seus antigos moradores e moradoras, fazendo com que lembranças e experiências cotidianas desses ou dessas venham a subsidiar intervenções pedagógicas com estudantes da Educação Básica, com o intuito de que tenham uma aproximação com o patrimônio material e imaterial, e que dialoguem com as memórias e traços de afetividade da comunidade local. A cartografia foi utilizada como método de pesquisa para o levantamento dos bens e dos referenciais culturais, num processo de comunicação entre os estudantes e os sujeitos que vivenciaram e vivenciam esse *lugar*, contribuindo para uma decolonização dos espaços de memória. Diante do contexto decorrente da pandemia SARS-CoV-2 ocorreram adequações da proposta metodológica que passou a envolver plataformas digitais e histórias contadas em questionários nos formulários *google*, como forma de evitar contatos físicos com os entrevistados e entrevistadas. O presente texto, organizado em três capítulos, inicia-se com uma introdução em que consta o objeto de pesquisa e intervenção, objetivos, justificativa, metodologia e organização do conteúdo. O primeiro capítulo, discorre sobre o lugar da história dentro do processo de patrimonialização, aspectos sobre a prática docente e o ensino para as relações étnico-raciais a partir do patrimônio local; aborda, também, a importância das casas e dos museus, enquanto lugares de vivência e aprendizagem. O segundo capítulo descreve o que foi *apresentado* no processo de urbanização do município de Porto Seguro e patrimonialização da Cidade Histórica, a partir da análise dos inventários do IPAC (1985; 1988), do INRC (2000), com um olhar crítico às narrativas colonizadoras refletidas nos bens culturais produzidos e representados no município de Porto Seguro-BA. O terceiro capítulo representa o eixo central deste estudo, o *referenciado*. Faz uso da cartografia social em aulas de História para estudantes do 6º ano, da Educação Básica; mobiliza reflexões sobre o

conceito de *lugar* e do *entre-lugar* na perspectiva de Oliveira e Rodrigues (2018), Michel de Certeau (2008) e Bhabha (2013); reivindica um patrimônio cultural negro localizado na Cidade Histórica, a igreja ou capela de São Benedito, bem como o percurso trilhado a partir das coisas vistas, ouvidas e sentidas, atravessadas pelas memórias de moradores e moradoras, a serem compartilhadas dentro de uma plataforma digital e um aplicativo, e cujo objetivo é divulgar e valorizar os bens culturais do centro histórico, além de trazer visibilidade às histórias e narrativas dos moradores locais.

**Palavras-chave:** Patrimônio Cultural; Ensino de História; Cidade Histórica; Lugares de Memória; Cartografia.

### ABSTRACT

LISBOA, Gheisa Santos. **The Presented and the Referenced: an affective cartography of the Cultural Heritage of the Historic City of Porto Seguro-BA.** 2021. 139 f. Dissertation (Masters in Teaching and Ethnic-Racial Relations) – Postgraduate Program in Teaching and Ethnic-Racial Relations, Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

The object of investigation of this study focuses on the affective cartography of the Cultural Heritage of the Historic City of Porto Seguro-BA, which is positioned in the field of interdisciplinarity between Cultural Heritage, History Teaching and New Technologies. Qualitative and socio-historical in nature, the research aims to analyze the cultural heritage of the Municipal Historic Park of Descobrimento (PHMD), better known as the Historic City, based on the "places of memory" (NORA, 1993) of some of its former residents and residents, making memories and daily experiences of these or these come to subsidize pedagogical interventions with Basic Education students, in order for them to have an approximation with the material and immaterial heritage, and that they dialogue with the memories and affective traits of the local community. Cartography was used as a research method for the survey of cultural assets and references, in a process of communication between students and subjects who experienced and experience this place, contributing to a decolonization of memory spaces. Given the context arising from the SARS pandemic- CoV-2 adjustments were made to the methodological proposal, which started to involve digital platforms and stories told in questionnaires on google forms, as a way to avoid physical contact with interviewees. This text, organized into three chapters, begins with an introduction that contains the object of research

and intervention, objectives, justification, methodology and organization of the content. The first chapter discusses the place of history within the patrimonialization process, aspects of teaching practice and teaching for ethnic-racial relations based on local heritage; it also addresses the importance of houses and museums as places of experience and learning. The second chapter describes what was presented in the urbanization process of the municipality of Porto Seguro and patrimonialization of the Historic City, based on the analysis of the inventories of the IPAC (1985; 1988), of the INRC (2000), with a critical look at the colonizing narratives reflected in the cultural goods produced and represented in the municipality of Porto Seguro-BA. The third chapter represents the central axis of this study, the referenced one. Makes use of social cartography in History classes for 6th grade students in Basic Education; mobilizes reflections on the concept of place and between-place from the perspective of Oliveira and Rodrigues (2018), Michel de Certeau (2008) and Bhabha (2013); claims a black cultural heritage located in the Historic City, the church or chapel of São Benedito, as well as the path trodden from the things seen, heard and felt, crossed by the memories of residents, to be shared within a digital and an application, whose objective is to promote and enhance the cultural assets of the historic center, in addition to bringing visibility to the stories and narratives of local residents.

**Keywords:** Cultural Heritage; History teaching; Historical city; Places of Memory; Cartography.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Planta de uma Nau.....	28
<b>Figura 2-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Cocar indígena.....	28
<b>Figura 3-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Formas de cerâmica.....	29
<b>Figura 4-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Urnas Funerárias.....	29
<b>Figura 5-</b> A capela ou igreja de São Benedito, na Cidade Alta de Porto Seguro.....	30
<b>Figura 6-</b> Imagem de São Benedito no interior da capela.....	30
<b>Figura 7-</b> Casas à Rua Dr. Antônio Ricaldi.....	34
<b>Figura 8 -</b> Placa fixada na casa nº 65.....	35
<b>Figura 9-</b> Museu da Casa Colonial, temporariamente fechado.....	36
<b>Figura 10-</b> Galeria Estrela D´Alva, em Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.....	36
<b>Figura 11-</b> Casa à venda e comércio na Cidade Histórica de Porto Seguro.....	37
<b>Figura 12-</b> O antigo Paço Municipal, construído em 1756, é o local onde funcionavam a Casa de Câmara e Cadeia. Atualmente o Museu de Porto Seguro.....	38
<b>Figura 13-</b> Construção da BR-367, ano de 1971. A obra mudou a história de Porto Seguro por ter ligado a cidade à BR-101, interconectando o município ao Brasil.....	44
<b>Figura 14-</b> População municipal de Porto Seguro entre os anos de 1970 a 2010.....	45
<b>Figura 15-</b> Gráfico com índice da população residente em Porto Seguro entre os anos de 1970 e 2010.....	45
<b>Figura 16-</b> Planta do Parque Histórico Municipal do Descobrimento constando a cronologia das construções.....	46
<b>Figura 17-</b> Vista aérea da Cidade Alta, Porto Seguro - foto de 1957.....	47
<b>Figura 18-</b> Bens culturais no município de Porto Seguro. Na legenda, a estrela amarela representa o conjunto arquitetônico e paisagístico da Cidade Histórica.....	48
<b>Figura 19-</b> Bens vinculados ao Inventário de Referências Culturais do Museu Aberto do Descobrimento-MADE.....	49
<b>Figura 20-</b> Reportagem da Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971. ....	50
<b>Figura 21-</b> Reportagem da Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971. ....	50
<b>Figura 22-</b> Planta da evolução urbana do século XX, de acordo com o IPHAN.....	52
<b>Figura 23 -</b> Vista da Rua Dr. Antônio Ricaldi, quando das comemorações dos 500 anos.....	53
<b>Figura 24 -</b> Diagrama de variáveis para representação da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.....	62
<b>Figura 25 -</b> Vista área da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.....	64
<b>Figura 26 -</b> <i>Street View</i> (representação visual) da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.....	64
<b>Figura 27 -</b> Placa informativa sobre o Centro Histórico de Porto Seguro-BA.....	65
<b>Figura 28 -</b> Representação pelo aluno Enzo na atividade proposta sobre Patrimônio e Memória.....	65
<b>Figura 29-</b> O Farol, localizado a Praça da Misericórdia nº 20, Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, representado pelo estudante Valmi Filho.....	66
<b>Figura 30-</b> O Farol, localizado na Praça da Misericórdia nº 20, Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, representado pela estudante Maria Luísa.....	66
<b>Figura 31 -</b> Desenhos da Igreja de São Benedito, elaborado pela estudante Maria Helena. Pesquisa o apps Google Earth, para a descrição da localização e construção da legenda.....	67

<b>Figura 32</b> - Desenho das impressões da estudante Mariana. O encontro entre o Rio Buranhém e o mar. ....	68
<b>Figura 33</b> - Desenho das impressões da estudante Bianca sobre as casas à rua Dr. Antônio Ricaldi, na Cidade Histórica. ....	69
<b>Figura 34</b> - Desenho de instrumentos de navegação dentro do Museu Histórico, localizado na antiga Casa de Câmara e Cadeia, elaborado pelo estudante Leonardo. ....	69
<b>Figura 35</b> - Acervo do interior do Museu Histórico - Artesanato Indígena. Impressões do estudante Rafael. ....	69
<b>Figura 36</b> - Acervo do interior do Museu Histórico - Artesanato Indígena. Impressões da estudante Lays. ....	70
<b>Figura 37</b> - Representação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena e do Museu do Descobrimento, apresentado pela estudante do 6º ano Amanda. ....	70
<b>Figura 38</b> - Semanário do jornal Correio de Porto Seguro de 1913, em que comunica as ordenações em torno das festas religiosas na cidade de Porto Seguro-BA, entre elas as festas em torno de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. ....	75
<b>Figura 39</b> - A elipse em laranja destaca a Irmandade de São Benedito na Porto Seguro dos anos de 1930. ....	76
<b>Figura 40</b> - Manifestação Cultural - "Cucumbi dos escravos", em 1979. ....	77
<b>Figura 41</b> - Sr. Hélio Assis, produtor e apresentador de manifestações culturais na Cidade Histórica. ....	77
<b>Figura 42</b> - Convite da edição de 2021 da Festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira de Porto Seguro, na página da Paróquia Nossa Senhora da Pena. ....	80
<b>Figura 43</b> - Presença da Comunidade de São João Batista, bairro Agrovila, nos festejos da padroeira de Porto Seguro, 2021. ....	81
<b>Figura 44</b> - Festejos da padroeira de Porto Seguro, Nossa Senhora da Pena, 2021. ....	81
<b>Figura 45</b> - Crianças brincam na Praça Pero do Campo Tourinho, em frente à Igreja Nossa Senhora da Pena. ....	82
<b>Figura 46</b> - Gráfico extraído do Google Formulário (Apêndice C).....	84
<b>Figura 47</b> - Estrutura de Navegação do Website sobre os bens culturais da Cidade Histórica. ....	86
<b>Figura 48</b> - Página Inicial do site elaborado pela autora. ....	87
<b>Figura 49</b> - Página que apresenta a localização do bem cultural.....	87
<b>Figura 50</b> - Página que apresenta um Manifesto da autora. ....	88
<b>Figura 51</b> - Por uma Cartografia Afetiva.....	88
<b>Figura 52</b> - Subpágina de Por uma Cartografia Afetiva.....	89
<b>Figura 53</b> - Página Caminhos Didáticos.....	89
<b>Figura 54</b> - Inclusão na página do <i>izi.Travel</i> de uma história para a atração.....	90
<b>Figura 55</b> - Inclusão de um Código QR.....	91
<b>Figura 56</b> - Inclusão de tours, com criação de Atração Turística (AT), no mapa. ....	91
<b>Figura 57</b> - Aplicativo <i>izi.Travel</i> . Baixar, cadastrar e utilizar. ....	92

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC- Base Nacional Curricular

CEDOC- Centro de Documentação e Memória Regional

CPRM- Serviço Geológico do Brasil

DADI- Diversidade Afrodescendente e Indígena

GTMAF- Grupo de Trabalho Interdepartamental para preservação do patrimônio cultural de Matriz africana

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM- Conselho Internacional de Museus

IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro)

INRC- Inventário de Referências Culturais

IPAC-BA - Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MADE- Museu Aberto do Descobrimento

PDTIS - Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável

PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais

PHMD- Parque Histórico Municipal do Descobrimento

SEI- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEPLAN- Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia

SEPROMI- Secretaria Estadual da Promoção da Igualdade

SIPAC: Sistemas de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia

SME- Secretaria Municipal de Educação

SMTDS- Secretaria Municipal do Trabalho e desenvolvimento Social

SNIIC Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais

SPHAN- Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
Objetivos e justificativa .....	13
Os caminhos para a pesquisa .....	14
Os Capítulos.....	16
1. HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E ENSINO.....	18
1.1. Patrimônio Cultural e o Ensino das Relações Étnico-Raciais: análises sobre a prática docente.....	22
1.2. Vivências e mensagens de aprendizagem a partir das Casas e Museus.....	32
1.2.1. As Casas.....	32
1.2.2. Os Museus.....	38
2. UM NOVO E VELHO PATRIMÔNIO DA CIDADE HISTÓRICA DE PORTO SEGURO-BA: O APRESENTADO.....	42
2.1. Aspectos históricos e geográficos em histórias recontadas .....	42
2.1.2. Percorrendo o Território .....	42
2.2. A valoração da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.....	46
2.2.1. O poder público e a Cidade Histórica.....	46
2.3. Referências Culturais em Porto Seguro-BA: aproximações, seduções e riscos .....	53
3. CARACTERIZAÇÃO DAS CARTOGRAFIAS SOCIAIS E REGISTROS DE MEMÓRIAS: O REFERENCIADO .....	57
3.1. Os valores do <i>lugar</i> e do <i>entre-lugar</i> .....	58
3.2. Educar e representar a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA .....	61
3.3. Altares que alimentam a fé e devoção em manifestações culturais locais: histórias em São Benedito .....	71
3.3.1. A riqueza do patrimônio cultural negro no cotidiano porto-segurense .....	72
3.3.2. A Irmandade de São Benedito em Porto Seguro .....	74
3.4. Das coisas vistas, ouvidas e sentidas: a Cidade Histórica é feita de histórias .....	79
3.5. Por uma cartografia do afeto: planos de execução e representação visual da cartografia afetiva.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	93
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS .....	101
APÊNDICES .....	113

## INTRODUÇÃO

---

### **O encontro com o objeto**

A pesquisa intitulada *O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA*, que se posiciona no campo da interdisciplinaridade na fronteira entre patrimônio, ensino de história e tecnologias, nasceu de um projeto ainda na graduação, ao se contemplar os patrimônios locais e o ensino de história.

A escolha deu-se por três fatores: por sua representação cultural; pelas seduções e os riscos; e por laços de afetividade com o Parque Histórico de Porto Seguro-BA, mais conhecido como Cidade Histórica.

### *Da representação cultural*

O sistema de representação cultural tem se constituído entre contradições e ambivalências quando se trata sobre o que deve, enquanto patrimônio cultural, servir como herança e legado de/para um povo. Margeado pelo simbólico, entre o que está posto e o que não aparece, o concreto e o abstrato, tal sistema necessita ser revisto pela História.

Construída a partir de um processo acumulativo das vivências compartilhadas na vida em sociedade, a cultura revela as diversas formas de apreensão da realidade em diferentes tempos e espaços. Margeia o campo do concreto e do abstrato, revelando crenças, sentimentos, percepções de mundo que muitas vezes se materializa nos vestígios que são deixados por esses grupos em sua trajetória histórica. Dentre esse amplo universo de aspectos que constituem o legado de um povo, encontram-se os monumentos que compõem o patrimônio arquitetônico histórico-cultural de determinada sociedade (VINHAS, 2007, p. 11).

Na tentativa de salvaguardar as histórias vividas e passadas em representações culturais no território constituído como Parque Histórico ou Cidade Histórica de Porto Seguro, os ritos, celebrações, símbolos, monumentos e cartografias revelam o apego e a percepção de indivíduos em práticas e valores compartilhados pelos grupos de pertencimento.

### *Das seduções e riscos*

Os patrimônios forjados a partir da construção de uma narrativa nacional merecem ser compreendidos sob uma crítica ao que serviu como objeto de análise e perpetuação das relações de poder amparadas em visões binárias – colonizado x colonizador – e hierarquizadas no modelo eurocêntrico. Daí decorre a impressão que se tem dos bens culturais de Porto Seguro, território comumente conhecido pelo “nascimento” do Brasil, em narrativas sobre os “descobrimientos” e que por meio do decreto nº 72.107, datado do dia 18 de abril de 1973, o município foi elevado à condição e monumento nacional.

Os monumentos de ordem nacional contidos na Cidade Histórica, do marco às igrejas, dos casarios à antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Histórico, reforçam a ideia de que a patrimonialização do espaço e do acervo em documentos históricos entendem à reprodução das narrativas nacionais sobre o viés do colonizador.

Importa, a partir desta perspectiva, lançar um olhar atento ao quão sedutor pode ser uma narrativa de ordem nacional, na qual o regime de memória decorre de histórias universalizantes, bem como pontuar os riscos ambientados em tais histórias. Para tanto, é necessário ressignificar o território com propostas metodológicas educacionais que oportunizem o debate do ensino das relações étnico-raciais e que reclamem para os espaços o protagonismo e os laços de afetividade daqueles para quem o seu uso transborda para além da patrimonialização, do turismo, ou das narrativas universais e eurocentrada.

### *Dos laços de afetividade*

O terceiro fator, dos laços de afetividade, ampara-se na escolha por se traçar uma cartografia do afeto para o espaço social que é a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, entendendo o valor que esse bem cultural pode ter na vida dos indivíduos.

Ao longo dos anos, procurei vincular minha formação docente ao ensino de história local articulada aos bens culturais. Pensei em como criar metodologias participativas que dialogassem com as memórias afetivas em meio à comunidade.

Particpei de pesquisa sobre a temática da história do cotidiano nas casas coloniais, além de proposta de exposições sobre as temáticas indígenas e afro-brasileiras dentro do

Museu da Casa Colonial, localizado à Rua Dr. Antônio Ricaldi, nº 150, na Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.

O espaço do Museu da Casa Colonial (ANEXO 2) apresentava um acervo contendo vestuário, ferramentas de trabalho, dormitório, além de exposição fotográfica sobre a população afro-brasileira e indígena. O material foi produzido como projeto-intervenção pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) - CAMPUS XVIII e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em parceria com o Centro de Documentação Histórica (CEDOC) (ANEXO 3). Em atividades pedagógicas interdisciplinares, ocorridas entre os dias 22 e 27 de abril de 2008, participei ministrando a Exposição *As Múltiplas faces da violência no Brasil* que, a partir de materialidades históricas e réplicas produzidas pelos estudantes do curso de Licenciatura em História, abordou a violência imposta a determinados grupos, em vários períodos históricos.

A minha aproximação com a Cidade Histórica levou ao tema *Inovações Educacionais: Uma experiência do Ensino de História no Parque Histórico de Porto Seguro-BA*, apresentado como trabalho de conclusão do curso na UNEB, um projeto que vinculou a minha prática docente ao ensino de História local.

Nos últimos anos, o interesse pela temática de ensino das relações étnico-raciais fez com que entrasse em contato com estudos recentes sobre a Irmandade de São Benedito em Porto Seguro, trazendo o tema para a articulação com os bens culturais locais e mobilizando discussões sobre o protagonismo da população negra em “lugares de memória” (NORA, 1993).

No artigo Território, Devoção e Educação em São Benedito: Ritos de Sociabilidade Portossegurense<sup>1</sup>, a partir do reconhecimento de um patrimônio cultural negro em Porto Seguro presente na devoção e territorializado na igreja de São Benedito, propus novas pesquisas para que abordagens em “lugares de memórias” questionem a memória oficial, que reconhecidamente negligencia e silencia os grupos subalternizados.

Em consonância ao relato até aqui exposto, a escolha do aspecto *dos laços de afetividade* foi decisiva para se traçar o objeto de pesquisa deste trabalho. O desejo de valorizar os bens materiais e imateriais da Cidade Histórica, tecendo uma cartografia afetiva,

---

<sup>1</sup> Artigo de minha autoria publicado pela Revista IFES, volume 6, nº 2, do ano de 2020.

consolidou-se a partir das memórias dos moradores e moradoras, além das minhas próprias impressões e andanças, agora revitalizadas e compartilhadas.

### **Objetivos e justificativa**

O objetivo desta pesquisa é o de analisar o patrimônio cultural do Parque Histórico Municipal do Descobrimento (PHMD) a partir dos lugares de memória de alguns de seus antigos moradores(as), fazendo com que lembranças e experiências cotidianas destes(as) venham a subsidiar intervenções pedagógicas entre estudantes da Educação Básica, com o intuito de que estes tenham uma aproximação com o patrimônio material e imaterial da Cidade Histórica que dialogue com as memórias e traços de afetividade da comunidade local. Tal objetivo expressa o interesse de que os estudantes possam, ao visitarem esse espaço e através da cartografia afetiva, entrarem em contato com sentidos a ele atribuídos por seus próprios moradores/as e não apenas pelos idealizadores e gestores desse patrimônio. A partir dessa experiência, esperamos que a cartografia afetiva funcione num processo de comunicação entre os estudantes e os sujeitos que vivenciaram e vivenciam o espaço, contribuindo para uma decolonização dos espaços de memórias.

Sendo os objetivos específicos:

- 1- Estimular a construção e registro de percepções e experiências sobre a Cidade Histórica por parte de moradores(as) (antigos e atuais) e de estudantes visitantes;
- 2- Realizar um estudo bibliográfico na tentativa de descolonizar o discurso de narrativa nacional que se inseriu sobre a patrimonialização e a história de Porto Seguro-BA;
- 3- Relacionar prática docente ao ensino para as relações étnico-raciais, utilizando os bens culturais locais;
- 4- Valorizar os bens culturais territorializados na Cidade Histórica de Porto Seguro, disseminando práticas docentes, imagens, memórias e conhecimentos através de uma plataforma digital (um *Website*) e um guia móvel (o aplicativo *izi.Travel*).

A utilização do Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica, como suporte para o aprendizado e espaços de memória se justifica por potencializar visibilidade às relações étnico-raciais, às histórias da cultura africana, afro-brasileira e indígena, em consonância aos desafios previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), bem como na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que se insere num conjunto de afirmativas que promovem discussões e ações acerca de política de

constituição ao direito à diferença e práticas que condenam o racismo, o preconceito e a discriminação.

Admito como fundo desta pesquisa a relação de pertencimento dos(as) antigos(as) e novos(as) moradores(as) com a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, além dos(as) passantes, estudantes, pesquisadores(as), compartilhadas pelos usos, valores, e significados a partir das manifestações socioculturais, afetivas ou físicas perceptíveis. Há uma viva necessidade de contar com a participação da comunidade porto-segurense, em especial com as 9 (nove) famílias oriundas do município e que residem na Cidade Alta atualmente, as famílias Ricaldi, Tito, Menezes, Assis, Vinhas e Dias, para identificar os bens culturais, contribuindo, assim, com metodologias pedagógicas em “lugares de memória”.

### **Os caminhos para a pesquisa**

Por meio dessas diferentes formas de olhar a Cidade Histórica de Porto Seguro, sejam elas políticas, técnicas e sociais, busquei associar diferentes metodologias para identificar as múltiplas visões que os atores sociais possuem do centro histórico.

Este estudo contempla a utilização de documentos históricos, oficiais ou não, a uma breve pesquisa histórico-geográfica, de modo a subsidiar o entendimento sobre as transformações que ocorreram no espaço da Cidade Histórica. São também utilizados questionários individuais<sup>2</sup> com perguntas objetivas e discursivas direcionadas aos moradores(as), via *WhatsApp* ou *E-mail*, bem como desenhos produzidos por crianças e adolescentes da 5ª série / 6º ano, em aulas de História, com conteúdo em conformidade com a BNCC.

Deste modo, a investigação e a proximidade com o objeto em questão dialogam com uma análise qualitativa com abordagem sócio-histórica.

Na pesquisa qualitativa com enfoque sócio-histórico não se investiga em razão de resultados, mas o que se quer obter é “a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan, Biklen, 1994, p.16), correlacionada ao contexto do qual fazem parte. Assim, as questões formuladas para a pesquisa não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis, mas se orientam para a compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico (FREITAS, 2002, p.26).

---

<sup>2</sup> Visualizar a transcrição dos formulários no apêndice C.

Ocorre que o atual contexto pandêmico afetou as proximidades, mas criou novas alternativas, sobretudo com relação à utilização de recursos tecnológicos, como plataforma digitais, ferramentas e *Apps*<sup>3</sup> do *Google*. Recursos que permitiram a adequação e encaminhamento da intervenção.

Cabe ressaltar que, devido ao caráter de movimentação que esse estudo traz, decidi por utilizar a cartografia como método, haja visto sua aproximação com as ciências humanas e sociais. Entre os primeiros estudos que propõe a utilização da cartografia como método, numa proposta inserida dentro das subjetividades, encontra-se as reflexões de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), no livro *Mil Platôs*.

Em o *Princípio de cartografia e de decalcomania* (DELEUZE E GATTARI, 1995), os autores inserem a cartografia nos princípios do conceito de rizoma. Não me aprofundarei aqui sobre a multiplicidade de conceitos que os autores trazem sobre “rizoma”, mas a priori podemos de forma simplificada dizer que estudos e pesquisas amparados em princípios rizomáticos movimentam-se para além das construções binárias de causa e efeito, como os estudos voltados ao modelo racional e cartesiano<sup>4</sup>, que outrora povoaram os métodos de pesquisa.

A cartografia como método de pesquisa foi pensada Gilles Deleuze e Felix Guattari, na década de 60 do século XX, a partir do entendimento de que os modelos de pesquisa demonstrativos-representacionais da época não davam conta do teor processual do objeto de seus estudos. A cartografia não se define por um conjunto de procedimentos definidos a serem aplicados a um determinado campo, é antes de tudo, uma atitude a ser experienciada no decorrer da pesquisa (ARAÚJO, 2019, p. 37-38).

O desafio que nos lança a cartografia enquanto método é tornar a pesquisa consistente, ao passo que dialoga com possibilidades, com conhecimento que se sustenta pelo pensamento aberto e inconstante. Neste sentido, o pesquisador tende a se deparar com situações que exigem flexibilidade e um pensamento aberto para o que emergir.

Além disto, adequiei a pesquisa ao que considero também importante para o debate historiográfico contemporâneo, que é o uso da análise de imagens. Sem dúvida, pensar as

---

<sup>3</sup>A sigla vem da palavra em inglês *Application*, que significa aplicação. O App é um software para dispositivos eletrônicos que auxiliam os usuários a realizar determinadas tarefas. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-significa-app>, acesso em fevereiro de 2021.

<sup>4</sup>O método cartesiano é baseado na dedução pura, consiste em começar com verdades ou axiomas simples e evidentes por si mesmos, e depois raciocinar com bases nele, até chegar a conclusões particulares. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cartesiano/>. Acesso em agosto de 2021.

imagens sob duas frentes: o olhar de quem a produz ou escolheu e o de quem a recebe, como categoria de análise, considerando o que não está posto, seja através de fotos antigas ou atuais, seja através de gráficos, plantas e mapas.

A desconstrução, usando fotos em conjunto com o testemunho oral e documentos escritos, juntando diferentes classes de evidência, ou usando uma para expor os silêncios e as ausências da outra, é um procedimento que os historiadores podem usar para sustentá-los na explicação e interpretação de velhas fotos (SAMUEL, 1997, p. 65).

Em síntese, pensando os caminhos para a pesquisa, e adequando ao contexto decorrente da pandemia SARS-CoV-2, particularmente no que se refere à observação do objeto, a pesquisa passou a envolver plataformas digitais e entrevista em formulários *Google*, como forma de evitar contatos físicos com os entrevistados. Foram feitas a identificação dos bens culturais territorializados na Cidade Histórica de Porto Seguro. A partir daí a descrição, para desenvolver e apreender o que foi visto ou sentido pelos agentes envolvidos na abordagem, contemplando assim, a proposta metodológica de se articular o método sócio-histórico, a cartografia e o uso de imagens.

## Os Capítulos

O presente estudo *O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA* está dividido em introdução, três capítulos e considerações finais.

O capítulo com o título **História, Patrimônio e Ensino**, traz, como ponto de partida conceitual, o lugar da história dentro do processo de patrimonialização no Brasil. Aborda, também, aspectos sobre a prática docente e o ensino para as relações étnico-raciais em consonância com a Lei 11.645/08, utilizando o patrimônio local. Dialoga sobre a importância das casas e dos museus, vinculando passado e presente, e o uso destes espaços como recurso pedagógico.

Em seguida, o capítulo **Um novo e velho patrimônio da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA: o apresentado** descreve o processo de patrimonialização do Parque Histórico de Porto Seguro-BA, sua localização geográfica e sua história. Analisa como a narrativa

colonizadora retrata/ou os bens culturais produzidos e representados no município de Porto Seguro-BA, bem como os riscos e seduções que esses criam no imaginário social.

O capítulo **Caracterização das cartografias sociais e registros de memórias: o referenciado** representa o eixo central deste estudo e reflete o percurso por mim trilhado. Referencia um espaço carregado de metodologias pedagógicas, como o uso da cartografia social em aulas de História para estudantes da Educação Básica. Incorpora, ainda, análises sobre um patrimônio negro localizado na Cidade Histórica, a igreja ou capela de São Benedito.

O capítulo **Por uma cartografia do afeto: planos de execução e representação visual da cartografia afetiva** é dedicado à apresentação de uma plataforma digital (*Website*) e um guia móvel (*izi.Travel*) construídos ao longo da pesquisa, tendo como objetivo divulgar e valorizar os bens culturais da Cidade Histórica de Porto Seguro e trazer visibilidade às histórias e narrativas de seus moradores.

## 1. HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E ENSINO

---

Considero relevante iniciar este capítulo com a reflexão de Márcia Chuva sobre a relação entre História e patrimônio: “Se os historiadores produzem o passado e é o passado que faz uma nação, os historiadores do patrimônio fazem política inventando o patrimônio nacional, atribuindo valor e significados a bens e práticas culturais que circunscrevem os limites da nação” (CHUVA, 2012, p.11). É com essas palavras que inauguro este capítulo com destaque para a História como ciência que articula patrimônios integrados a um processo de construção de narrativas nacionais e a formação do estado-nação, posto que ter uma nação é inerente à humanidade<sup>5</sup>. A História atua na atribuição e afeição referentes aos bens culturais, na compreensão da lógica sobre identidade cultural e na abordagem que se dá a determinados grupos sociais que conferem sentido a patrimônios que se quer salvaguardar.

Pensar o papel do historiador e da historiografia brasileira é compreender como na esfera política se constituiu esse país tão recente. De particularismos, a história brasileira está relacionada à camada dirigente tão atuante em nome próprio, servida dos instrumentos políticos derivados da posse do aparelhamento estatal e que ao receber os impactos de novas forças sociais vê-se na necessidade de amaciá-las, domesticá-las, embotando-lhes a agressividade transformadora, para incorporá-las a valores próprios<sup>6</sup>.

Certamente um dos papéis do historiador está no desmonte das estruturas de poder, “na adoção de sutis táticas de resistência” (CHUVA, 2012, p.11), “o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador” (LE GOFF, 1990, p.91).

Para pensar as questões patrimoniais e a História é importante que se reconheça o papel do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e sua atuação em “selecionar, determinar e criar um determinado patrimônio nacional” (SCHWARCZ, 2012, p. 337), com as demandas

---

<sup>5</sup>Em uma perspectiva sobre a identidade cultural como produtora de culturas nacionais, Stuart Hall (2006, p.48-49) analisa que a nação é inerente ao homem, uma vez que ela não se limita apenas ao campo político, mas a algo que produz sentido, “a nação é uma comunidade simbólica”.

<sup>6</sup>Faoro (2001), ao tratar no Capítulo XV “Mudança e Renovação” sobre os critérios ideológicos do que o autor chamou de “estamento burocrático”, obteve na história, mesmo a mais recente, o interesse de manter o poder nas mãos de uma elite.

sociais que se queria pautar. Criado em 1838, em vias de um projeto nacional e patrocinado por D. Pedro II, contribuiu para forjar uma história com ícones em narrativas nacionais<sup>7</sup>.

Uma gama de literatos e pesquisadores conversavam sobre a criação de um projeto onde os diversos grupos étnicos - brancos, indígenas e negros - fossem reverenciados e registrados. Pesquisas feitas por naturalistas, a exemplo de Karl Philip Von Martius, destacavam as “exoticidades” do povo e da vegetação tropical, o que fortaleceu o interesse do Imperador, com apoio da elite da corte, intelectuais e vassallos fiéis, na criação do IHGB. “Com ele consolidou-se a construção de uma história nacional tendo como modelo uma história de vultos e de grandes personagens exaltados como heróis, além da defesa veemente de uma memória da origem do Brasil” (SCHWARCZ, 2012, p. 341-342), além de hierarquizar modelos que reiteravam uma visão eurocentrada e eurocêntrica, seja pela visão sobre os indígenas, seja pelo silêncio à população negra.

Entre as narrativas produzidas no Brasil do século XIX, cronistas coloniais, sobretudo do século XVI, ganharam destaque por cumprirem o papel de destacar a importância na história do Brasil, da presença portuguesa. As discussões para a configuração da história-narração levaram à consideração dos lugares pátrios e históricos, sobretudo “a primeira terra descoberta” pelos portugueses no Novo Mundo, Porto Seguro, no sul da Bahia<sup>8</sup>.

As noções de História e patrimônio cultural convergiram, ao longo do tempo, para a elaboração de políticas públicas de valoração da memória para além do bem edificado. No Brasil há singularidades sobre esse tema no que se refere ao que é bem patrimonial e a necessidade de se estreitar os laços com a noção de cultura, o que estimula pesquisas e construções de outras versões para a nossa narrativa histórica.

Uma visão inicial reducionista que enfatizava a noção de patrimônio nos aspectos históricos consagrados por uma historiografia “oficial”, centrada em episódios bélicos e figuras paradigmáticas - quando não em recortes cronológicos arbitrários

---

<sup>7</sup> A historiadora Lilia Schwarz (2012) destacou ser o Brasil, na primeira metade do século XIX, reino estendido de Portugal, o que oficialmente se deu a partir do Golpe de Maioridade, em 1840, onde o então Partido Liberal “agitou” o Senado ao declarar Pedro de Alcântara, D. Pedro II, maior antes dos 15 anos e, portanto, apto a governar o Brasil. Vale ressaltar que D. Pedro II governou o Brasil por 58 anos aproximadamente, tendo sido o segundo e último monarca do império português em terras brasileiras.

<sup>8</sup> O debate em questão se pauta a partir dos estudos do pesquisador e historiador Francisco Cancela, em “Mapeando memórias, descrevendo histórias: a antiga Capitania de Porto Seguro num manuscrito colonial inédito” (CANCELA, 2018, p. 124-126), onde a partir da descrição do documento escrito pelo ouvidor José Marcelino da Cunha, analisa o mapa topográfico da Capitania de Porto Seguro. Trouxe também trecho de escritos de Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, como idealizador dos anseios políticos do Segundo Reinado e que tão bem cumpriu o seu papel de exaltar a antiga memória colonial na historiografia brasileira.

- foi se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que inclui o “cultural”, incorporando ao “histórico” as dimensões testemunhais do cotidiano e os efeitos intangíveis (GUTIÉRREZ, 1992, p. 121).

Assim foram estruturadas diversas iniciativas destinadas à criação de centros de memória, projetos de revitalização de sítios históricos urbanos, instalação de núcleos de documentação e pesquisa, memoriais, museus, programas de história oral, elaboração de vídeos e documentários, dentre outros.

A historiografia brasileira tradicional perpetuou por longos anos, a preservação do patrimônio produzido pelos grupos hegemônicos privilegiando a ação dos “heróis nacionais”, esquecendo-se da diversidade dos sujeitos históricos. Tudo isso refletiu na apreciação dos patrimônios do país, além de influenciar na política de preservação e pertencimento.

Elegemos, no decorrer da História, os bens culturais representativos dos segmentos dominantes, sobretudo os ligados ao elemento de origem europeia, e relegamos ao esquecimento a contribuição de outros segmentos étnicos na formação da cultura brasileira (ORIÁ, 2013, p. 135).

Observa-se que ao longo de anos tudo o que foi produzido pela humanidade e constitui memória histórica esteve à mercê de grupos específicos na História, que a utilizavam para perpetuação de uma memória de dominação.

Contudo, a partir da década de 1980, com a mudança historiográfica no Brasil, ganha-se notoriedade a história dos “excluídos”, valorizando os bens culturais produzidos pelos diferentes grupos sociais. Para exemplificar, o recente Grupo de Trabalho Interdepartamental para Preservação do Patrimônio Cultural de Matriz Africana (GTMAF) que atua na preservação do patrimônio cultural de bens relacionados aos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, instituído pela Portaria Iphan nº 307, de 30 de julho de 2018, ou ainda, este programa de Pós-Graduação, o PPGER, criado em novembro de 2014 juntamente com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), e destinado a formação profissional de professores, sobretudo da Educação Básica, para diálogos sobre diversidade, em particular aqueles baseados nas questões étnico- raciais, de gênero e sexualidade. Sem contar os inúmeros núcleos e grupos de pesquisa destinados ao reconhecimento e valorização da diversidade histórica e cultural dos povos indígenas, cada vez mais impulsionados e/ou criados pelos próprios indígenas, como agentes de suas próprias memórias, saberes e

demandas contemporâneas, igualmente presentes no PPGER, dentre inúmeras outras instituições, fóruns, instâncias e comunidades.

No que se refere ao significado de patrimônio, inicialmente passou-se a considerar que estes deveriam se restringir apenas a monumentos e edifícios antigos, prédios e casarões. Tal premissa ficou expressa na primeira legislação patrimonial produzida no país, o Decreto-lei nº 25/37, que em seu art. 1º define:

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937).

O decreto, que passou a vigorar em pleno Estado Novo (1937-1945), no governo de Getúlio Vargas, priorizava as edificações em detrimento de outros bens culturais produzidos, sendo a política de preservação implementada pelo então Serviço do Patrimônio e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Deve-se destacar que à época buscava-se explicar, e por que não dizer forjar, uma identidade única, descartando a pluralidade étnico-cultural formadora da sociedade brasileira.

Atualmente, há um dedicado estudo de pesquisadores das manifestações culturais e o que antes era patrimônio histórico artístico virou patrimônio cultural e se estendeu ao conhecimento das mais variadas produções humanas. Analogicamente, o que antes era definido pelos órgãos oficiais vinculados ao governo, hoje passou a ser de responsabilidade de representantes da sociedade civil, arquitetos, arqueólogos e historiadores que se encontram presentes na seleção e preservação dos bens culturais. Podemos definir bem cultural como:

toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independentemente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia (GODOY *apud* ORIÁ, 2013, p.132).

Em conformidade, a Constituição Brasileira adota a denominação Patrimônio Cultural em seu artigo 216, Seção II – DA CULTURA, nos seguintes termos:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I- as formas de expressão;
- II- os modos de criar, fazer e viver;
- III- as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV- as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Sobre a importância dos bens imateriais, o Governo Federal ainda instituiu, através do Decreto-Lei nº 3.551/2000, o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem Patrimônio Cultural brasileiro, no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. São quatro livros de Registro: Livro de Registro de Saberes; Livro de Registro de Celebrações; Livro de Registro das Formas de Expressão e Livro de Registro dos Lugares (IPHAN, 2000).

Os bens culturais podem ser materiais e imateriais. Bens materiais são os concretos, holísticos, tangíveis, como por exemplo: construções; obras de arte; monumentos naturais; roupas; utensílios domésticos; móveis; livros; instrumentos musicais; ferramentas de trabalho; veículos; entre outros. Já os bens imateriais são os interligados à produção do conhecimento humano, ao simbolismo, aos valores afetivos, como as ideias, o pensar, os modos de criar, de fazer, de viver; as tradições podem ser citadas como bens imateriais, as crenças, o folclore, as festas populares, religiosas, a maneira de pescar, caçar, cultivar, colher, entre tantos outros exemplos.

### **1.1. Patrimônio Cultural e o Ensino das Relações Étnico-Raciais: análises sobre a prática docente**

Abro este tópico com uma análise da prática docente para o ensino de História. Para tanto, me reporto às orientações específicas de um manual didático para o terceiro bimestre em turmas de 7ºs anos / 6ª série, da Educação Básica. Os assuntos a serem abordados estão de acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016) e assim estruturados: “Os povos que os portugueses encontraram”; “A conquista e o início da colonização”; “Escravidão e Resistência Indígena”; “O Nordeste Açucareiro”; “O trabalho escravo e o trabalho servil”; “O tráfico transatlântico” e “A escravidão Africana no Brasil”. Títulos em temáticas anteriores

versavam sobre as navegações europeias e suas investidas no “novo mundo”, a política mercantilista e o contato com as populações indígenas<sup>9</sup>.

Dentro de cada subtema, as questões abordadas subsidiam reflexões relacionadas ao ensino das relações étnico-raciais, a exemplo das páginas que abrem a unidade com o título “O importante é celebrar”, fazendo menção aos jogos nacionais e regionais dos povos indígenas, com objetivo de levar o(a) estudante a refletir sobre a prática de jogos e esportes dentro e entre as comunidades indígenas do Brasil. Tais reflexões não apenas reverberam a história e memória dos povos indígenas, sua maneira de celebrar seus jogos tradicionais, sua forma de manifestar, competir e interagir com povos distintos de várias regiões do Brasil, indo além ao sugerir uma discussão que permite que aspectos enraizados pela colonialidade sejam questionados e refutados.

E seguem as discussões da unidade com a “Diáspora Africana”, que aborda a análise da transposição forçada de populações para a América e dialoga com a dimensão que esse movimento sociocultural exerceu para as permanências de características africanas reelaboradas ao longo da escravidão e contatos interétnicos nas sociedades contemporâneas.

O material impresso é complementado pelo material digital numa plataforma onde estudantes e professores podem ter acesso também aos recursos digitais disponibilizados para o uso em computadores, *tablets* e celulares. Haja vista a infinidade de aplicações, multimídias, categorias de jogos, entre outros, escolhi trazer um recorte ao material “Rotas Didáticas - Curadoria”, da coleção Araribá Plus, disponível em PDF para uso dos professores. O material propõe indicações de recursos digitais relacionados aos temas desenvolvidos durante a unidade. São vídeos, textos, *apps* e outros conteúdos *online*, articulados e selecionados por professores, como, por exemplo, o uso da Hemeroteca Digital Brasileira, que contém um acervo riquíssimo a contribuir com as aulas de história.

Temáticas que tratam sobre o ensino das relações étnico-raciais se fazem presentes nos livros didáticos atuais, no entanto, há um tardio desenvolvimento de produção historiográfica que articule ensino de história, comprometida com a complexidade das questões raciais no Brasil.

Pensando o livro didático, se faz necessário a compreensão de que:

(...) este é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição, que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à

---

<sup>9</sup> O manual didático e os conteúdos de História abordados são encontrados em: APOLINÁRIO, Maria Raquel. História: *Projeto Araribá Plus*. 5. ed São Paulo: Moderna, 2018. (7º ano), Vol. 3, páginas 230 a 296.

lógica do mercado. É também um depositário dos conteúdos escolares, sendo suporte básico e sistematizador dos conteúdos elencados pelas propostas curriculares. (BITTENCOURT, 1996, p. 71)

Pesquisas sobre livros didáticos (OLIVEIRA, 2013; FERREIRA, 2016) como suporte a educadores e educadoras apontam o paradigma referido. Neles, em geral, os conteúdos são elencados a partir de uma historiografia do Centro-Sul, fato que indica a concepção que permeia o currículo nacional, uma abordagem homogeneizadora e monoculturalista que deixa à margem histórias tidas por histórias regionais e locais, enquanto contempla nos manuais didáticos “a cultura escolar dominante” (FERREIRA, 2001; MACHADO, 2002), de currículo e educação eurocêntricos.

Nilma Lino (2012), tratando sobre a complexidade da questão racial no Brasil no que diz respeito à educação escolar, reforça que deslocar o currículo contra essa abordagem homogeneizadora, ainda é tarefa difícil, tanto nos currículos quanto nas práticas pedagógicas existentes na educação básica atual. Mas pode-se afirmar que as escolas com enraizamento crítico-reflexivo se aproximam mais desse movimento. “Essa situação se dá menos pela existência de um debate e uma reflexão profunda entre os/as próprios/as docentes, gestores/as e pedagogos/as que protagonizam as práticas na perspectiva da Lei 10.639/03, e mais pelo senso de justiça social desenvolvido por esses sujeitos” (GOMES, 2012, p.350).

No campo educacional, a Lei 10.639/03 modificada pela Lei 11.645/08, transfere a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena para o currículo e redes de ensino. Essa lei não é apenas um instrumento de orientação para o combate à discriminação. É uma lei afirmativa, no sentido de que reconhece a escola como lugar de cidadania, onde se firmam a necessária valorização das nossas matrizes culturais, reconhecendo a importância desses grupos na formação histórica, econômica, social e cultural do país, bem como de suas lutas de enfrentamento ao racismo.

No que diz respeito à Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016), ela propõe para o Ensino de História nas séries finais:

A valorização da história da África e das culturas afro-brasileira e indígena (Lei nº 10.639/2003 e Lei nº 11.645/2008) ganha realce não apenas em razão do tema da escravidão, mas, especialmente, por se levar em conta a história e os saberes produzidos por essas populações ao longo de sua duração. Ao mesmo tempo, são objetos de conhecimento os processos de inclusão/exclusão dessas populações nas recém-formadas nações do Brasil e da América ao longo dos séculos XIX e XX (BRASIL, p. 414-415, 2016).

Uma metodologia para a efetiva implementação dessa legislação é a pedagogia decolonial. Essa metodologia considera “as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber” (OLIVEIRA e CANDAU, 2010, p.24). De modo que, aponta caminhos para o ensino de História da África e dos afro-brasileiros e indígenas, mesmo em contextos locais, como Porto Seguro, onde ainda há poucos estudos historiográficos sobre a experiência dessas populações durante a escravidão e pós abolição.

Sobre as políticas educativas para as relações étnico-raciais em Porto Seguro, Campos (2018), em seus estudos recentes sobre a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08, considerou que:

podemos constatar que em 2007 ocorreu um florescimento nos debates para a implementação da Lei nº 10.639/2003 na rede municipal de ensino de Porto Seguro. Esses debates foram inseridos na pauta mediante as ações realizadas pelo Movimento Negro do Município, através do Instituto Sociocultural Brasil Chama África (ISCBA). Diante das demandas logo foi criado o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, que por sua vez, verbalizou perante a gestão municipal a necessidade da criação de ações que atendessem as demandas da população negra (CAMPOS, 2018, p.147).

Ao mobilizar estas iniciativas somente em 2007, os órgãos gestores da Secretaria Municipal de Educação (SME), a Secretaria Estadual da Promoção da Igualdade (SEPROMI), a Secretaria Municipal do Trabalho e desenvolvimento social (SMTDS), tentaram viabilizar a construção dos dispositivos para a implementação de Políticas Públicas voltadas para a Promoção da Igualdade Racial em Porto Seguro (CAMPOS, 2018).

Em 2010, de acordo com a resolução Nº 038/2010, o Conselho Municipal de Educação de Porto Seguro, em conformidade com a Lei Federal nº 11.645/2008 “alterou a nomeação do Componente Curricular da parte diversificada para Diversidade Afrodescendente e Indígena (DADI), passando a vigorar a partir do ano letivo subsequente à sua aprovação” (CAMPOS, 2018, p. 149). Assim, desde 2010, o município de Porto Seguro apresenta o componente curricular Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nas redes municipais de ensino, o qual trata as necessárias e urgentes discussões sobre as experiências e contribuições negras e indígenas para a história do Brasil.

Porém, é preciso refletir sobre a carência efetiva de textos que tratem sobre o território porto-segurense e que possam contribuir para a formação de professores que trabalhem

temáticas do DADI. Documentos, artigos, pesquisas e dados que computem, por exemplo, propriedades, censos de populações indígenas e africanas, ações de liberdade na Capitania de Porto Seguro, sua constituição enquanto vila de pescadores e polo madeireiro. Faltam, ainda, pesquisas historiográficas que abordem os bens culturais expostos no Museu Aberto do Descobrimento (MADE)<sup>10</sup>, bem como sobre a necessidade do desmonte ao “fetichismo” que se fez em torno dos descobrimentos e a fachada colonial, como atrativos.

Se seguimos na argumentação que, para estudar, pensar e tratar da decolonização dos espaços de memória é igualmente necessário tratar do cotidiano e dos sujeitos sociais envolvidos nas relações que ali destacamos, urge evidenciar que esses espaços sejam pensados em relação direta com os intelectuais e movimentos sociais indígenas e negros. O protagonismo desses grupos é fundamental para que se desestabilize a colonialidade do poder e do saber (GIL E MEINERZ, p. 25, 2017).

Sobre os modelos de investigação dos bens culturais em espaços de memória, a abordagem do(a) professor(a)-historiador(a), que traz uma análise sobre patrimônio, deve ser realizada pelo cenário do território, tendo o espaço como esforço humano, seja no “habitar, no viver agregado (conjuntos, ordem, centralidade) e aos intercâmbios – a mobilidade, a circulação” (TRINDADE, 2012, p. 303). Ele(ela) também coleta informações, constitui material para análise, explica fatos visíveis da cultura, materializados num dado território.

Ao se lançar a proposta da utilização do patrimônio cultural como recurso didático para o ensino das relações étnico-raciais, faz-se necessário utilizar metodologia específica que oriente o(a) professor(a) para essa proposta educacional, como o uso da educação patrimonial e das cartografias sociais, cujo objetivo seja a identificação do bem e das referências culturais que o permeiam.

A partir do que foi explicitado, na perspectiva de se utilizar o patrimônio cultural como fonte primária para produção do conhecimento histórico, reitero que o patrimônio da Cidade Histórica de Porto Seguro, objeto de análise desta dissertação, está posto como local de aprendizagem e ressignificação do que foi apresentado, a partir dos registros e documentações históricas. Proponho que a aproximação dos alunos com tal universo seja fomentada não só a

---

<sup>10</sup> O Museu Aberto do Descobrimento (MADE), criado pelo decreto de lei 1874/96, engloba os municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte. Abrange vasta região do sul da Bahia, cobrindo 3 municípios e várias aldeias e terras indígenas, sendo escolhido para ser o projeto piloto do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais, 2000). Ver IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Inventário Nacional de Referências Culturais*: manual de aplicação. Brasília: Iphan, 2000. Ver também Almeida e Macedo (2018).

partir de visitas físicas, como também viabilizadas por estratégias tecnológicas que favoreçam experiências de visita virtual, como estratégia de driblar os condicionantes decorrentes do contexto da pandemia pela COVID-19, que inviabilizam a primeira opção *in loco*.

Para tanto, trago sugestões de atividades e planos de ensino de acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2016) e objetos do conhecimento, para o ensino de História em séries finais da Educação Básica. No entanto, questiono o currículo oficial e relaciono possibilidades de interação dos estudantes com uma diversidade de elementos patrimoniais que podem promover aproximação com e sobre o acervo cultural da região.

## Museu Histórico de Porto Seguro

Planta de uma Nau	O mundo indígena
 <p><b>Figura 1-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Planta de uma Nau.</p> <p><b>Fonte:</b> images.eliaspinheiro.multiply.com</p>	 <p><b>Figura 2-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Cocar indígena.</p> <p><b>Fonte:</b> images.eliaspinheiro.multiply.com</p>
<p>Qual o contexto histórico das navegações europeias? Que engenhosidades e técnicas eram utilizadas na época? Por que se questionar a noção de “Descobrimientos”, dentro da temática sobre as Navegações Europeias?</p>	<p>Quais os povos que habitavam o Brasil antes dos portugueses? Qual a importância dessas culturas na formação do povo brasileiro? Índios ou indígenas? Porque o termo “índio” originalmente designa uma visão preconceituosa do colonizador? Os povos Pataxós em Porto Seguro, mesmo contando com uma das maiores populações indígenas da região, com mais de 30 aldeias na localidade, se reconhecem nos acervos contidos no Museu Histórico de Porto Seguro-BA?</p>

## Museu Histórico de Porto Seguro

Formas de cerâmica	Urnas Funerárias
 <p><b>Figura 3-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Formas de cerâmica.</p> <p><b>Fonte:</b> Adaptadas do <i>Google Earth</i> pela autora, 2020.</p>	 <p><b>Figura 4-</b> Objetos contidos no Museu Histórico: Urnas Funerárias.</p> <p><b>Fonte:</b> Adaptadas do <i>Google Earth</i> pela autora, 2020.</p>
<p>Esses utensílios eram usados na fabricação de qual produto nacional? O que a arqueologia nos conta sobre sua localização?</p>	<p>Leia o trecho a seguir: “(...)apenas as urnas funerárias expostas nesta sala são peças extraídas no território porto-segurense, sendo os demais objetos oriundos dos índios do Xingu (CANCELA, 2020, p. 59).</p> <p>Pergunta-se: A partir do trecho acima, dialogue sobre os motivos de se conservar poucos exemplares dos bens culturais produzidos pelos indígenas porto-segurense? Pense sobre o porque de se conservarem no Museu Histórico apenas as urnas funerárias, que são recipientes de enterrar os mortos, sendo que o território é marcado pelas experiências dos povos originários em vida.</p>

Com a utilização do Museu Histórico de Porto Seguro como fonte de conhecimento, pode-se destacar a sua relevância para a comunidade local por conter patrimônio material e imaterial. Contudo, é necessário ampliar discussões sobre os modelos que reiteram a narrativa sobre os descobrimentos. Questionar sobre a pouca ou quase nenhuma presença de artefatos dos povos originários locais e, principalmente, a quem interessa ou interessou a política de patrimonialização desse espaço. Para além do proposto, pensar o espaço para dinâmicas, a

exemplo do que acontece no MAE / USP-SP, com exposições de histórias e tradições, vestimentas e fotografias selecionados pelos povos originários (ANEXO 1).

Como sugestão da metodologia para Educação Patrimonial e ensino das relações étnico-raciais, os estudantes podem ser levados a observar o Museu e seu acervo através de uma visita virtual, para que possam conhecer o objeto de estudo. Em seguida, sugere-se que registrem os questionamentos para serem respondidos em aula com o objetivo de fixar o que foi visto e analisado. O passo seguinte é explorar o Museu e levantar questionamentos sobre a funcionalidade para a população local. A partir desse momento, sugere-se que os estudantes analisem os depoimentos, relatos de memórias dos moradores e moradoras locais, e relatem o que viram e ouviram através do material recolhido, finalizando a atividade com desenhos, e expondo, portanto, suas impressões e o valor de referência cultural contido nesse espaço.

### A capela de São Benedito

A Capela	São Benedito
 <p data-bbox="245 1704 837 1765"><b>Figura 5-</b> A capela ou igreja de São Benedito, na Cidade Alta de Porto Seguro.</p> <p data-bbox="245 1805 837 1839"><b>Fonte:</b> Adaptadas do <i>Google Earth</i> pela autora, 2020.</p>	 <p data-bbox="874 1704 1377 1765"><b>Figura 6-</b> Imagem de São Benedito no interior da capela.</p> <p data-bbox="874 1805 1238 1839"><b>Fonte:</b> Josemir. <i>Site Jojô Notícias</i>.</p>
<p data-bbox="240 1854 839 1995">Em qual contexto se insere a construção da antiga igreja de São Benedito? É possível verificar permanências e transformações dentro e fora da Capela ou Igreja de São</p>	<p data-bbox="868 1854 1414 2027">Qual sua representação e importância para as populações escravizadas no contexto colonial e pós colonial? No Brasil e em Porto Seguro ainda se verificam forte devoção a São Benedito? No contexto</p>

Benedito? Qual a vinculação da igreja à experiência negra?	histórico da mineração, a forte presença da igreja católica esteve ligada às irmandades religiosas. As irmandades mineiras tiveram as mesmas características e atribuições que as baianas? O que se sabe sobre a irmandade de São Benedito?
--	---

**Quadro 1-** Trabalhando com trechos de artigos publicados em livros, em fórum de discussão:

No altar-mor, abaixo do formoso trono em quatro níveis, abrem-se três nichos portadores de arcos moldurados, que, ao lado direito, abriga a imagem de Santo Inácio de Loiola (patrono dos jesuítas), cuja presença desconcertante parece reivindicar a antiga posse do lugar; ao lado esquerdo, tem-se a imagem de Santa Efigênia, uma das mais prestigiadas figuras do panteão de santos negros do catolicismo, que rouba a cena em meio às outras imagens com encarnações brancas; e, ao centro, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, reconhecida tradicionalmente como padroeira de todos os “pretos” da cidade. Nos altares colaterais, que avançam para além do arco do cruzeiro, duas expressões distintas podem ser notadas: do lado esquerdo, um delicado conjunto de imagens da Sagrada Família, com José, Maria e Jesus numa manjedoura; do direito, a imponente imagem de São Benedito, com seus cabelos crespos, lábios carnudos, nariz achatado e impressionantes olhos de vidro. Sendo assim, dos cinco nichos destinados à acomodação das esculturas devocionais da igreja, três são santos (de) negros – o que reforça o argumento da importância deste equipamento como o principal lugar de memória da presença e contribuição da população negra na cultura da cidade (CANCELA, 2020, p.68).

**Pergunta-se:** Como as esculturas devocionais a santos negros e as festas a São Benedito, podem contribuir para valorizar os bens culturais que traduzam a história e a memória de negros e outros tantos grupos distintos dos conquistadores e colonizadores portugueses?

Pierre Nora (1993) afirma que tudo que é chamado hoje de memória não é memória, mas já é História. A necessidade da memória é uma necessidade da História (NORA, 1993). Assim, o “lugar de memória” está na história do coletivo e no social, a ser perpetuada pelo indivíduo quando essa assume importância para o coletivo. Neste sentido, a devoção a São Benedito em Porto Seguro é entendida aqui como “lugar de memória” da experiência negra, servindo-nos como vestígio-evidência, um meio, portanto, para acessar essa experiência nas aulas de História, capaz de desestruturar um currículo e educação eurocêntricos.

Por uma pedagogia de valoração das tradições e da cultura negra, na perspectiva do ensino das relações étnico-raciais, a proposta de se trabalhar o patrimônio negro a partir da uma igreja ou capela pode ser bem desenvolvida tendo como palco a territorialização da memória referente ao culto a São Benedito. Com este intuito, apresento planos de ensino de

História para turmas de 6º ano (5ª série) e 7º ano (6ª série) da Educação Básica, de acordo com a BNCC (2016), com objetivo de trabalhar a temática em modelo remoto, haja vista o atual contexto pandêmico.

Dentre os aspectos a serem analisados destaco a importância da patrimonialização e o direito à memória, a partir do objeto do conhecimento *Patrimônio e Memória*, em turmas do 6º ano (APÊNDICE A), com proposta para se compreender os bens culturais locais. Para o objeto do conhecimento, trabalhado em turmas do 7º ano (APÊNDICE B) - *A Sociedade Mineira: divisão social, arte e fé*, propor uma interface entre a presença das irmandades religiosas mineiras e a Irmandade de São Benedito, presente no município de Porto Seguro.

A partir das possibilidades apresentadas até aqui, o patrimônio cultural da Cidade Histórica pode servir como recurso pedagógico. Em seu interior podemos fazer uma análise sobre os bens culturais contidos no museu histórico, nas casas em histórias do cotidiano, nas igrejas e suas manifestações socioculturais, todos instrumentos importantes para a viabilização do conhecimento histórico. Paralelamente, o estudo da história local traz o recolhimento de fontes importantes para a perpetuação da memória social coletiva, que poderão ser utilizados em pesquisas posteriores.

## **1.2. Vivências e mensagens de aprendizagem a partir das Casas e Museus**

Destaco, dentre elementos presentes nos bens culturais descritos pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC-BA, 1985;1988) e informações locais, algumas das casas e museus dispostos na Cidade Histórica de Porto Seguro para que possamos compreender as mudanças a que o espaço urbano foi submetido em decorrência de ações do poder público ou dos moradores e as mensagens de aprendizagem contidas nestes ambientes.

### **1.2.1. As Casas**

Algumas casas existentes na Cidade Histórica, de acordo com o Inventário de Proteção ao Acervo Cultural; Monumentos e Sítios do Litoral Sul (IPAC) apresentam a planta típica das residências mais nobres do período colonial, isto é, corredor central que liga a rua ao

quintal, para onde se abrem salas e alcovas<sup>11</sup>. Uma porta gradeada no corredor separa o setor social do íntimo da casa. Estruturalmente, a casa é formada por uma caixa de alvenaria mista com uma mediana, também de pedra, que sustenta a cumeeira<sup>12</sup>. As demais divisórias são paredes delgadas, não estruturais. Este esquema pode ser observado em casas rurais da Chapada Diamantina, como as casas da Lagoa e do Barão (Livramento/Ba), nas fazendas Pau de Colher (Brumado/Ba) e Bicudo (Tanhaçu/Ba), além do Chalé do Dr. Antônio Ricaldi (Cidade Histórica de Porto Seguro/Ba), todos do século XIX (IPAC-BA, 1985).

Sobre esse tipo de construção colonial, Thomas Lindley, viajante inglês que esteve na Vila de Porto Seguro aos oitocentos, cita que “na província cerca de meia dúzia possui sobrado, sendo a maior delas a da municipalidade (Casa de Câmara) e a prisão, edifício de certas proporções” (LINDLEY, 1969, p.149). Lindley deixou suas impressões sobre os casarios coloniais, o cotidiano da época e a situação de pobreza da província de Porto Seguro.

Segundo descrição histórica do IPAC (1985), algumas das casas à rua Dr. Antônio Ricaldi foram construídas na segunda metade do século XVIII, com estrutura em pedra, divisórias e janelas com conversadeiras<sup>13</sup>. Algumas delas contêm mobiliário da época, embora quase todos os cômodos tenham sido transformados (ver Anexo 7).

Outra informação importante diz respeito às ações judiciais e reconhecimentos de direitos sobre propriedade, como se pode observar no trecho:

1953 - Nesta época falece Sr. Manoel Bastos, proprietário da casa de nº 75. Atualmente, a casa encontra-se em litígio, pois o Sr. José Rodrigues, que a alugou em 1951, alega direitos sobre a mesma (1). A casa de nº 67 foi propriedade de Jovino Vinhas. Por sua morte, passou, por herança, aos filhos: José, Maria e Maria José Vinhas Borges, que a venderam a Edson Ramalho Júnior, atual proprietário. (IPAC, 1985)

A partir de uma análise mais detalhada e por contato com as famílias proprietárias das casas na Cidade Histórica, o que se percebe é que boa parte delas são construções mais recentes do que as histórias apresentadas em *sites*, por guias locais e até pesquisadores. A fachada colonial criou uma ideia de que as construções neste *lugar* deveriam servir a uma

<sup>11</sup> Alcova (ô).s. f. Pequena câmara interior para dormir.

<sup>12</sup> Cumeeira é o cume do telhado, a parte mais alta, a última fileira de telhas de um telhado, aquelas do topo.

<sup>13</sup> Conversadeiras eram assentos de pedra ou de alvenaria junto às janelas. Tipicamente portuguesas, as janelas de conversadeiras foram levadas para outras paragens, como, por exemplo, para o Brasil.

história eternizada no século XVI, o século dos “descobrimentos”. No entanto, como se observa em documentos históricos oficiais e nos relatos dos moradores, tratam-se de construções dos séculos XIX e XX.

No trecho descrito em vídeo (Apêndice F) publicado em sua página, o morador porto-segurense Romeu Fontana nos conta um pouco da história das três casas, da esquerda para a direita, da Figura 7:

Essas três casas que vocês estão vendo aqui, a maioria das pessoas que informa diz que elas são do século XVI. Esta casa, essa casa era uma só e era igual a esta casa que tá aqui da família Vinhas. Aqui existia uma casa, uma somente, construída em 1947, pelo construtor Gilberto Alexandrino de Brito, o Bertinho da marisqueira, logo quando ele se casou depois ele vendeu isso aí pra Joel Julião que vendeu pra Edinho fiscal que vendeu para os herdeiros de hoje que é do Frankli Torre e o filho dele Jhon Torre meu amigo, que em 1977 se enforcou. Aqui onde existia uma casa igual a esta, o pai dele mandou derrubar a casa, o restante da cerca e fez essas três casas, portanto, essas três casas são da década de 1980<sup>14</sup>.

Carlos Lemos (1972) destaca que uma casa é o palco permanente das atividades condicionadas à cultura de seus usuários e que suas características arquitetônicas, seu interior e entorno podem revelar aspectos importantes sobre a vida de seus moradores.

**Figura 7-** Casas à Rua Dr. Antônio Ricaldi



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2020.

---

<sup>14</sup>FONTANA, Romeu. Porto Seguro, 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012825488180>. Acesso em maio de 2021. Transcrição de trecho do vídeo publicado na página do *Facebook* de Romeu Fontana, em 29/08/2018.

Outro exemplo de casa da Cidade Histórica à rua Dr. Antônio Ricaldi é a nº 65 (Figura 8). Ela chama a atenção de quem passa pela sua placa com uma explicação genealógica da família Ramalho e proprietários da residência. No local funcionou a Casa Histórica, um museu de iniciativa privada aberto entre os anos de 1996 até 2004, criado por Edson Carvalho Junior com proposta de retratar instalações cotidianas, exposições, lançamentos de livros, oficinas e teatro<sup>15</sup>.

**Figura 8** - Placa fixada na casa nº 65.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2020.

Uma iniciativa pública, envolvendo o Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), na administração do prefeito de Porto Seguro, Jânio Natal (mandato de 2005-2008), reabilitou outra construção como espaço museográfico. Nela foi instalada uma exposição (Anexo 3), em 2008, que trouxe elementos do cotidiano colonial, contribuindo com a discussão sobre a história do Brasil para estudantes, professores e pesquisadores, propiciando reflexões sobre vários aspectos relacionados aos colonos, à forte influência da igreja católica e às relações que se estabeleciam em âmbito público e privado. Em seu acervo constavam vestuários, ferramentas de trabalho, dormitório e exposição fotográfica sobre a população afro-brasileira e indígena local. Vale ressaltar que

---

<sup>15</sup>Ramalho (2014), no capítulo “A casa de Edson Ramalho Jr.”, afirma que a Casa Histórica, o museu que funcionou na casa nº 65, entre 1996 a 2004, foi pioneiro no turismo histórico por iniciativa privada. Aborda também que o museu foi responsável por promover a Cidade Histórica, partindo de um contexto amplamente cultural.

atualmente, mesmo antes da pandemia pela COVID-19, o Museu da Casa Colonial (Figura 9) não está aberto ao público, não sendo do meu conhecimento o conteúdo de seu interior.

**Figura 9-** Museu da Casa Colonial, temporariamente fechado.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2020.

As Figuras 10 e 11 trazem registros de estabelecimentos comerciais e de serviços, além de uma residência, comuns à Cidade Histórica de Porto Seguro, comumente visitada por um número expressivo de turistas ao longo do ano. A Galeria Estrela D´Alva, localizada à rua da Misericórdia, é um dos pontos mais importantes não apenas pelo comércio local, mas pela história contida nesse espaço.

**Figura 10-** Galeria Estrela D´Alva, em Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 11-** Casa à venda e comércio na Cidade Histórica de Porto Seguro.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

Vale ressaltar que o destaque que aqui se faz a algumas destas construções, a exemplo das localizadas nas ruas Dr. Antônio Ricaldi e da Misericórdia, sejam casas de morada, comércio ou centros culturais, se justifica pela busca por metodologias pedagógicas participativas, instrumentalizando o uso desse espaço, enquanto *lugar*, cuja simbologia carrega materialidades e significados que podem vir a ser utilizados em diferentes áreas do conhecimento, de acordo com a BNCC, e para os vários segmentos escolares, como a vida em família: diferentes configurações e vínculos (1º Ano, Ensino Fundamental em séries iniciais); mudanças do espaço geográfico, identidade sociocultural, produção, circulação e consumo de mercadorias, desigualdade social e o trabalho (6º Ano, Ensino Fundamental em séries finais); história do cotidiano, patrimônio e memória (6º Ano, Ensino Fundamental em séries finais); dentre outros aspectos.

Desse modo, tal estudo não se relaciona à arquitetura colonial, amplamente analisada por pesquisadores da Cidade Histórica. Busca, entretanto, discutir a vida cotidiana e as mensagens de aprendizagem que esse espaço pode fomentar, em diálogo com propostas pedagógicas que direcionem o ensino para a atuação em sociedade.

### 1.2.2. Os Museus

É preciso, igualmente, consideramos o potencial educativo dos museus, posto que nele não ocorrem apenas exposições sobre determinadas temáticas, mas comportam mensagens que reforçam a aprendizagem. O museu é definido como:

(...) uma instituição permanente sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exibe evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa, educação e lazer (Estatutos do Comitê Brasileiro do ICOM, artigo 6º).

Um dos museus da Cidade Histórica de Porto Seguro encontra-se instalado na antiga Casa de Câmara e Cadeia, prédio que pertence à Prefeitura Municipal e cedido ao IPHAN, em outubro de 1996. Até o século XIX, nele funcionavam a cadeia (no térreo) e duas salas, uma da Câmara e outra de Audiência (no pavimento superior). Mesmo sendo abolida a função judicial das Câmaras em 1828, a casa abrigou até o século XX a cadeia e a administração municipal, tendo sido tombado pelo IPHAN desde 1968. “Sede do poder político e morada das camadas sociais mais altas, toda Cidade Alta manteve sua hegemonia até meados do século XIX, quando ao que parece a situação se inverte e a cidade baixa, ganha papel de destaque, sobretudo administrativa” (IPHAN, 2000).

**Figura 12-** O antigo Paço Municipal, construído em 1756, é o local onde funcionavam a Casa de Câmara e Cadeia. Atualmente o Museu de Porto Seguro.



**Fonte:** IBGE- Biblioteca-catálogo,1957.

A antiga casa de Câmara e Cadeia foi descrita em carta dirigida ao Rei de Portugal, em 1772, pelo Ouvidor José Xavier Monteiro Machado, informando a conclusão das obras do imóvel. A edificação é então descrita como:

"... toda de pedra e cal, forte e sumptuosa, com 16 janelas formosas, 4 portas exteriores e cimalthas e Armas Reais sobre o portico principal e com cinco cárceres, 2 salas da comarca; huma das audiências e cazas de carcereiro e de açougue humas nos altos, outras nos baixos. O prédio apresenta um modelo mais modesto de Casas de Câmara e Cadeia adotado no século XVII no Recôncavo Baiano com planta retangular, telhado de quatro águas, sem pátio interno" (IPAC, 1985).

Há de se destacar que quando se visita um museu tem-se, em geral, contato com a exposição, com o acervo que ele contém. O Museu Histórico de Porto Seguro apresenta segmentos distintos, denominados: **“A terra da Ibirapitanga ou Pau Brasil”** – uma abordagem histórica sobre a região de Porto Seguro e sobre os povos indígenas e africanos; em **“O fim dos Mundos Fechados”** – um panorama do processo de expansão ultramarina europeia, com destaque para a viagem da esquadra Cabralina quando do achamento, e o testemunho deixado por Pero Vaz de Caminha; e **“A aventura do olhar”** – uma coletânea das primeiras impressões e narrativas produzidas pelos viajantes durante o século XVI acerca da natureza e dos indígenas. No térreo, encontra-se a sala de achados arqueológicos, a cronologia da história no Brasil e a cadeia.

A antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Histórico de Porto Seguro, revela-se como uma possibilidade de instrumento metodológico. Em seu interior contém achados arqueológicos diversos, como urnas funerárias, adornos, a presença dos povos indígenas da região e regiões distantes, louças, formas de açúcar, além de cerâmicas, e posterior influência dos negros vindos da África, na formação e composição étnica da comunidade porto-segurense.

Em outra parte do Museu Histórico foi construída a antiga cadeia, hoje um pequeno museu rústico, com ambientação e sonorização que nos lembra a cadeia no século XIX. Um aspecto importante é a passagem do viajante inglês, Thomas Lindley (1969), anteriormente mencionado, que esteve como prisioneiro da cadeia de Porto Seguro, em 1803, e que em seu livro *Narrativa de uma Viagem ao Brasil* relata sua passagem pelo lugar e fez menção aos aspectos paisagísticos, sociais e econômicos da então província de Porto Seguro.

Outro importante museu a ser citado é o de Arte Sacra, que fica no interior da Igreja da Misericórdia, situada na Praça Senhor dos Passos. Nele se conserva um valioso acervo de

imagens sacras, dentre elas a primeira imagem do Brasil, a de São Francisco de Assis, trazida em 1503 por dois padres franciscanos que vieram quando da construção da primeira igreja do Brasil, erguida no morro da Glória, tendo suas ruínas destruídas para a construção de um condomínio particular (Anexo 5). Nele há também a imagem do Cristo crucificado, que foi citado por Fernão Cardim, em 1583: "Na Misericórdia tem um crucifixo da estatura de um homem, o mais acabado e devoto que já vi, e não sei como a tal terra veio tão rica cousa" (IPAC-BA, 1985).

Nas últimas duas décadas têm-se verificado um crescente reconhecimento quanto potencial educativo dos museus. Entretanto, existem problemas a serem considerados e que ainda os levam a ser associados a "lugar de coisas velhas", de um passado distante.

Considerando que as Casas e o Museu Histórico de Porto Seguro sejam espaços que trazem mensagens de aprendizagem, o que apresento neste trabalho decorre de reflexões sobre os bens culturais, transformando-os em lugares de formação e de confrontação, na construção de saberes e preservação de memória cultural. Tal reflexão aporta considerações sobre a importância da alfabetização cultural (FREIRE, 2007), onde o educador, com olhar crítico sobre o mundo que o circunda, toma como fontes primárias o conhecimento e reconhecimento das localidades, os objetos, as memórias coletivas, as expressões que trazem os patrimônios.

Os novos paradigmas da educação apontam as instituições culturais como lugares de preservação da memória social. São lugares de multiplicidade de saberes, que podem ser não apenas locais científicos, mas também de produção de saberes populares, por exemplo.

Dentro das novas perspectivas educacionais, a valorização do patrimônio histórico cultural é imprescindível. Pode-se considerar que todo conhecimento baseado na investigação, na análise e na resignificação de objetos, fatos, lugares de memória e tradição oral existentes no local, dentre outros, podem conter riquíssima fonte de aprendizagem com vistas ao entendimento da memória social, política e cultural. Assim como define os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) sobre a importância da memória na construção da identidade social:

(...) conhecer, valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posiciona-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (PCN's, 1998, p.5).

Os PCN's vislumbram que a educação vinculada ao ensino de história, a memória e o patrimônio visam uma formação humanizadora e holística sobre as diversas culturas.

Em outra perspectiva, o caráter educacional do Museu Histórico contido na Cidade Histórica revela-se não apenas na trajetória da Cidade de Porto Seguro desde sua fundação, mas busca reverenciar um pouco a história local. Bittencourt (2005) menciona a importância da história local para o universo escolar:

(...) a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência- escola, clãs, comunidade, trabalho e lazer-, e, igualmente por situar os problemas significativos da história do presente (BITTENCOURT, p. 168, 2005).

Hoje tornada Museu, a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Porto Seguro, bem como o casario, contém documentos materiais em seu interior que devem ser trabalhados por estudantes e professores através de visita monitorada, oficinas e material didático. O Museu remonta a questões relativas à constituição de uma memória e da preservação de um passado que deve ser lembrado, mas também questionado, através de aula *in loco* ou via *Web*, a partir de *Apps* que incluam visitas virtuais, que também dialoguem com as histórias dos moradores, materializadas e imaterializadas neste espaço.

## 2. UM NOVO E VELHO PATRIMÔNIO DA CIDADE HISTÓRICA DE PORTO SEGURO-BA: O APRESENTADO

---

Pautando o olhar sobre o patrimônio cultural de Porto Seguro-BA, neste capítulo abordo reflexões sobre os aspectos históricos-geográficos, apontando para o que foi *apresentado* mediante a construção de narrativas e o reconhecimento do poder público nas esferas federal, estadual e/ou municipal. Analiso como a narrativa colonizadora retrata/ou os bens culturais produzidos e representados no município de Porto Seguro-BA, bem como os riscos e seduições que criam no imaginário social.

### 2.1. Aspectos históricos e geográficos em histórias recontadas

#### 2.1.2. Percorrendo o Território

A cidade de Porto Seguro, localiza no território de identidade Costa do Descobrimento<sup>16</sup> é descrita nos *sites* de viagens como estância turística, com mais de 90 km de praias tropicais e badalada vida noturna. Com população estimada de 150.658 habitantes (IBGE, 2021)<sup>17</sup>, é conhecida pelo jargão “o Brasil nasceu aqui”<sup>18</sup> ou “Terra-mãe do Brasil”, produzindo uma narrativa épica que faz da cidade um “local para sempre memorável” (CANCELA, 2020, p. 55).

Assim como alguns municípios vizinhos, o processo de povoamento de Porto Seguro esteve relacionado ao comércio local e escoamento de produtos para a capital baiana Salvador, com destaque para atividades como a pesca da garoupa, a produção da piaçava e a extração da madeira. A sua constituição, em épocas distintas, enquanto feitoria, capitania, vila, distrito, e emancipação político-administrativa aos 30 de junho de 1891, foi fator decisivo para o processo de povoamento e deslocamentos, sobretudo do campo para a cidade.

---

<sup>16</sup>O governo da Bahia reconhece 27 territórios de identidade baianos, com base no sentimento de pertencimento, onde as comunidades convivem através de suas representações. Sendo assim, a Costa do Descobrimento é composta por 8 municípios, Belmonte, Eunápolis, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em agosto de 2021.

<sup>17</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/porto-seguro.html>. Acesso em março de 2021.

<sup>18</sup>BRASIL. Porto Seguro. *Slogan* do *site* oficial da Prefeitura de Porto Seguro. Disponível em: <https://portoseguro.ba.gov.br/>. Acesso em 05/05/2021. A frase “Aqui Nasceu o Brasil” está também na entrada da cidade nos limites da BR-367 e em tantos outros *sites*, *blogs* e empresas de turismo.

Historicamente Porto Seguro dispensa apresentações devido às narrativas quanto ao “descobrimento” amplamente difundidas em solo nacional. Foi o primeiro local do Brasil onde aportaram os navegantes portugueses, comandados por Cabral, em posse do território pela Coroa Lusitana, sendo, portanto, “considerado o primeiro foco de formação urbana no espaço brasileiro” (BISPO, 2019, p. 30).

O fato de a temática da colonização brasileira ser muito discutida por teóricos e pesquisadores da História do Brasil deve-se ao fato dos registros em carta-relatório serem muito explorados, sobretudo os que descrevem a trajetória que levou os portugueses à expansão e colonização ultramarinas, além do seu estabelecimento aqui e a procura do enriquecimento da metrópole. As abordagens sempre chegam ao senso comum de que o início da colonização brasileira tinha como objetivo principal as investidas e exploração do território nacional.

(...) reconstituir esse processo, entendê-lo em toda sua complexidade (...) parece impossível, reconheço. Impossível porque só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor. Ele é quem nos fala de suas façanhas. É ele, também, quem relata o que sucedeu aos índios e aos negros, raramente lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. O que a documentação copiosíssima nos conta é a versão do dominador (RIBEIRO, 1995, p.30).

Tal interpretação justifica o processo de colonização que, para além da ampla documentação histórica pautada na versão do colonizador, contribuiu com a destruição ou ocultamento de muitos sítios arqueológicos de valor histórico. Com os diferentes projetos de ocupação do território nacional, muitos dos “lugares de memória” (NORA, 1993) foram se perdendo ao longo de séculos de dominação.

Contextualmente, os colonizadores aqui construíram a primeira igreja do Brasil (ANEXO 5), cujos vestígios encontram-se no local atualmente denominado Outeiro da Glória e cuja construção possibilitou o aparecimento da primeira aldeia de Santa Cruz. Com a criação da Capitania de Porto Seguro, em 1534, seu primeiro donatário, Pero do Campo Tourinho, mandou fundar, no mesmo ano, a Vila de Nossa Senhora da Pena, atual Porto Seguro. Após a incorporação da Capitania à Coroa esta realiza uma série de obras na Cidade Alta, como a construção da Casa de Câmara e Cadeia (1772), a construção da Matriz Nossa Senhora da Pena (1773-77) e a restauração da Igreja da Misericórdia.

Porto Seguro constitui-se como uma cidade de dois andares, com os dois núcleos razoavelmente afastados, desempenhando funções complementares, a Cidade Alta e a Cidade

Baixa. Entre os anos de 1950 e 1970, apresentava pouco desenvolvimento econômico e boa parte do comércio e prestação de serviços se dava na Cidade Baixa (GOTTSCHALL, 1993). “A Cidade Alta, apesar de conter no seu Centro Histórico a igreja mais importante do município, contava somente com reduzido número de habitantes. Nesse período, a sua principal atividade econômica era a extração de madeira” (COELHO, 2009, p.26).

A implantação da BA-2 (hoje BR-101) ligando as cidades do sul da Bahia, bem como a construção da BR-367, unindo os municípios de Porto Seguro e Eunápolis, contribuíram para o processo de urbanização e povoamento da cidade. Bispo aponta que:

O processo de urbanização da cidade começou a se intensificar justamente a partir da década de 1970, quando Porto Seguro passa por transformações econômicas e sociais muito significativas, como a construção da BR-367, que ligaria Porto Seguro a Eunápolis, o que facilitou muito o deslocamento de pessoas. Em 1974, houve a primeira tentativa de organização do espaço urbano pela administração pública para o Turismo, através do Plano de Desenvolvimento Urbano de Porto Seguro/Cabrália (BISPO, 2019, p. 33).

Na Figura 13 é possível observar a construção da BR-367, em 1971, e como essa obra mudou a história do município de Porto Seguro, uma vez que, como assinalou Bispo (2019), facilitou o deslocamento de pessoas, modificando o espaço urbano em decorrência das transformações econômicas e sociais favorecidas pelo turismo.

**Figura 13-** Construção da BR-367, ano de 1971. A obra mudou a história de Porto Seguro por ter ligado a cidade à BR-101, interconectando o município ao Brasil.

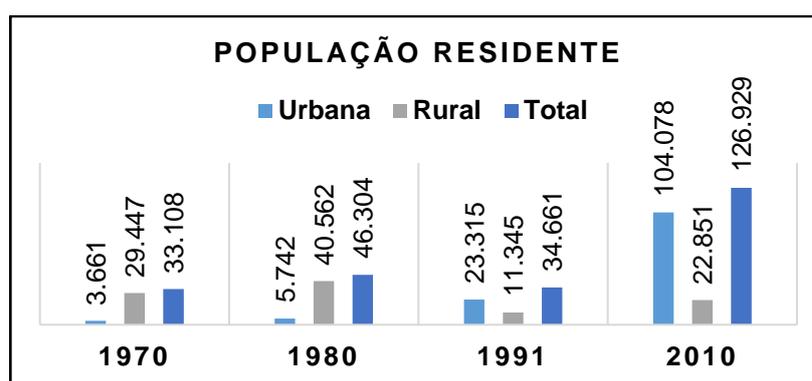


**Fonte:** Página Porto Seguro Além do Descobrimento no Facebook  
(Disponível:

<https://www.facebook.com/portoseguroalemndodescobrimento/photos/a.1185753934933856/1569936283182284>. Acesso em maio de 2021)

As tabelas das figuras 14 e 15 apresentam um panorama geral da população urbana e rural do município entre os anos de 1970 a 2010. Observa-se que a partir de 1970 há um deslocamento da população rural para as áreas urbanas, o que fez com que o crescimento quadruplicasse a taxa de urbanização e o aumento demográfico. Observando-se a evolução populacional, chama a atenção os anos de 1991 a 2010, quando a contagem sai de pouco mais de 34 mil habitantes para quase 127 mil habitantes.

**Figura 14-** População municipal de Porto Seguro entre os anos de 1970 a 2010.



Fonte: Adaptado pela autora do IBGE, 2021.

**Figura 15-** Gráfico com índice da população residente em Porto Seguro entre os anos de 1970 e 2010.

Ano	População Residente			Taxa de Urbanização (%)	Densidade Demográfica (hab/km <sup>2</sup> )
	Urbana	Rural	Total		
1970	3.661	29.447	33.108	11,06	9,35
1980	5.742	40.562	46.304	12,40	13,08
1991	23.315	11.345	34.661	67,27	14,40
2010	104.078	22.851	126.929	81,99	52,70

Fonte: Adaptado pela autora do IBGE, 2021.

A década de 1970, marcada pelo crescimento populacional urbano decorrente da construção e conexão entre a BR-101 e BR-367, constituiu para a história de Porto Seguro a concretização da intervenção urbana pelo Governo Federal. Concomitantemente, a partir do reconhecimento de seus bens culturais e documentos históricos, ocorreu um movimento de patrimonialização de espaços representativos e a constituição dos monumentos nacionais.

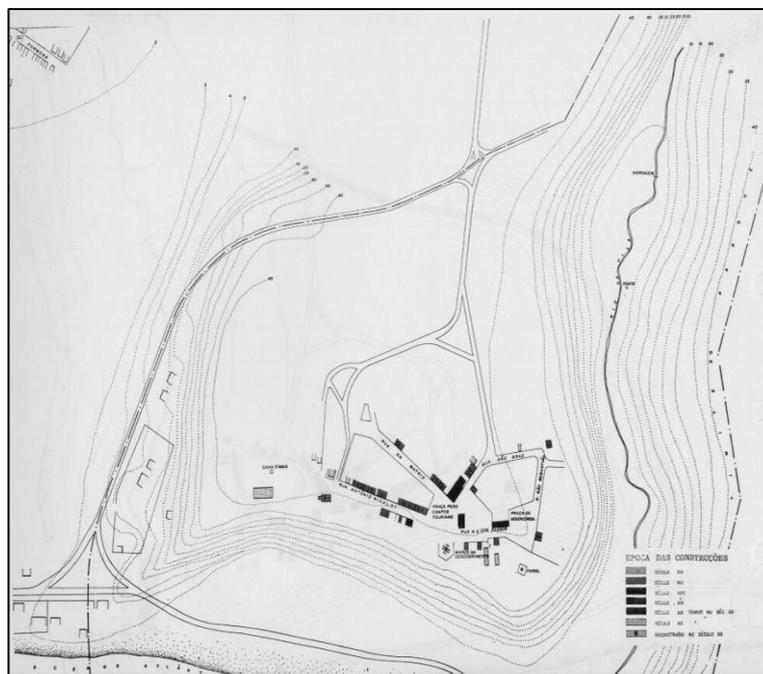
## 2.2. A valoração da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA

### 2.2.1. O poder público e a Cidade Histórica

Sob o Decreto-Lei nº 72.107, de 18 de abril de 1973, a Câmara Legislativa converte em Monumento Nacional o Município de Porto Seguro. No *Art. 1º*. Fica erigido Monumento Nacional o Município de Porto Seguro, Estado da Bahia, cuja área urbana, sítio da antiga Capitania, e lugares históricos adjacentes, em especial o Monte Pascoal, serão inscritos nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>19</sup>.

A Cidade Histórica de Porto Seguro, situada na Praça Pero do Campo Tourinho, na Cidade Alta, tombada como patrimônio histórico desde então, configura como um dos mais destacados complexos arquitetônicos da região, abrigando um legado cultural e artístico que deve ser explorado, principalmente, pelas instituições de ensino e pesquisadores (Figuras 16 e 17).

**Figura 16-** Planta do Parque Histórico Municipal do Descobrimento constando a cronologia das construções.



Fonte: (IPAC-BA-1985)

<sup>19</sup>BRASIL. Porto Seguro. Câmara Municipal. disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-72107-18-abril-1973-420741-publicacaooriginal-1->. Acesso em 03/02/2020.

**Figura 17-** Vista aérea da Cidade Alta, Porto Seguro - foto de 1957.



**Fonte:** IBGE - História e Fotos, 1957.

Dentro do Parque encontram-se, em destaque: a antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Histórico de Porto Seguro com inegável valor histórico e simbólico; a Igreja Nossa Senhora da Pena, santa de devoção de muitos moradores locais e padroeira da cidade de Porto Seguro (Anexo 6); a Igreja da Misericórdia, que abriga o Museu de Arte Sacra; a Igreja de São Benedito; as ruínas do Colégio dos Jesuítas e inúmeras casas e outros elementos atrativos do centro histórico.

Os monumentos da Cidade Histórica de Porto Seguro foram descritos pelo Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, produzido pelo Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC-BA) (Anexo 1). A realização de um inventário com regras e legislação que objetiva a proteção do Patrimônio Histórico-Cultural, possibilita, além de uma análise geral do bem, um histórico deste com o registro de seu estado de conservação e intervenções feitas ao longo do tempo.

Da análise do Inventário de alguns bens patrimoniais do Parque Histórico Municipal do Descobrimento, instituído por Lei Municipal nº. 314-98, é possível elaborar estratégias de intervenção nesses bens, visando a sua preservação e possível inclusão nos currículos escolares da localidade.

Outro inventário de relevância para a região é o Inventário de Referências Culturais (INRC), que identificou os bens culturais imateriais, assim como proposto nos livros de

registros do IPHAN, nas terras que compõe o Museu Aberto do Descobrimento: os municípios de Santa Cruz Cabrália; Porto Seguro, com os Distritos de Arraial d'Ajuda, Vale Verde, Caraíva e Trancoso, além da terra Pataxó; e Belmonte, incluindo o Parque Nacional do Monte Pascoal (IPHAN, 2000).

O quadro da Figura 18 apresenta os bens culturais de indiscutível importância para a região, principalmente pelo que representou, haja vista que algumas dessas manifestações não ocorrem mais e ficaram apenas na memória da população local.

**Figura 18-** Bens culturais no município de Porto Seguro. Na legenda, a estrela amarela representa o conjunto arquitetônico e paisagístico da Cidade Histórica.

**BENS CULTURAIS SOB SALVAGUARDA NO MUNICÍPIO**  
**Porto Seguro**

Classificação	Denominação do Bem Cultural	Livro de Inscrição	Âmbito de Proteção
★	<a href="#">Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Cidade Alta de Porto Seguro</a>	Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	União
★	<a href="#">Município de Porto Seguro, em Especial o Monte Pascoal</a>	Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico	União
▲	<a href="#">Sítio Ruínas da Igreja de N. S. da Glória – Outeiro</a>		União

■ BEM TOMBADO PELO ESTADO  
● BEM TOMBADO PELA UNIÃO  
● NÚCLEO HISTÓRICO E CONJUNTO ARQUITETÔNICO E/OU PAISAGÍSTICO TOMBADOS PELO ESTADO  
▲ ACERVO ARQUEOLÓGICO  
★ NÚCLEO HISTÓRICO E CONJUNTO ARQUITETÔNICO E/OU PAISAGÍSTICO TOMBADOS PELA UNIÃO  
● BEM REGISTRADO PELO ESTADO  
● BEM REGISTRADO PELA UNIÃO

**Fonte:** SIPAC, 2012, adaptado pela autora.

A Figura 19, por sua vez, relaciona os bens vinculados ao Inventário de Referências Culturais do Museu Aberto do Descobrimento (MADE), especificando a categoria e abrangência de cada registro. Os elementos registrados, que variam entre celebrações, formas de expressão, lugares e saberes, denotam a riqueza cultural da região.

**Figura 19-** Bens vinculados ao Inventário de Referências Culturais do Museu Aberto do Descobrimento-MADE.

Condição	Nome	Categoria	Abrangência
Identificado	Festa de Nossa Senhora D'Ajuda	Celebrações	Nacional
Identificado	Carpintaria Artística	Formas de expressão	Local
Identificado	Festa de São Sebastião	Celebrações	Local
Identificado	Samba de Couro	Formas de expressão	Local
Identificado	Quadrado	Lugares	Nacional
Identificado	Festa do Divino Espírito Santo de Porto Seguro	Celebrações	Local
Identificado	Monte Pascoal	Lugares	Nacional
Identificado	Boi Duro	Formas de expressão	Local
Identificado	Grupo Carnavalesco Dança dos Negros Africanos	Formas de expressão	Local
Identificado	Filarmonia	Formas de expressão	Local
Identificado	Festa de Nossa Senhora da Conceição	Celebrações	Local
Identificado	Chegança	Formas de expressão	Local
Identificado	Semana Santa	Celebrações	Local
Identificado	Passarela do Álcool	Lugares	Local
Identificado	Coroa Vermelha	Lugares	Nacional
Identificado	Carpintaria Naval.	Saberes	Local
Identificado	Decoração de Andores	Saberes	Local
Identificado	Pesca Tradicional	Saberes	Local
Identificado	Igreja de Nossa Senhora D'Ajuda	Lugares	Local
Identificado	Reza e Benzimento	Saberes	Local
Identificado	Canoeiro	Saberes	Local
Identificado	Cerâmica	Saberes	Local
Identificado	Farol	Lugares	Local

**Fonte:** IPHAN, 2000. Adaptado pela autora.

Pelo Decreto-Lei já mencionado, o centro histórico, localizado na Cidade Alta de Porto Seguro, foi tombado e inventariado pela União, com a participação do Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN), instituição que passou a regular obras de proteção e intervenção na Cidade Histórica.

De acordo com o inventário realizado em 1983, a Cidade Histórica e sua área foi classificada como de interesse histórico e paisagístico, com grau de proteção 1, compreendendo 59,71 hectares de área, que englobam não somente um platô para a área urbana, mas expressiva cobertura vegetal e cabeceiras de drenagens. Das 145 construções existentes no núcleo, no século passado, foram inventariadas 48 construções, incluindo edifícios públicos e religiosos (ARAUJO, 2004).

Em função da necessidade de compreensão histórica das narrativas construídas sobre a “cidade-monumento Porto Seguro” (CANCELA, 2020), é importante analisar um documento histórico de 27 de outubro de 1971, que consta na Edição 0043 da *Revista O Cruzeiro - RJ*, no qual Porto Seguro esteve na mira dos veículos de comunicação das principais capitais do Brasil, cujo o tema “David Nasser: lembranças de uma aventura em

Pôrto Seguro. Cabral desceu aqui” rememorava a viagem de David Nasser pela região<sup>20</sup> (Figuras 20 e 21).

**Figura 20-** Reportagem da Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971.



**Fonte:** Portal Hemeroteca Digital Brasileira (2021).

**Figura 21-** Reportagem da Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971.



**Fonte:** Portal Hemeroteca Digital Brasileira (2021).

O episódio, registrado na Edição Especial de 1971, traz as impressões de David Nasser quando participou da caravana de Assis Chateaubriand, que sobrevoou o município de Porto Seguro em 1939, capitaneados pelo almirante Gago Coutinho. Nas fotos de capa (Figura 21)

<sup>20</sup> NASSER, David. M. História digital: lembranças de uma aventura em Pôrto Seguro- Cabral desceu aqui. Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971, p.5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22PORTO%20SEGURO%22&pagfis=183969>. Acesso em abril de 2021.

se avistam o Monte Pascoal, famoso nas narrativas epopeicas dos “descobrimientos”, cercado por outras imagens como o Marco do Descobrimento (pedra padrão de uso português na demarcação e posse dos territórios conquistados), a representação de caravelas, com a imagem das cruzeiras da Ordem de Cristo e mensagens como “o Brasil precisa urgentemente descobrir Pôrto Seguro”.

A frase “o Brasil precisa urgentemente descobrir Pôrto Seguro” se refletirá, posteriormente, no tombamento dos monumentos locais por iniciativa do Governo Federal e das autoridades municipais engajadas em estratégias políticas para esse “valioso patrimônio da cidade de Porto Seguro” (CANCELA, 2020, p. 50)<sup>21</sup>.

Considerando que este trabalho tem também o objetivo de tratar as nuances e configuração histórica de Porto Seguro, confrontando-as, analisemos o registro feito por Nasser sobre aspectos urbanos e a população, em sua viagem pitoresca pela Porto Seguro dos anos de 1939, mas que nas quase quatro décadas que se seguiram se mantiveram nos veículos de comunicação, servindo aos leitores da revista *O Cruzeiro*.

Viajamos a pé, seis aviadores paulistas, entre o campo de Ajuda e Pôrto Seguro. Não havíamos ainda almoçado e tínhamos sede. Castigava-nos um sol tropical. O modelo da urbanidade baiana no-lo trouxe um modesto carpinteiro que encontramos na estrada. Ele trazia consigo uma bela cana e Anésio Amaral demonstrou o interesse de sorver um suco. Um dos companheiros tirou 20\$000 do bolso e se dispôs a recompensá-lo. Manuel Vinhas recusou terminantemente o dinheiro. Dava aquele caldo com prazer para regalo dos hóspedes da cidade. (...) Na delicadeza daquele humilde carpinteiro, estavam os reflexos da gentileza baiana. (...) Os caboclos, de uma aldeia desgraçada, dominada pelo impaludismo, fugiram apavorados com os rancos dos aviões. (...) Pôrto Seguro deveria figurar na história do Brasil como uma legenda de sofrimento e resignação. Pôrto Seguro não tem hospital, não tem energia elétrica, não tem nada<sup>22</sup>.

Este “vestígio-evidência-testemunho-fonte”, deixa claro que a visão que se tinha da cidade de Porto Seguro dos anos de 1930/1940, pelo menos entre os veículos de comunicação de época, era de uma aldeia em sofrimento e pobreza, “dominada pelo impaludismo”, menção

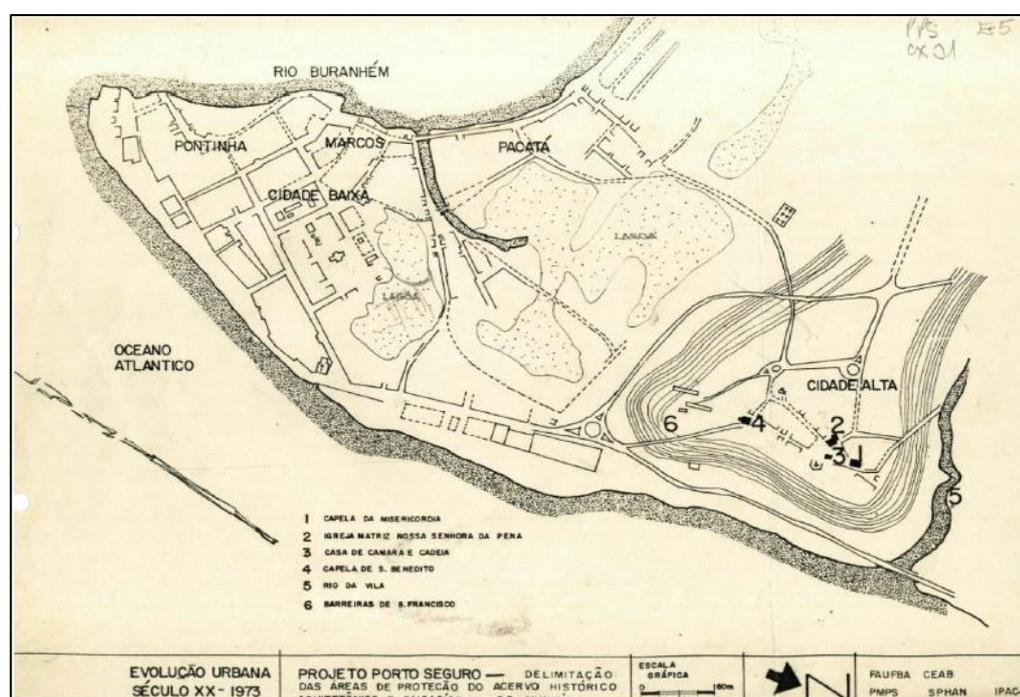
<sup>21</sup> Em 1957, o prefeito de Porto Seguro, Adelar Maria de Andrade, envia pedido ao Ministro da Educação solicitando intervenção do Governo Federal na proteção do patrimônio da cidade (CANCELA, 2020, p.50).

<sup>22</sup> Trecho retirado de Davi Nasser, publicado na Revista *O Cruzeiro*, comentado em nota anterior. Duas importantes considerações relacionadas ao trecho: a primeira delas a transcrição de algumas palavras com o uso do circunflexo, a exemplo de “Pôrto Seguro”, que perdeu o acento desde a Reforma Ortográfica de 1971, e a moeda em vigor da época em que David Nasser sobrevoou a cidade de Porto Seguro, que era o Mil Réis. Informações disponíveis em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/temas/educacao/reforma-ortografica.php> e <https://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,moedas-brasileiras,789,0.htm>. Acesso em maio de 2021.

às vítimas de malária, possivelmente devido ao processo de abertura de estradas. Que deveria ser resgatada da “barbárie” assistida pelos tripulantes da caravana de Assis Chateaubriand.

Assim, já em 1970, os apelos serviram ao resgate histórico desse “berço da Pátria”, pelas campanhas e propagandas nacionalistas do governo de Garrastazu Médici (1969- 1974), na Ditadura Militar do Brasil. Gradativamente a cidade e seu patrimônio passaram a ser registrados, inclusive com o registro de sua expansão urbana (Figura 20).

**Figura 22-** Planta da evolução urbana do século XX, de acordo com o IPHAN.



**Fonte:** IPHAN. Escritório Técnico do IPHAN em Porto Seguro-BA.

As décadas de 1980 e 1990 assistiram não apenas o deslocamento da população porto-segurense da zona rural para a urbana, como também o incremento fomentado pelo turismo. Barracas de praia na orla, cadeias de hotéis e grupos de turismo instalaram-se em Porto Seguro, aumentando ainda mais a especulação imobiliária. Esse movimento levou à conformação de dois períodos distintos no calendário local, a baixa e alta estação. Entre os meses de outubro e fevereiro, alta estação, a cidade se voltava para atender aos anseios e necessidades daqueles que vinham de outras localidades para usufruir da cidade (BISPO, 2019).

Durante as comemorações dos 500 anos do erroneamente denominado “Descobrimento do Brasil”, Porto Seguro assistiu ao fluxo de pessoas potencializado pelo turismo cultural e histórico, o que levou a mudanças implementadas pelos órgãos públicos e a iniciativa privada na infraestrutura, sobretudo na parte central e orla norte, mas também observadas no espaço da Cidade Histórica (Figura 23).

**Figura 23** - Vista da Rua Dr. Antônio Ricaldi, quando das comemorações dos 500 anos.



**Fonte:** RAMALHO, Lucemar, 2014.

Há, nesse espaço, dois movimentos ocorrendo nos anos 2000: o uso das narrativas em torno do descobrimento como porta estandarte, para esse destino “nobre” a ser apreciado por aqueles que quisessem apreciar o lugar de “nascimento” do Brasil, e também o uso do potencial turístico, com um cortejo feito por iniciava privada ou guias locais, que ia desde a recepção no aeroporto ou na rodoviária de Porto Seguro, no qual o turista era levando em “seu primeiro passeio era conhecer a Cidade Histórica”(ARAÚJO, 2004, p.92).

### **2.3. Referências Culturais em Porto Seguro-BA: aproximações, seduções e riscos**

Ao considerar a valoração da Cidade Histórica e o que foi *apresentado* a partir de documentação oficial, trabalhamos também com a noção de referência como ponto de apoio ou de encontro, como “base” e, por extensão, “verdade” consensualmente aceita por um grupo. A noção de referência cultural, para além do conceito antropológico de cultura, enfatiza a

diversidade não só da produção material, como também dos sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais (IPHAN, 2000, p. 12-13).

Neste sentido, a cidade de Porto Seguro é palco de referências culturais que devem ser percebidas e compreendidas a partir dos sentidos e significados atribuídos e experienciados, “buscando apreender os sentidos atribuídos pelos moradores ao patrimônio cultural” (IPHAN, 2000, p. 7).

Contudo, a realidade desse território repleto de referências culturais foi demarcada pela ocupação colonial e gestada com base em um padrão de poder na e pela diferença colonial, o “local, mesmo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder” (MIGNOLO, 2003, p. 10). O discurso do colonizador, compatível com o eurocentrismo, atravessa os monumentos e a arquitetura, a oralidade, o discurso. Resta-nos pensar uma questão central que se refere ao fato dessa colonialidade ser ou não impossível de ser circunscrita, posto o lugar que ela ocupa.

Os 48 monumentos contidos na Cidade Histórica - do marco às igrejas, dos casarios à antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Histórico - reforçam a ideia de que a patrimonialização desse espaço e de seu acervo de documentos históricos encontrou neles a reprodução das narrativas nacionais sobre o viés do colonizador.

Na porta de entrada da cidade, como reflexo dessas narrativas, encontra-se a estátua de bronze de Pedro Álvares Cabral, “o descobridor” e almirante português do processo ultramarino de expansão em terras brasileiras. É possível encontrar variantes de estátuas de Cabral em toda extensão da famosa praia de Taperapuã, com seu braço apontando para o que parece ser ora o centro histórico, ora qualquer coisa entre o mar, os restaurantes e hotéis.

A frase “o Brasil nasceu aqui” também está ligada às narrativas construídas em torno dos “descobrimientos” e de norte a sul essas palavras cortam a cidade e reafirmam símbolos históricos nacionais em nomes de ruas e praças, como: Avenida Navegantes; Avenida 22 de Abril; Rua Gonçalo Coelho; Rua Pero Vaz de Caminha; Rua Tomé de Souza; Praça Pedro Álvares Cabral; Praça Pero do Campo Tourinho e Praça do Cruzeiro.

Diante do exposto, o que dizer das referências culturais em Porto Seguro? Como dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para os porto-segurenses? E como remeter a paisagem às edificações e objetos, aos “fazer” e “saber”, às crenças e aos hábitos de seus moradores(as)?

A partir destas questões, é interessante que consideremos o espaço – o lugar – em relação às referências e significados decorrentes das produções culturais de um determinado

grupo. Para tanto, vamos analisar o Museu Aberto do Descobrimento (MADE), criado pelo decreto de lei 1874, no dia 22 de abril de 1996, que engloba os municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália e Belmonte.

O MADE abrange vasta região do sul da Bahia, com 1.200 km<sup>2</sup> de área, abrangendo 3 municípios e várias aldeias e terras indígenas. Foi escolhido para ser o projeto piloto do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) para fins de uma implementação de política cultural no âmbito federal, não só em virtude da delimitação jurídica, mas também por possuir certa unidade em termos de formação histórica, bem como por vir sofrendo em décadas recentes os efeitos de um mesmo processo de incorporação pelos negócios associados ao turismo. Nesse contexto, os bens culturais selecionados foram aqueles que, em primeiro lugar, remetiam a formação histórica da área e das identidades locais e, além destes, aqueles que vem se desenvolvendo por fusão ou transformação das referências tradicionais<sup>23</sup>.

Nele os bens culturais foram materializados a partir da constituição das memórias coletivas, sendo que se faz necessário refletir sobre os riscos e as seduções que os mesmos podem forjar no imaginário social. Considero que o “fetichismo” ou estereótipo em torno dos descobrimentos tem também alimentado o turismo na cidade de Porto Seguro, ao passo que tudo que não corrobora para o estandarte da história colonial, alimentado pelo discurso colonial, não é atrativo e, portanto, pouco sedutor.

A necessidade aparente de se buscar atrativos turísticos e econômicos por meio de intervenções urbanas vem colocando em descaso o patrimônio que não abraça a ideia dos “descobrimientos”, no caso as experiências não-hegemônicas. É nítido que o poder público escolheu o município de Porto Seguro como estandarte para a narrativa de um discurso nacional e colonizador, nomeando praças, ruas, avenidas e esquecendo de atrelar turismo a partir do uso de novos lugares.

Bhabha (2013), em seu livro *O Local da Cultura*, ao analisar questões relacionadas ao estereótipo, à discriminação e ao discurso do colonialismo, traz a reflexão de que, apesar do “jogo” no sistema colonial ser crucial para o exercício do poder, o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um “outro” e, ainda assim, inteiramente apreensível e visível. Ele emprega um sistema de representação, um regime de

---

<sup>23</sup> O MADE foi selecionado para servir como projeto piloto para o uso da metodologia do *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação* (INRC), pelo IPHAN. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

verdade que é estruturalmente similar ao realismo. Avança suas análises ao discorrer sobre como o discurso colonial se pautou no jogo de poder em seu interior, onde o discurso europeu unificou o que não era europeu em termos raciais, políticos, geográficos e culturais. A análise serve como parâmetro para a compreensão do discurso de poder em torno do município de Porto Seguro. E os estereótipos criados a partir de uma história universalizante e colonialista, onde os bens culturais que foram construídos pós período colonial (séculos XIX e XX) não servem como objeto de análise e estudo. Se faz importante ressaltar que, assim como Bhabha coloca o termo “fetichismo” e “estereótipo” como sinônimos, o discurso colonial se pauta nessa repetição de uma fantasia primária, dos estereótipos que negam o reconhecimento da diferença (BHABHA, 2013, p.128-130).

Em resposta à questão levantada anteriormente sobre a impossibilidade de se circunscrever a colonialidade, de impor limites a ela, penso que podemos apontar como princípio a própria compreensão dessa colonialidade incrustada nas esferas políticas, econômicas e sociais, sendo que daí decorre o princípio da decolonialidade. Entendo que o município de Porto Seguro seja um local fértil tanto para potencializar o discurso colonizador como para compreender que existe uma cidade “além do descobrimento”, a partir da qual se possa traçar novos caminhos, novos lugares, projetados no “campo do pensamento da fronteira” (MIGNOLO, 2003; BHABHA, 2013).

### 3. CARACTERIZAÇÃO DAS CARTOGRAFIAS SOCIAIS E REGISTROS DE MEMÓRIAS: O REFERENCIADO

---

*Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.*

*(Deleuze e Guattari)*

Em *Cartografia: uma definição provisória*, Suely Rolnik (2016) nos lembra que, para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. “A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que se desmancha de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2016, p. 23).

Alguns dos conceitos-chave para a ciência geográfica, como espaço, lugar, paisagem e território, dão suporte a este estudo e é importante retratar autores(as) que se dedicam a compreendê-los, mesmo com toda a complexidade de significados que cada um deles carregam.

A autora Liz Maximiano em sua discussão sobre “Paisagem” nos apresenta que “entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana” (MAXIMIANO, 2004, p. 87).

Sobre “Território”, como categoria de análise muito próxima à noção de espaço geográfico, o autor Rogério Haesbaert (2011) sugere que:

de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espaciais ou geograficamente mediadas. Podemos dizer que essa é a noção mais ampla de território, passível assim de ser estendida a qualquer tipo de sociedade, em qualquer momento histórico, e podendo igualmente ser confundida com a noção de espaço geográfico (HAESBAERT, 2011, p.54).

Tendo até aqui abraçado a paisagem e o território da Cidade Histórica de Porto Seguro, é possível pensá-la como lugar carregado de histórias, memórias, permanências e transformações. O desafio posto é o de dialogar com mapas - não no seu sentido tradicional,

conjecturado a um desenho estático - para ressignificar esse universo, para representar visualmente movimentos e potencializar o que se mantém vivo, sobretudo em seu patrimônio imaterial. Entender, por outro lado, quais são as forças que enfraquecem ou que colocam em vulnerabilidade seus bens culturais.

A cartografia, diferentemente do mapa, é a inteligibilidade da paisagem em seus acidentes, suas mutações (ROLNIK, 2016, p. 62). Sendo assim, a cartografia como método de pesquisa, orienta o pesquisador ao aprendizado direcionado, mesmo que por caminhos sem regras previamente estabelecidas, uma vez que ao longo desse percurso poderá este trabalhar com movimentos e mudanças das paisagens pensadas.

Fazer uma cartografia afetiva é trilhar um caminho e deixar-se levar pelos movimentos de encontros e desencontros, é ter certeza de que o percurso não é único e que muitos outros são possíveis. “Não necessariamente, fazer uma cartografia afetiva, significa inventariar um patrimônio imaterial, ou se basear no edificado somente, mas é captar seu estado naquele momento, tendo a clareza de que está em constante transformação” (ARAÚJO, 2019, p. 133).

### 3.1. Os valores do *lugar* e do *entre-lugar*: o referenciado

*Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.*

*(Martin Heidegger)*

Na seção *Referências Culturais em Porto Seguro-BA: aproximações, seduções e riscos* refleti sobre como a apresentação da Cidade Histórica de Porto Seguro, em documentação e registros oficiais, transformou o *lugar* e deu voz às narrativas colonizadoras.

Contudo, é possível atribuir valores de referências culturais, percebidas e compreendidas a partir dos sentidos e significados atribuídos aos bens culturais e *referenciados* pela comunidade local. Não sendo possível pensar valores de referência para os moradores e aos que lidam direta ou indiretamente com o patrimônio, sem pensar no uso do espaço urbano da Cidade Histórica, busco compreender o conceito de lugar e daí mobilizar discussões sobre o uso do espaço e o *entre-lugar*.

No senso comum, utiliza-se a expressão lugar para se dizer onde se deseja ir ou chegar, ou ainda, para delimitar, dar uma referência a ocasiões diversas, por exemplo, “o lugar da casa” ou “o lugar da escola”. “O lugar, portanto, relaciona-se à própria configuração histórica da geografia, como prática social, como necessidade humana. Os lugares estão relacionados às ideias de identidade, ainda que em graus diferentes” (OLIVEIRA E RODRIGUES, 2018, p.139).

Sobre o conceito de *lugar*, a geógrafa Ana Fani Carlos aponta,

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade *habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p.17).

No capítulo que trata sobre “Relatos de Espaço”, Michel de Certeau (2008) afirma que “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Um lugar é uma configuração instantânea de posição. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2008, p. 201). Em relação ao conceito de espaço, afirma que “o espaço é o lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida pelo urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 2008, p. 202).

Os lugares, portanto, estão alinhados às construções identitárias dos indivíduos e não se articulam somente em suas singularidades de classe, gênero, sexualidade, religiosidade, mas nas fronteiras de diferentes realidades, “numa gama de outras vozes e histórias dissonantes” (BHABHA, 2013, p.24). Neste sentido, o conceito de *entre-lugar* aparece articulado às produções e manifestações dadas nos limites, nas fronteiras, “o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2013, p.25).

É possível se apropriar do conceito de *entre-lugar* para entender as experiências religiosas que fazem parte o culto e devoção a São Benedito, na Cidade Histórica de Porto Seguro. Em um mesmo evento festivo se reuniam duas manifestações culturais complementares em um mesmo *lugar*, a igreja ou capela de São Benedito. Em paralelo às celebrações ao santo no interior do prédio um outro festejo transcorria na frente, no adro do mesmo, como registrado em o “Cuncumbi dos Escravos, em 1979, em Porseguro”

(FONTANA, 2019)<sup>24</sup>, promovendo uma sinergia entre elementos da cultura afro-brasileira e os tradicionais da cultura cristã, demonstrando a riqueza e a potencialidade das fronteiras.

Na porta da igreja, as mulheres se posicionavam para dançar, vestidas de branco, com saias rodadas, turbantes na cabeça e contas de colar no pescoço. Os homens tocavam os instrumentos e um mestre-sala comandava o convite para uma dama ocupar o centro da roda. O nome do folguedo era cucumbi dos escravos e os brancos para participarem tinham que se pintar de preto, com uma tinta feita de óleo e jenipapo. Ao fim e ao cabo, a celebração da festa de São Benedito, que foi se desarticulando entre os anos de 1970 e 1980, expressava em seus cantos, narrativas, imagens e divertimentos uma memória secular da presença negra na cidade (CANCELA, 2020, p.63).

Se por um lado a história linear, homogeneizante e etnocêntrica faz com que a Cidade Histórica reflita a presença europeia colonizadora, por outro, para os moradores e suas memórias, os valores e tradições relacionados ao mesmo lugar passam por outra lógica de significação, muito mais rica e heterogênea.

Considerando que “os indivíduos são os próprios produtores do seu espaço, mediado a partir de interesses e estratégias” (BISPO, 2019, p.21), Santos (2012) nos lembra que o espaço se modifica para atender às transformações da sociedade, que por sua vez não se distribui uniformemente. Considera que essa distribuição não é obra do acaso, mas resultado de uma seletividade histórica e geográfica, tendo como sinônimo, a necessidade.

---

<sup>24</sup>FONTANA, Romeu. CUNCUMBI DOS ESCRAVOS EM PORSEGURO X JUSTIN TRUDEAU, PRIMEIRO MINISTRO DO CANADÁ. Porto Seguro, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012825488180>. Acesso em maio de 2021. No título, escrito em sua página do Facebook e em caixa alta, o historiador e pesquisador Romeu Fontana descreve um folguedo, o *Cucumbi*, típico de algumas regiões do Nordeste brasileiro e que também acontecia na cidade de Porto Seguro em dias de comemoração a São Benedito, num festejo que acontecia na frente da Igreja de São Benedito, localizada na Cidade Histórica.

### 3.2. Educar e representar a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA

#### *Inspiração...*

*Escritas traçadas pelos(as) alunos(as) que escapam facilmente, pois não se deixam capturar, quiçá porque se puseram a praticar exercícios de liberdade. Bailam sobre as mesas dos(as) alunos(as), habitam as portas e paredes internas dos banheiros dos(as) estudantes e das salas de aula. Infinitude de letras que agrupadas parecem querer saltar da porta, da parede e da mesa, e geralmente estão em tamanhos ousados; surgem na parede no fundo da sala e (ou) nas posições laterais da sala de aula e (ou) nos espaços internos da Escola. Devir-letras que parecem brotar no meio de uma atividade escolar, e faz com que lápis e canetas escrevam nos versos dos trabalhos avaliativos. Experiências de escrita que embarcam cheias de vida e cores, traçando novas potências do devir.*

*(Fabiane Olegário)*

Na qualidade de “pesquisadora-cartógrafa”<sup>25</sup> em processo de aproximação com o objeto de pesquisa, considerei necessária a busca pelas percepções e representações sobre a Cidade Histórica de Porto Seguro de diferentes agentes sociais que com ela interagem por motivos que vão além do atrativo turístico, indo desde integrantes da comunidade, como moradores e ex-moradores, até “passantes”, estudantes e curiosos que interagem com e neste ambiente.

No processo de construção de estratégias didáticas que me permitissem estabelecer a aproximação e diálogo entre estudantes e o contexto da Cidade Histórica, selecionei uma lista de critérios de fontes a serem utilizadas e que podem ser assim sumarizadas: 1) registros da representação do patrimônio material em imagens e vozes; 2) registros da representação do patrimônio imaterial em imagens e vozes; 3) laços de afetividade com a comunidade local e 4) publicações e conexões entre a Cidade Histórica e a comunidade (Figura 24).

---

<sup>25</sup> Araújo (2019) utiliza o termo pesquisadora-cartógrafa em sua relação com o território e a memória afetiva que o mesmo aborda. Utilizo aqui o mesmo conceito para identificação desta pesquisa como um estudo cartográfico e o representativo afetivo que a Cidade Histórica de Porto Seguro proporciona tanto para este estudo, como em meu fazer docente.

**Figura 24** - Diagrama de variáveis para representação da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

A definição de tais critérios ou variáveis de representação sobre o universo em análise foi determinante para a elaboração da estratégia pedagógica de intervenção com os estudantes. A proposta foi desenvolvida, aplicada e testada em minhas disciplinas ao longo dos últimos meses, durante as atividades educacionais não presenciais emergenciais, em função da pandemia<sup>26</sup>.

O passo seguinte foi a adoção de um recurso potencialmente pedagógico e rico em termos de representatividade e significados, que são os registros com desenhos e imagens elaborados pelos(as) estudantes. A partir daí, segui uma proposta pedagógica intencional, mas claramente fluida e dinâmica, deixando que o próprio território se revelasse a eles gradualmente e os levassem a ter vivências coletivas e particulares.

Vale considerar que um dos principais desafios da proposta foi lidar com as limitações decorrentes da necessidade do distanciamento social em decorrência da pandemia, o que me levou a utilizar outras estratégias de acesso às pessoas que vivenciam ou vivenciaram intensamente aquele contexto urbano, me refiro aos moradores da Cidade Histórica. Para tanto, graças à generosidade de duas ex-moradoras que foram ali criadas, pude ter acesso

<sup>26</sup>O arquivo da atividade em PDF pode ser baixado através do *link*: <https://cidadehistoricaps.wixsite.com/cartografiaafetiva/caminhos-did%C3%A1ticos>, *website* produzido pela autora.

virtual a depoimentos e vivências especiais de seus familiares e amigos que me permitiram refinar a proposta de intervenção pedagógica, incorporando aspectos relacionados aos significados e laços de afetividade das pessoas para com aquele *lugar*.

Com o objetivo de estabelecer uma linha direta com aqueles que vivenciaram ou vivenciam de forma mais intensa aquele contexto, utilizei um modelo de questionário do formulário *Google*. Cabe reiterar que houve mudança na proposta original desta pesquisa, que se estruturava em registros diretos feitos com os/as moradores/as, aproximações com o objeto da pesquisa, visitas e entrevistas. Dado o momento pandêmico que se estabeleceu ao longo de todo o ano de 2020 e continua em 2021, a abordagem se estruturou através de um questionário *Online* (Apêndice C), enviado por e-mail e articulado por trocas de mensagens via *WhatsApp* e contato telefônico.

O próprio processo de revisitar o planejamento da pesquisa, atravessada por impedimentos, trouxe novos direcionamentos que permitiram adentrar o território e a riqueza de seu universo cultural, simbólico e afetivo. Diante da nova realidade, coube a apropriação e uso das tecnologias que amparam o ambiente acadêmico, levando a diversificar o leque de possibilidades para o aprendizado.

Sob este aspecto, importa ressaltar que as novas tecnologias disponíveis na *Web* podem ser ótimas fontes de estudo e proposta pedagógica que contemplem espaços de educação formais e não formais. Dicionários eletrônicos, *Sites* especializados em conteúdos relacionados ao conhecimento histórico, *Apps* com visitas virtuais a museus e monumentos históricos, imprensa e periódicos, incluindo até números anteriores, bancos de imagens – fototecas -, fóruns em plataformas virtuais, dentre outros, ampliam o leque de possibilidades e revelam diferentes experiências interacionais, facilitando a troca de ideias e divulgação do conhecimento.

Assim, entre os encontros e desencontros, respeitando o que o próprio território e as pessoas têm a nos revelar, o trabalho de intervenção e pesquisa foi se desenvolvendo a partir da articulação entre um plano de ensino para se trabalhar o componente curricular História na Educação Básica, em turmas de 5ª série / 6º ano do Colégio Anísio Teixeira, em que leciono. Com o objeto do conhecimento “Patrimônio e Memória” (Apêndice A), juntamente às histórias locais e a partir dos questionários *Online* (Apêndice C), foram produzidas reflexões e materialidades em diálogo com o conteúdo de trabalhado nas aulas.

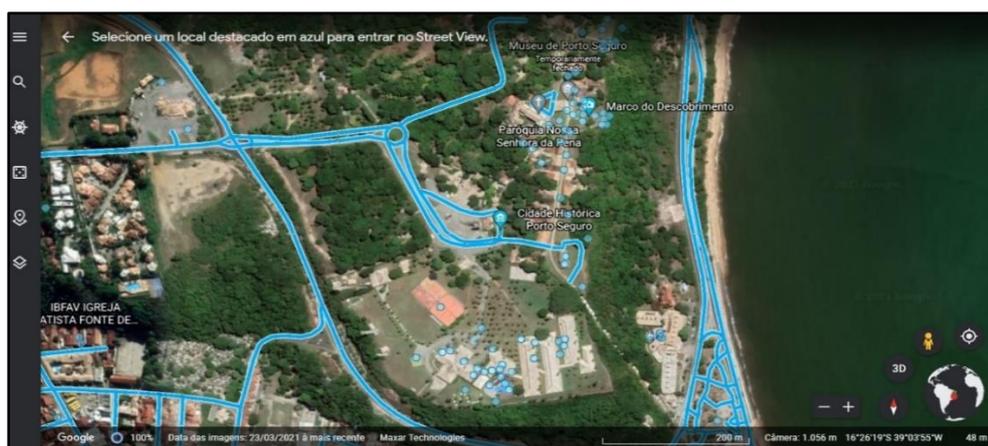
Vale destacar que o plano de aula foi efetuado seguindo o modelo de ensino remoto, utilizando o *Apps Google Earth* para visitação virtual (Figuras 25 e 26) e que todos os 10 desenhos cartográficos produzidos pelos(as) estudantes foram postados e baixados no/do *Apps Google Sala de Aula*. De acordo com o que foi proposto e para que o território se revelasse aos alunos, foi solicitado que estes registrassem suas impressões sobre o que foi apreendido ao longo da unidade, a partir de alguns questionários e registros cartográficos analisados em aula, em consonância com esse objeto de estudo e sua relação com os patrimônios locais.

**Figura 25** - Vista área da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.



**Fonte:** Imagem *Google Earth*, adaptada pela autora, 2021.

**Figura 26** - *Street View* (representação visual) da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA



**Fonte:** Imagens *Google Earth*, adaptado pela autora, 2021.

Os quatro critérios ou variáveis de representações do patrimônio em questão, anteriormente relacionados em diagrama (Figura 24), são fundamentais para o processo de

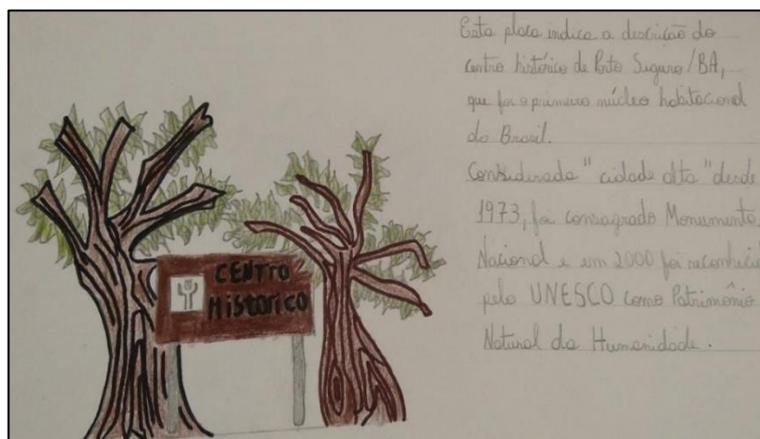
ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere às questões pertinentes às relações étnico-raciais. Foram fundamentais para a construção do *Website* que compõe este trabalho, tendo entrado como “peça chave” para a realização de uma cartografia do afeto sobre os bens culturais locais, sinalizados a partir das Figuras 27 a 37.

**Figura 27** - Placa informativa sobre o Centro Histórico de Porto Seguro-BA



**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

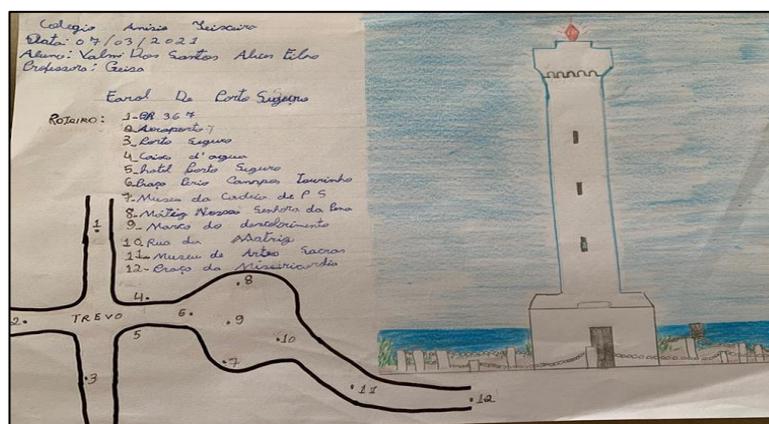
**Figura 28** - Representação pelo aluno Enzo na atividade proposta sobre Patrimônio e Memória.



**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

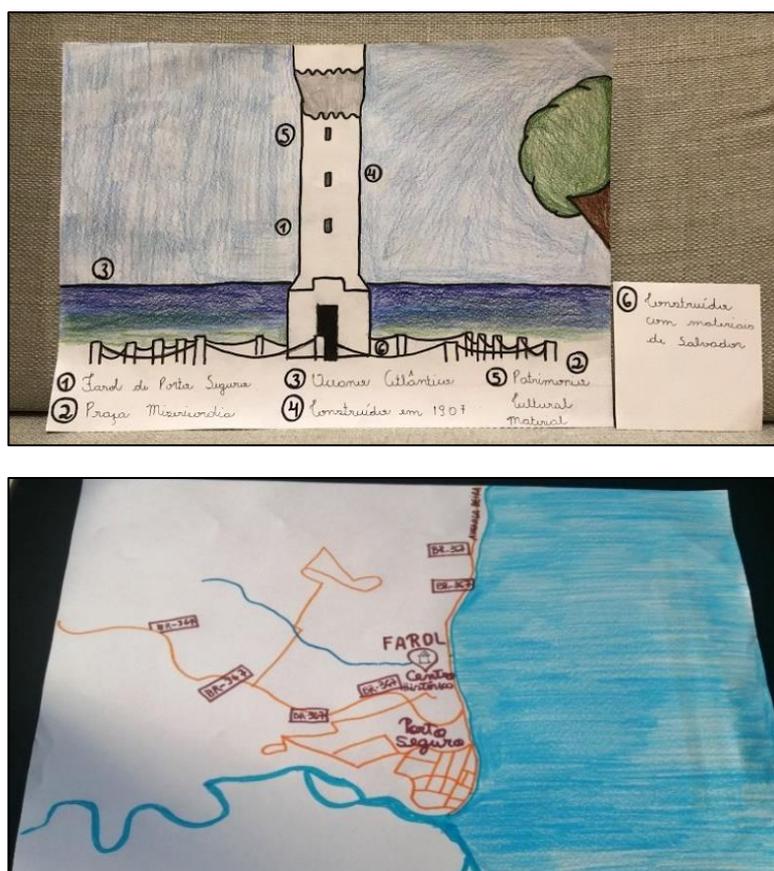
Em conformidade com a sinalização interpretativa, entendida aqui como uma exposição de informações históricas, ilustrações e algumas características do monumento, há a “opção de transmissão de informações ao usuário de maneira mais imediata, evitando também leituras que se distanciem demais da realidade; no caso dos bens patrimoniais, das significações e valores que os agentes estatais autorizados lhes atribuíram enquanto patrimônio” (FONSECA, 1997, p.39).

**Figura 29-** O Farol, localizado a Praça da Misericórdia nº 20, Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, representado pelo estudante Valmi Filho.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 30-** O Farol, localizado na Praça da Misericórdia nº 20, Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, representado pela estudante Maria Luísa.



**Fonte:** Acervo Pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

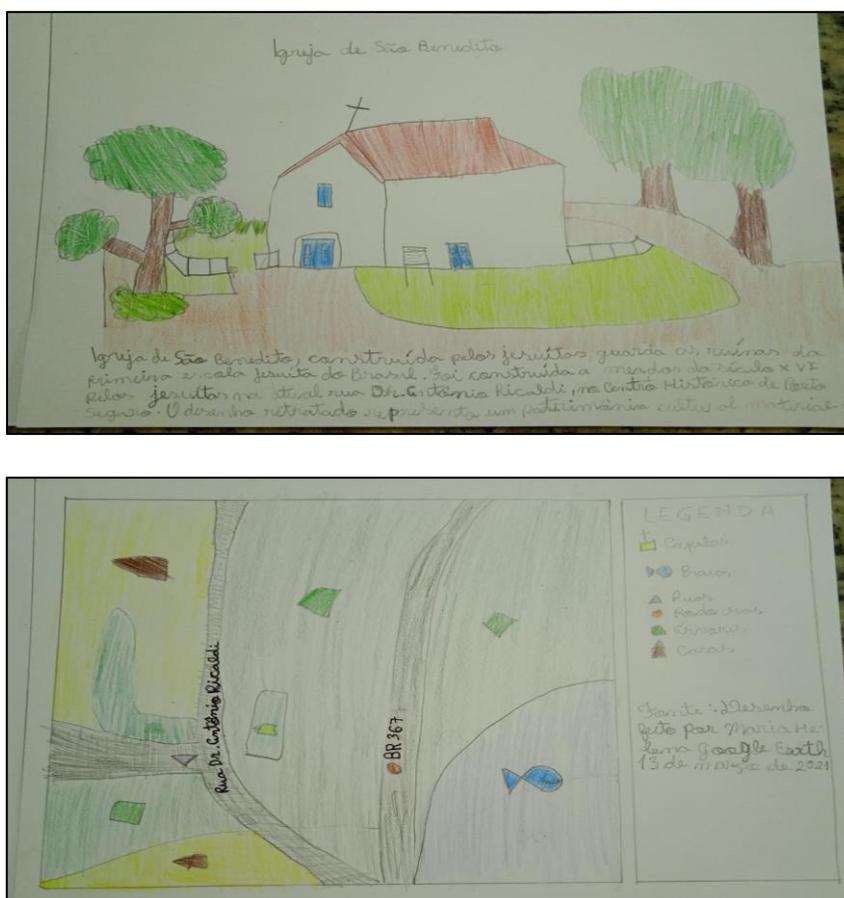
A partir das expressões cartográficas elaboradas pelos(as) alunos(as) é possível dialogar com os depoimentos dos moradores e ex-moradores sobre suas vivências e memórias. Podemos começar pelo de Herli, que relatou sobre os espaços e tradições locais pertencentes à Cidade Histórica, dando destaque a alguns pontos preferenciais, dentre os quais o farol:

Amo a vista para o mar, de qualquer ponto: do Farol, do Marco... A Festa da padroeira Nossa Senhora da Pena é tradicional, com as barraquinhas, as pessoas com toda fé e também a oportunidade de rever pessoas que só vão neste período (Apêndice C – Entrevista: Herli Antônia).

Sobre as memórias afetivas em lugares de memória, menciona mais uma vez o farol.

Sim, a casa em que eu nasci e morei até 16 anos e que ainda hoje pertence a minha família. A antiga pousada Estrela D'Alva, ao lado do farol, com aquela vista de frente para o mar. Lindo demais ver o dia nascer ou a lua cheia, é uma imagem que nunca sairá das minhas lembranças afetivas (Apêndice C – Entrevista: Herli Antônia).

**Figura 31** - Desenhos da Igreja de São Benedito, elaborado pela estudante Maria Helena. Pesquisa o *apps Google Earth*, para a descrição da localização e construção da legenda.



Fonte: Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

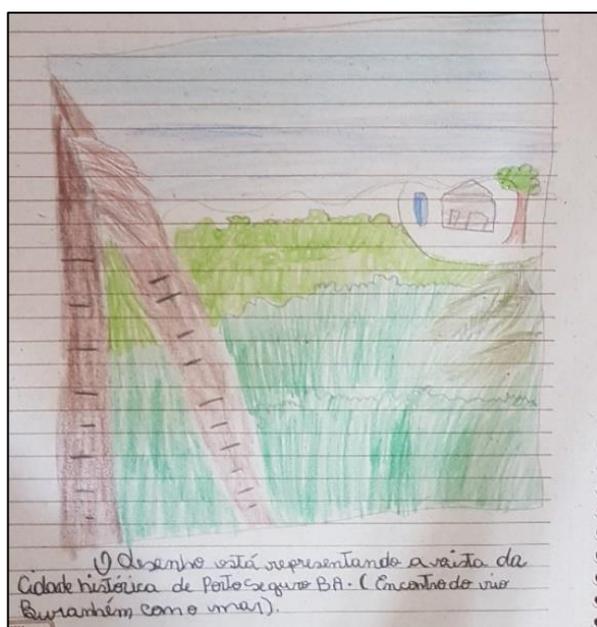
Alcyone Gilberto, porto-segurense de nascimento, disse em resposta ao questionário que, dentre os espaços da Cidade Histórica, o que lhe traz uma memória afetiva é “a igreja de São Benedito” (Apêndice C – Entrevista: Alcione Gilberto).

Heriton Marcos, que reside na Cidade Histórica desde o seu nascimento, também menciona a igreja de São Benedito como elemento importante de suas memórias afetivas, destacando o Cucumbi dos Escravos e a o papel de seu pai juntos às festas culturais:

O meu pai Hélio Santos foi o criador de algumas festas culturais, do bicho homem, o cucumbi dos escravos, essa tinha a ver com a Igreja de São Benedito. Quanto a festa do cucumbi eu e minha irmã fomos procurados para reviver a festa, mas há muita política envolvida... porque sem eu e ela, ninguém faz por causa das músicas, das danças, que me lembro desde quando menino. Em média 80 pessoas participavam da festa do cucumbi de forma voluntária, espontânea (Apêndice C – Entrevista: Heriton Assis).

Dona Maria José, moradora de Porto Seguro há quase 80 anos, ao comentar sobre o gosto pelos espaços e tradições locais, também menciona as manifestações em torno a São Benedito: “Eu gosto da minha casa que fica ao lado da igreja de Senhor dos Passos e ao fundo o mar. As festas religiosas: da Pena, procissão de São Benedito, da Semana Santa...” (Apêndice C – Entrevista: Maria José).

**Figura 32** - Desenho das impressões da estudante Mariana. O encontro entre o Rio Buranhém e o mar.



**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 33** - Desenho das impressões da estudante Bianca sobre as casas à rua Dr. Antônio Ricaldi, na Cidade Histórica.



**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 34** - Desenho de instrumentos de navegação dentro do Museu Histórico, localizado na antiga Casa de Câmara e Cadeia, elaborado pelo estudante Leonardo.



**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 35** - Acervo do interior do Museu Histórico - Artesanato Indígena. Impressões do estudante Rafael.



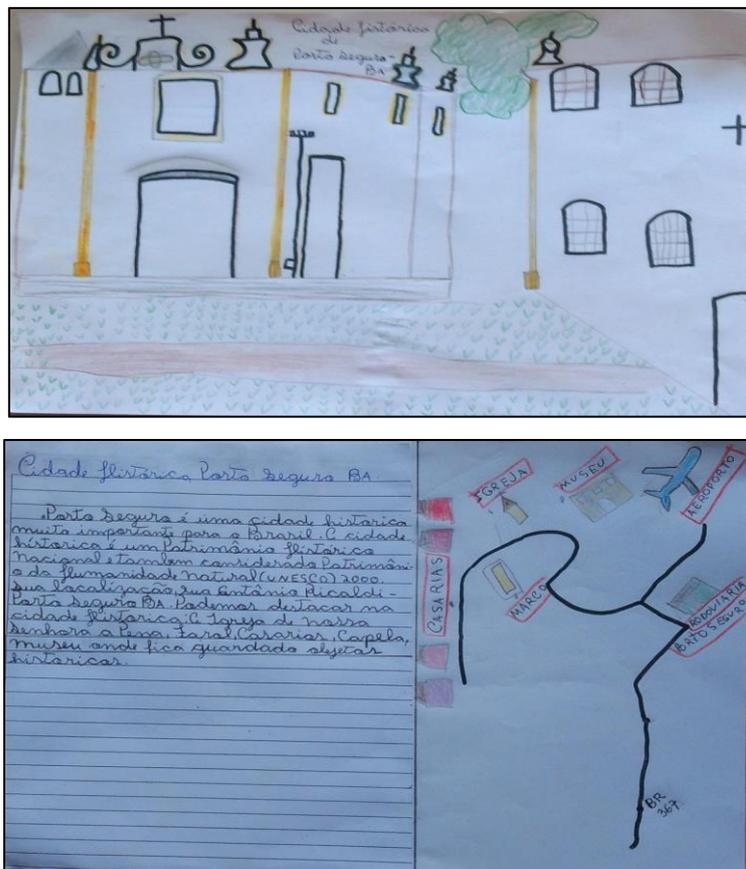
**Fonte:** Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 36** - Acervo do interior do Museu Histórico - Artesanato Indígena. Impressões da estudante Lays.



Fonte: Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 37** - Representação da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Pena e do Museu do Descobrimento, apresentada pela estudante do 6º ano Amanda.



Fonte: Acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

Um depoimento interessante foi registrado pela moradora da Cidade Histórica Andréia de Cássia, que relata um pouco sobre esse *lugar* representado nas igrejas, com um olhar especial de afetividade para a Igreja Nossa Senhora da Pena e a Igreja da Misericórdia.

A igreja da Pena e a da Misericórdia, são as duas que remetem a minha lembrança afetiva. Passei grande parte da minha vida e da minha infância dentro da igreja, minha vó tinha muita amizade com os padres, e a gente vivia lá, muitas vezes comia um pãozinho que eles ofertavam pra gente, ali fazia uma oração, ali mesmo ficávamos nos banquinhos passava as tardes conversando, a relação é muito boa com todas as igrejas, sendo que eu gosto mais da Nossa Senhora da Pena (Apêndice C – Entrevista: Andréia de Cássia).

Por estes fragmentos de registros percebemos que temos diante de nós um imenso potencial para promover a interface entre a escola e a comunidade, com depoimentos e vivências que, sem dúvida, enriquecem o processo educacional, tendo como motivador a cartografia afetiva.

E embora os condicionantes do cenário da pandemia não nos tenham permitido aprimorar a coordenação das ações de intervenção em tempo adequado para que pudessemos sincronicamente dialogar e amadurecer as estratégias pedagógicas a partir das vivências e percepções de moradores, o fato é que os elementos levantados são ricos o suficiente para aprimorar a proposta pedagógica do *Website* em fase de finalização.

O processo colocado em curso, deflagrado pela experiência com os alunos e complementado pelos relatos e memórias dos moradores, constituem fragmentos de uma grande colcha de retalhos que vamos aos poucos tecendo e que se materializará no aperfeiçoamento de uma estratégia de ensino que subsidie um processo de ensino e aprendizagem que leve em consideração a multiplicidade de olhares, sentidos e percepções.

### **3.3. Altares que alimentam a fé e devoção em manifestações culturais locais: histórias em São Benedito**

Como se observa ao longo de alguns relatos de moradores e registros de pesquisadores, as relações religiosas subsidiam boa parte das vivências na Cidade Histórica, o que é naturalmente perceptível pela concentração de igrejas ou capelas desde os contextos coloniais. Diante disto, considero relevante discorrer com um pouco mais de profundidade sobre a devoção a São Benedito entre os porto-segurenses, que se inicia no século XVIII, quando da

chegada da primeira imagem barroca do santo negro, São Benedito “o padrinho carregador”, imagem pertencente à capela de São Benedito (OLIVEIRA, 2020)<sup>27</sup>.

Na cidade de Porto Seguro, a devoção a São Benedito vincula-se à presença e atuação de uma irmandade, de acordo com documentos eclesiásticos de 1861, fornecidos pelo Arquivo Público do Estado da Bahia, como uma carta que confirmou ações de pagamentos a ela deferidos (CANCELA, 2020; OLIVEIRA, 2020).

A igreja de São Benedito em Porto Seguro, também denominada “capela do colégio” (IPAC, 1988) em referência ao colégio que junto a ela funcionava, guarda em si a história de devoção a um frade negro e franciscano, São Benedito, representante de grupos étnico-raciais historicamente subalternizados, que se reconheciam e se reconhecem, em sua trajetória de solidariedade e compaixão para com os pobres e negros. “São Benedito foi a segunda invocação preferida dos pretos cativos e forros na Bahia colonial, sobrepujado apenas pela incontestável Senhora do Rosário” (REGINALDO, 2005, p.77), e em Porto Seguro, São Benedito guarda seu papel de co-padroeiro da cidade.

### **3.3.1. A riqueza do patrimônio cultural negro no cotidiano porto-segurense**

O co-padroeiro de Porto Seguro, São Benedito, é lembrado todos os anos aos 05 de Outubro. Nesse ano de 2021, a transmissão da missa solene ocorreu excepcionalmente às 19:00h, pelo *Youtube* no canal Paróquia Nossa Senhora da Pena, e foi marcada pelos agradecimentos e pedidos de intenções pelos mortos, enfermos e proteção aos devotos e familiares. A presença de uma quantidade menor de pessoas, dentro da igreja ou capela de São Benedito, espaço da cerimônia, tem relação com o contexto pandêmico da Covid-19. A história relatada pela cerimonialista antes da fala do padre trouxe um pouco da história de São Benedito<sup>28</sup>.

Benedetto Manasseri, nome de batismo de São Benedito, nasceu em San Fratello em 1526 e faleceu em Palermo em 04 de abril de 1589, ambas cidades da Sicília, na Itália. Filho primogênito de ex-escravizados convertidos ao catolicismo, Benedetto se tornou livre aos 18 anos de idade, iniciando sua jornada eremita com um grupo seguidores de São Francisco de Assis, liderado por Jerônimo Lanza. Não há dados tão precisos quanto a este período que remete à vida eremita e à clausura de

---

<sup>27</sup> Lavínia Oliveira (2020) faz estudos relevantes sobre a devoção a São Benedito e a memória da população afro-brasileira em Porto Seguro-BA. Cabe destacar, também, o primoroso trabalho desenvolvido por Francisco Cancela (2020).

<sup>28</sup> Solenidade à São Benedito, 05/10/2021. Canal no *Youtube* da Paróquia Nossa Senhora da Pena. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THXt9ONpbJs&t=833s>. Acesso em outubro de 2021.

Benedetto. Pode-se determinar que entre seus 32 e 36 anos ele se tornou frei ao ingressar na Ordem de São Francisco e passou a viver no Convento de Santa Maria de Jesus em Palermo, onde exerceu a função de cozinheiro, Frei Superior dos Noviços e guardião deste convento, algo que chama atenção, pois Benedetto era analfabeto e negro (OLIVEIRA, 2017, p. 369).

A invocação a São Benedito entre os porto-segurenses é organizada pelos fiéis que participam da igreja, do culto ao redor do Santo e pelos paroquianos. A celebração é composta por missa festiva e procissão que se movimenta e territorializa na igreja de São Benedito. Há duas datas “devotivas” em torno do Santo que se diferenciam nos espaços em que se articulam. Aos devotos em Porto Seguro, o dia 05 de outubro, e aos moradores de Arraial d’Ajuda, o dia 27 de dezembro, e que remonta às celebrações antigas que se davam também nesta data.

A capela ou igreja de São Benedito foi construída no século XVI e faz parte do antigo colégio residência de Salvador, a primeira escola para meninos, inserida na Porto Seguro, em tempos de Capitania. O colégio funcionou até 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil. Foi usado também como moradia de um professor até 1820. A capela resistiu até 1917, quando foram retirados materiais da estrutura para se construir uma serraria. A partir de 1973 foi tombada e inventariada, juntamente com os monumentos e sítios de valor histórico, pelo SPHAN, atual IPHAN.

A igreja localiza-se na rua Dr. Antônio Ricaldi, na Cidade Histórica, construída num campo aberto e cuja paisagem também é formada por fileiras de casas coloridas, local que recebe devotos, visitantes, estudantes, professores, guias e comunidade local.

A importância dos elementos carregados de materialidade e imaterialidade deste espaço sugere ritos de sociabilidade e solidariedade expressos nos festejos em homenagens a Nossa Senhora da Pena, territorializados na Matriz Nossa Senhora da Pena, e a São Benedito, na capela ou igreja que recebe seu nome.

Na documentação sobre alguns bens imateriais em registro nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabralia e Belmonte, constante no Inventário de Referências Culturais (INRC, 2000), foram identificadas “nessas localidades 5 celebrações, 2 edificações, 6 formas de expressão, além de 4 lugares e 6 ofícios e modos de fazer” (IPHAN, 2000, s/p). Dentre elas a Festa de Nossa Senhora D’Ajuda, a Festa do Divino Espírito Santo de Porto Seguro, o Grupo Carnavalesco Dança dos Negros Africanos, a Pesca Tradicional, a Filarmônica, a Chegança, Reza e Benzimento, dentre outras manifestações inseridas nestes registros.

Esculturas devocionais a santos negros e às celebrações, missas festivas, procissões e irmandades podem contribuir, como “lugares de memória” (NORA, 1993), para valorizar os bens culturais que traduzam narrativas de memórias e construção da identidade negra.

A partir do reconhecimento de um patrimônio cultural negro em Porto Seguro, presente na devoção e na igreja de São Benedito, é necessário que novas pesquisas e leituras sejam desenvolvidas para que outras abordagens em “lugares de memórias” questionem a memória oficial, que reconhecidamente negligencia e silencia os grupos subalternizados, seja a partir do ocultamento de suas produções e experiências, seja nos materiais didáticos e no ambiente escolar.

### **3.3.2. Irmandade de São Benedito em Porto Seguro**

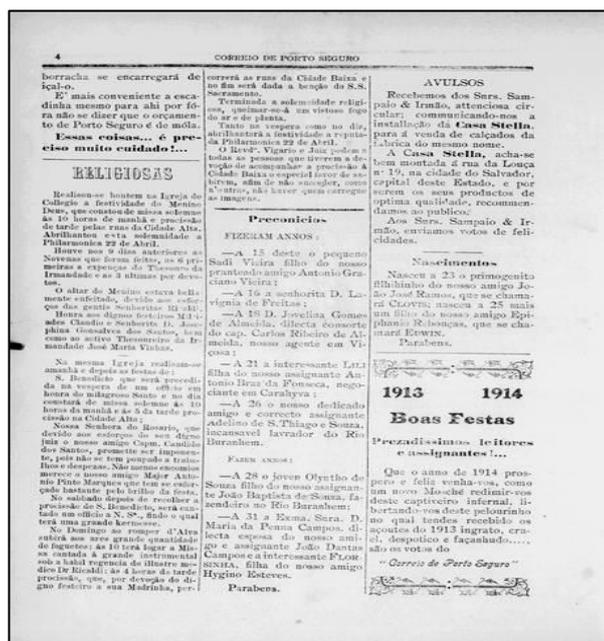
Uma Irmandade Religiosa “é uma associação social de leigos organizada em torno do culto a um santo” (APOLINÁRIO, 2018, p. 266). Historicamente elas existiram em Porto Seguro desde tempos coloniais, sendo que algumas permaneceram até meados dos anos de 1970 e 1980, como a irmandade dos “irmãos pretinhos” (CANCELA, 2020, p. 63) de São Benedito.

Andréa Almeida e Janete Macedo consideram, em pesquisa sobre os patrimônios culturais locais, a presença de duas irmandades em Arraial D’Ajuda, distrito de Porto Seguro, entre os séculos XIX e XX, que tiveram importância na participação e formação na localidade. A primeira e a mais antiga, a Irmandade de Nossa Senhora D’Ajuda, exclusivamente masculina, e a segunda, contemporânea a esta, a Irmandade de São Benedito, cuja visão cooperativista trouxe benefícios à cidade, como a construção do cemitério, além da manutenção das casas que abrigavam os romeiros que vinham em devoção a Nossa Senhora D’Ajuda. A Irmandade também criou a festa de São Benedito, vigente até os dias atuais, há mais de dois séculos (ALMEIDA E MACEDO, 2018).

Há relatos orais e registros em veículos de comunicação de Porto Seguro (Figuras 38 e 39), do início do século XX, que na constituição da história de devoção em São Benedito esteve também refletida a Irmandade dos Homens Pretos de Porto Seguro. Os festejos e preparativos para a missa, a Filarmônica 22 de Abril atuante até os dias atuais, além da

presença de personalidades municipais, como o doutor Antônio Ricaldi, José Maria Vinhas<sup>29</sup>, entre outros, que aparecem em documentos históricos (Figura 38), apontando para a dimensão e repercussão da festa que contava, ainda, com um cortejo que começava na “Igreja do Colégio”, atual igreja de São Benedito na Cidade Alta, e terminava na Cidade Baixa.

**Figura 38-** Semanário do jornal Correio de Porto Seguro de 1913, em que comunica as ordenações em torno das festas religiosas na cidade de Porto Seguro-BA, entre elas as festas em torno de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.



**Fonte:** Jornal Correio de Porto Seguro.

Na sociedade oitocentista havia irmandades de ricos e de pobres, de brancos e de negros. As confrarias ou irmandades de negros tinham igrejas mais simples e foram essenciais, no passado, para unir os africanos trazidos ao Brasil em diáspora, para o trabalho escravo e afro-brasileiros na condição de escravizados. Assim, enquanto muitos brancos frequentavam a Irmandade da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, os negros estavam presentes na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ou nas Irmandades de São Benedito (APOLINÁRIO, 2018). No entanto, a despeito da origem da festa religiosa narrada no Correio

<sup>29</sup> Doutor Antônio Ricaldi da Rocha Castro, foi médico e intendente na administração do município de Porto Seguro entre os anos de 1911 a 1915, e José Maria Vinhas, secretário na administração do município de Porto Seguro, ambos eram moradores do município. Seus nomes aparecem nos registros do Almanak Laemmert: Estado da Bahia – Município de Porto Seguro, em várias épocas.

de Porto Seguro, há evidências de que era frequentada por outros grupos sociais, apesar de não informar em que condições esse trânsito se dava.

Em Porto Seguro, alguns registros régios firmaram compromissos para que na capela de São Benedito duas irmandades, dos Irmãos da N. S. do Amparo e dos Irmãos de N. S. do Rosário e S. Benedito celebrassem as festividades das suas devoções. As irmandades dos “homens de cor” continuavam com sua atuação social, política e devocional – como demonstraram as cartas de confirmação de seus respectivos compromissos emitidas pelo governo da província de Porto Seguro. Trata-se da Igreja de São Benedito, localizada na antiga entrada principal da Cidade Histórica (CANCELA, *op. cit.*p.66-67).

**Figura 39-** A elipse em laranja destaca a Irmandade de São Benedito na Porto Seguro dos anos de 1930.

Religião
Parochia da diocese de Ilhéos:
Vigario: Antonio Francisco d’Hora.
Sachristão: Alynomo Vieira.
Irmandades:
N. S. da Penha.
N. S. do Sacramento.
N. S. do Amparo.
N. S. da Ajuda.
N. S. da Conceição.
S. Menino Deus.
S. Benedito.
SS. Coração de Jesus.

**Fonte:** Almanak Laemmert: Estado da Bahia – Porto Seguro.  
Adaptado pela autora, 1930.

A análise dos dados apresentados sobre as experiências religiosas que fazem parte do culto e devoção a São Benedito, parecem evidenciar que existia um lugar territorializado no espaço do centro histórico, a Igreja de São Benedito, que em dias de celebrações ao Santo, ocorria o Cucumbi dos Escravizados, em 1979<sup>30</sup>, onde elementos da cultura afro-brasileira se misturavam a elementos tradicionais da cultura cristã, como representado nas Figuras 40 e 41.

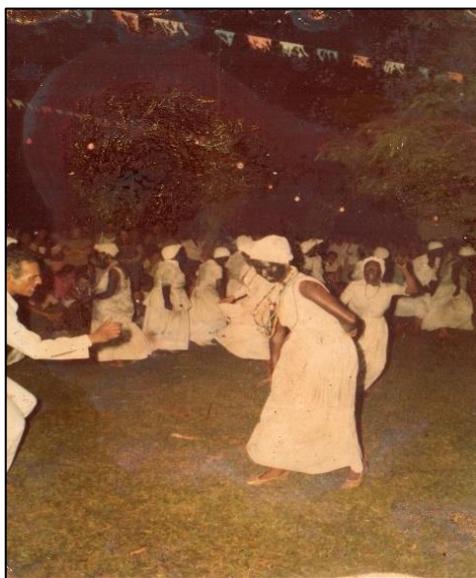
<sup>30</sup>Segundo Fontana (2019), pesquisador local já citado, o festejo do *Cucumbi*, típico de algumas regiões do Nordeste brasileiro acontecia em Porto Seguro em dias de comemoração a São Benedito, na frente da igreja de sua devoção, localizada na Cidade Histórica. Aborda que historicamente “até meados do século XIX, os escravos

**Figura 40** - Manifestação Cultural - "Cucumbi dos escravos", em 1979.



**Fonte:** Página de Romeu Fontana no *Facebook*.

**Figura 41** - Sr. Hélio Assis, produtor e apresentador de manifestações culturais na Cidade Histórica.



**Fonte:** Página de Romeu Fontana no *Facebook*.

---

não podiam assistir às missas; para chamar a atenção do clero e dos senhores, eles fizeram suas danças e seus cânticos africanos nas portas das igrejas.

Na Figura 41 é possível perceber que, para além da importância da igreja ou capela de São Benedito, um outro espaço estava relacionado à celebração do “Cucumbi dos Escravizados”, a Galeria Estrela D’Alva, já citada anteriormente como local de comércio, que no passado foi restaurante, bar, pousada, e importante nos registros dos/as moradores/as locais.

A manifestação cultural foi apresentada por Romeu Fontana em sua página, e também pelo morador e comerciante na Cidade Histórica, Heriton Assis. Na Figura 42 é possível ver o Sr. Hélio, pai de Heriton, preparador e articulador da festa, entre as décadas de 1970/80.

O meu pai Hélio Santos foi o criador de algumas festas culturais, do bicho homem, o cucumbi dos escravos, essa tinha a ver com a Igreja de São Benedito. Essa festa funcionava na galeria. D’Alva era o nome de apelido da minha mãe. Na galeria Estrela D’Alva funcionou antes, lá pelos anos 70, como primeiro bar, restaurante e também hospedagem. Quanto a festa do cucumbi eu e minha irmã fomos procurados para reviver a festa, mas há muita política envolvida...porque sem eu e ela, ninguém faz por causa das músicas, das danças, que me lembro desde quando menino. Em média 80 pessoas participavam da festa do cucumbi de forma voluntária, espontânea (Apêndice C – Entrevista: Heriton Assis).

Os documentos históricos consultados alimentam o objeto desse estudo, permitindo compreender a devoção a São Benedito como experiência das populações negras, escravizadas, libertas e quiçá livres, em laços de solidariedade ambientados numa irmandade. Tais registros aportam com dados sobre sujeitos sociais comumente silenciados e invisibilizados nos registros oficiais e nos espaços públicos patrimonializados, como se não fossem atores ativos na concepção dos mesmos e na diversidade de manifestações socioculturais.

Vale ressaltar que os bens culturais contidos na igreja de São Benedito revelam valorosa fonte material e imaterial, que também dão sentido às ações cotidianas, sejam elas afetivas ou espirituais, fundamentais para as reflexões relativas à experiência, patrimônio cultural e identidade.

A vinculação da igreja ou capela de São Benedito à experiência negra, firmada a partir dos compromissos na Irmandade estabelecida nesse espaço e em manifestações culturais – como o “Cucumbi dos Escravizados”, “festa de negros comemorada sempre em frente à igreja de S. Benedito, que também é de N. S. do Rosário, no dia 27 de dezembro” (FONTANA,

*op. cit.*) – precisa ser incorporada dentre as referências culturais do município de Porto Seguro, pertencente a uma história local, vinculada à memória e à experiência negra.

### **3.4. Das coisas vistas, ouvidas e sentidas: a Cidade Histórica é feita de histórias**

Na seção anterior analisei a memória e experiência negra a partir de um “lugar de memória” (NORA,1993), a igreja ou capela de São Benedito e o significado que esse patrimônio possui para os porto-segurenses. Nesse sentido, o “lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações” (NORA, *op. cit.*, p.27).

O desafio agora é o de captar “lugares de memória” a partir do olhar que os/as moradores/as da Cidade Histórica possuem sobre essa paisagem, de suas referências e experiências vistas, ouvidas e sentidas. Para tanto, a partir da análise de trechos de entrevistas obtidas pelo formulário *Google* (Apêndice C), procurei identificar marcadores que considero relevantes para esta pesquisa e que se relacionam à identidade construída a partir dos bens culturais locais, a experiência dos antepassados que viveram nesses lugares, as materialidades e imaterialidades do patrimônio vinculadas às manifestações culturais, como a Festa de Nossa Senhora da Pena, a Capoeira e a Procissão de São Benedito.

As festividades dedicadas à Nossa Senhora da Pena, ou “Festa da Pena”, é uma das mais importantes por ela ser padroeira da cidade. Ao todo são 10 dias de comemorações na Cidade Histórica, entre 30 de agosto e 8 de setembro. A celebração inclui missas, sendo uma campal em frente à Igreja da Pena, no dia 08/09, procissão, novena e carreatas.

A programação do dia 8 de setembro começa com a chamada “alvorada”, às 5h30 da manhã, na qual fiéis tecem um percurso de carro pela cidade em direção à Paróquia de Nossa Senhora do Brasil, no centro comercial de Porto Seguro, chegando por volta das 7h da manhã. Às 10h do mesmo dia, inicia-se a missa festiva no Centro Histórico, com a presença de representantes religiosos e do poder público. No período da tarde, às 15h, acontece a procissão e o encerramento da festa, sinalizado por uma carreata, maior que aquela da alvorada, percorrendo bairros adjacentes e retornando à Cidade Histórica (FREITAS E BRITO, 2018, p. 305).

Historicamente, o culto a Nossa Senhora da Pena remonta à devoção portuguesa da época da renascença, tendo sido, provavelmente, aqui difundido pelo donatário da capitania de

Porto Seguro, Pero do Campo Tourinho. O culto sacralizou-se na constituição da Matriz Nossa Senhora da Pena, que recebeu várias reformas atribuídas ao Ouvidor Xavier Monteiro. O IPAC (1985) registrou a construção da Matriz em seu inventário, com detalhada descrição histórica e informações tipológicas, com registro de situações por que passou ao longo do tempo, como falta de dinheiro, “ladroagens” em obras inacabadas e reformas (Anexo 8).

**Figura 42-** Convite da edição de 2021 da Festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira de Porto Seguro, na página da Paróquia Nossa Senhora da Pena.



**Fonte:** Página da Paróquia Nossa Senhora da Pena, no *Facebook*<sup>31</sup>.

A Festa da Pena, por ser tradicional no município, envolve muitos atores sociais, dentre moradores(as), comunidades, devotos(as), romeiros(as) de diversas cidades da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, turistas, comerciantes, músicos e autoridades eclesiais, o que compõe uma vasta rede de relações, sendo, portanto, “lugar de memória” que se abre às várias significações, como descreve a moradora Herli: “A Festa da padroeira Nossa Senhora da Pena é tradicional, com as barraquinhas, as pessoas com toda fé e também a oportunidade de rever pessoas que só vão neste período” (Apêndice C – Entrevista: Herli Antônia).

O depoimento de Herli reforça a ideia dos laços representativos que ocorrem particularmente nesta festa, pois é o momento de rever pessoas e de estabelecer convívios entre a diversidade de agentes sociais (Figura 43).

<sup>31</sup> PNSP. Porto Seguro, 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/PNSP.PORTOSEGURO>. Acesso em julho de 2021.

**Figura 43** - Presença da Comunidade de São João Batista, bairro Agrovila, nos festejos da padroeira de Porto Seguro, 2021.



**Fonte:** acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

**Figura 44** - Festejos da padroeira de Porto Seguro, Nossa Senhora da Pena, 2021.



**Fonte:** acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

A professora Andréia de Cássia, em seus 41 anos como moradora, relembra dos festejos religiosos e de sua infância, quando brincava ao redor das Igreja da Pena e da Misericórdia e no cemitério. Destacando ainda que:

(...) eu gosto mais da Nossa Senhora da Pena. Ali minha vó ficava conversando, eles davam uma balinha de canela pra gente, ali a gente brincava, corria pelo cemitério que ficava ao lado, brincava de se esconder de assustar um ao outro no cemitério, e nossa infância minha e de meus irmãos, foi dentro das igrejas e nos arredores (Apêndice C - Entrevista: Andréia de Cássia).

Outro registro de memória da moradora Herli, da família Assis, nos conta sobre brincadeiras e as estórias contadas pelos mais velhos:

(...) quando criança brincava nos cemitérios, em todos os quintais, cacauzeiros, colhia frutas para lanche, fazia fogueira na porta de casa e os mais velhos contavam histórias que deixavam assustada kkk quando adolescente, pulava a janela para namorar no Marco, atrás das igrejas kkk (Apêndice C – Entrevista: Herli Antônia).

**Figura 45-** Crianças brincam na Praça Pero do Campo Tourinho, em frente à Igreja Nossa Senhora da Pena.



**Fonte:** acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

Tanto os mais velhos quanto os mais novos moradores identificaram nas entrevistas aspectos relacionados às origens da Cidade Histórica, bem como os laços de afetividade entrelaçados pelas relações familiares e pelos vínculos de amizades. As lutas e labutas diárias também são retratadas. A moradora Maria José, residente há quase 80 anos, nos apresenta um pouco dessas relações familiares e construção de saberes.

Lá eu nasci, cresci, estudei, casei, tive meus sete filhos, tive um restaurante/bar e pousada Estrela D'alva que criei meus filhos junto com meu marido, irmãos e mãe. Ainda hoje tenho minha casa que foi uma herança dos meus pais, que trabalharam duro na roça para comprar esta casa, que já deve ter mais de 100 anos de construída e 80 anos na minha família (Apêndice C – Entrevista: Maria José).

As experiências são compartilhadas no espaço da Cidade Histórica e as mudanças relacionadas às intervenções urbanas, seja através do poder público ou decorrentes do turismo, aparecem também nos relatos. Queixas foram pontuadas quanto a falta de atuação do poder público e políticas de preservação da Cidade Histórica. Assim, apontam algumas das entrevistadas:

As políticas de preservação hoje precisam ser mais fortalecidas, precisam mais de uma atenção especial (Apêndice C - Entrevista: Andréia de Cássia).

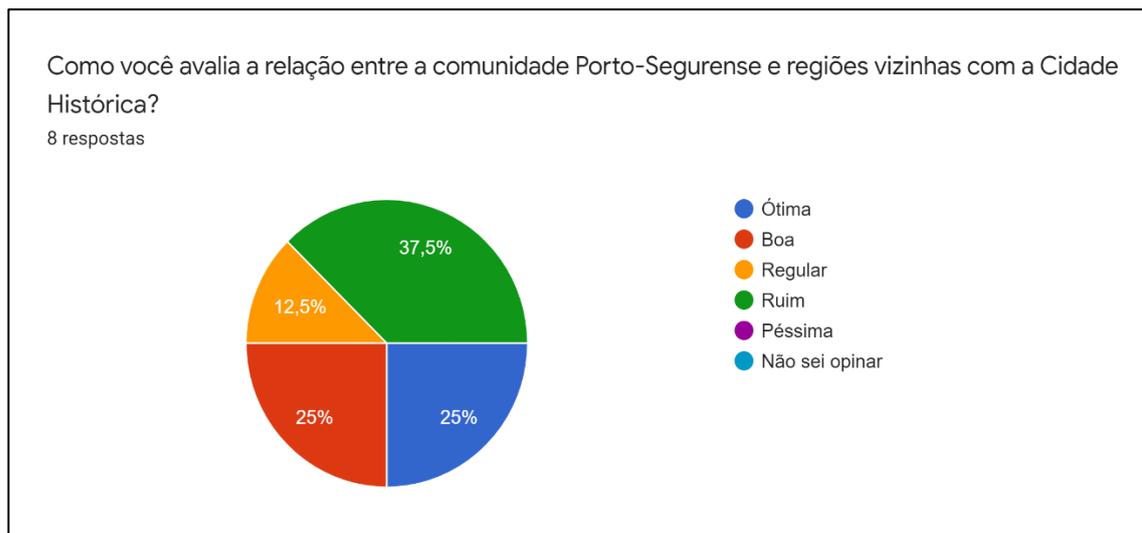
Era um povoado bem simples com os monumentos históricos, mas quase não tinha visitantes, só os moradores. Antes só tinha dois botequins, o de seu Zeca Vinhas e o outro de Dona Eunice que vendiam pão, biscoito, beiju, fósforo e coisas da roça e agora virou um centro turístico com várias lojas e artesanatos e milhares de pessoas que visitam por ano. Ela poderia ser mais conservada, principalmente os monumentos históricos e ter mais segurança. Antes, a gente descia sem medo, a ladeira que hoje é a escadaria e agora tem muitos assaltos (Apêndice C – Entrevista: Maria José).

A chegada da luz elétrica com um motor, um gerador que funcionava das 06h da manhã as 18h e também a água na torneira, porque antes, os moradores pegavam a água na fonte do Rio da Vila e na barragem (Apêndice C- Entrevista: Maria José).

Aos moradores foi perguntado também sobre histórias ou referências que gostariam de partilhar. Misturou-se entre os registros os monumentos à paisagem natural, assim como a diversidade de manifestações culturais, “Minha mãe, criança, descendo a encosta para ir à um aniversário, acabou caindo e rolando com a irmã até a base...perto do rio da vila...da fonte” (Apêndice C – Entrevista: Alcione Gilberto). “A capoeira juntamente com meu pai, o samba de roda e o candomblé. Tudo isso aconteceu aqui” (Apêndice C – Entrevista: Heriton Assis).

Os depoimentos, mesmo que obtidos em situações que inviabilizaram um contato pessoal entre pesquisadora e pesquisados(as), o que limita o potencial de diálogo e amplitude das respostas aos questionamentos, não deixou de ser rico e de possibilitar vislumbrar parte do cotidiano dessa comunidade ao longo das últimas décadas, bem como de suas transformações e relação com as cidades circunvizinhas, como se pode verificar no gráfico a seguir (figura 46).

**Figura 46-** Gráfico extraído do Google Formulário (Apêndice C).



**Fonte:** acervo pessoal. LISBOA, Gheisa, 2021.

A avaliação do gráfico nos indica que a comunidade porto-segurense não vê boa relação entre as regiões vizinhas e a Cidade Histórica. Os 37,5% de avaliação ruim é um indicador de que há poucas atividades culturais neste espaço voltadas à comunidade, para além das festas religiosas típicas que recebem um fluxo grande de pessoas em datas específicas e o turismo, como apontou o professor, historiador e pesquisador Wander Caires, que trabalhou na Cidade Histórica como diretor do Centro de Documentação Histórica (CEDOC/UESC/Prefeitura de Porto Seguro), entre os anos de 2001 a 2006:

É preciso interesse e investimento tanto na preservação como também de envolver a comunidade escolar em projetos culturais cotidianos. O espaço hoje é direcionado somente ao turismo e com pouco envolvimento dos moradores da cidade com o próprio espaço histórico (Apêndice C – Entrevista: Wander Caires).

É válido, contudo, destacar o esforço em aproximar a comunidade ao patrimônio cultural local, como nos diz a entrevistada Miriam Conceição, sobre sua relação com a Cidade Histórica e se havia alguma história que gostaria de compartilhar: “apenas essa tentativa de organizar a cidade histórica junto com associação de moradores para se manter os monumentos, projeto Sebrae "Polo de Turismo Cultural da Costa do Descobrimento”” (Apêndice C – Entrevista: Miriam Conceição).

Em conformidade com o pensamento de Canclini (1998, p. 209), acredito que estabelecer o diálogo “de espírito científico” entre o conhecimento popular e o moderno só

potencializam as análises e compreensões multivocais dos contextos sociais e históricos. Por isso entendo que pesquisas em textos e registros de escrita pelo povo, tanto em áreas rurais, quanto em áreas urbanas, enriquecem a discussão aqui empreendida, abrindo janelas de observação e análises que podem vir a ser desenvolvidas, inclusive com os discentes ao longo das práticas pedagógicas.

### **3.5. Por uma cartografia do afeto: planos de execução e representação visual da cartografia afetiva**

Esta seção é dedicada à apresentação de uma plataforma digital (um *Website*) e um guia móvel (o aplicativo *izi.Travel*), construídos ao longo da pesquisa com o objetivo de divulgar e valorizar os bens culturais contidos na Cidade Histórica de Porto Seguro. Correspondem à utilização de recursos digitais e pedagógicos que aumentam o leque de possibilidades educacionais.

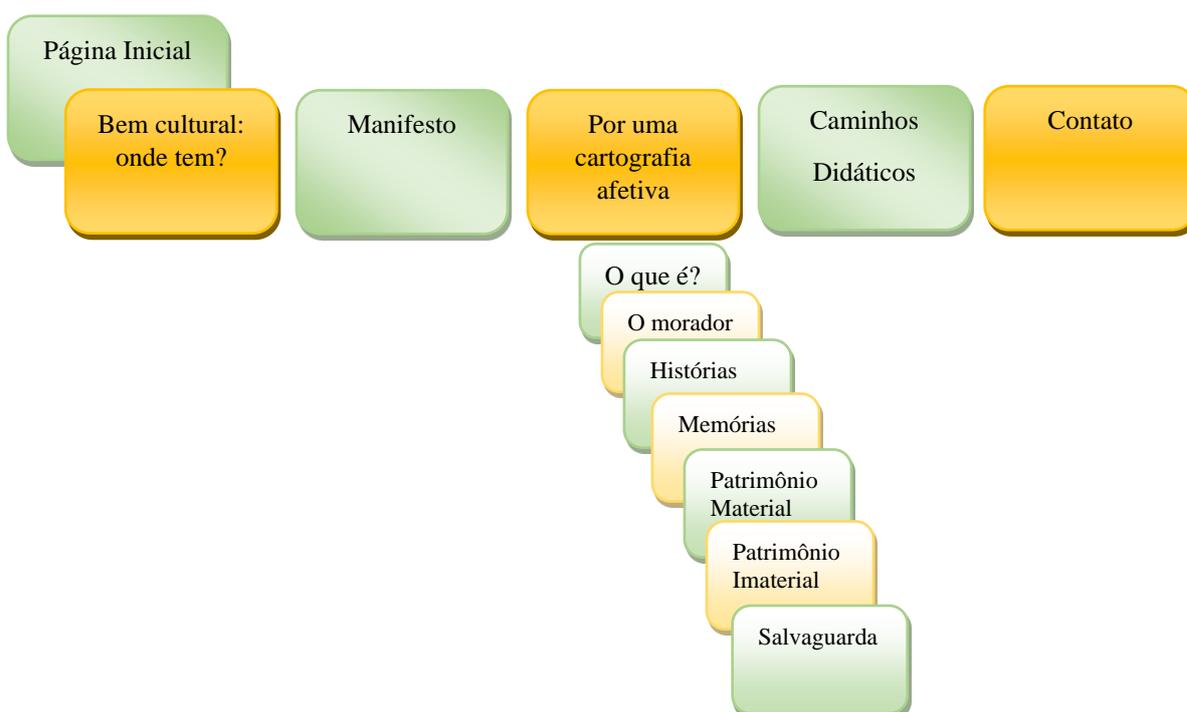
As tecnologias digitais foram ampliadas e aprimoradas, o que permite uma maior aproximação entre as pessoas e a informação, sobretudo, no contexto pandêmico atual. O uso de imagens em acervos diversos, anexos, recursos audiovisuais, dentre outros recursos, enriquecem ainda mais as metodologias participativas.

Se por um lado há uma variedade de *sites* sobre turismo local que informam sobre Porto Seguro, a “cidade-monumento”, suas praias, hotéis e festas, há uma fragilidade no que se refere a história local, ao uso adequado de informações sobre o município, a diversidade e particularidades de seus moradores. A informação que engloba as tecnologias deve servir, e é o que se espera com este trabalho, como recurso para a revitalização e valorização de tradições em regimes de memória.

Fazendo o uso das ferramentas digitais, ultrapassando as fronteiras das instituições culturais ou governamentais, busca-se o uso da informação para o maior público possível, de maneira que contribua para a valorização e preservação da Cidade Histórica e da memória local. Para este fim, foi construído um *Website* acessível em: <https://cidadehistoricaps.wixsite.com/cartografiaafetiva> e um guia móvel, a partir do aplicativo *izi.Travel*, e disponível em: <https://izi.travel/pt/fb52-cartografia-afetiva-da-cidade-historica-de-porto-seguro-ba/pt>.

Com eles, o visitante poderá navegar pela cartografia social e afetiva, ao passo que entrará em contato com a memória virtualmente conhecida e poderá se constituir em agente de transformação e compartilhamento de informações, imagens, memórias locais, histórias e planos de ensino, como numa proposta pedagógica de se contemplar os patrimônios locais. Segue uma breve apresentação da estrutura de navegação e conteúdo no *Website* (Figura 47).

**Figura 47** - Estrutura de Navegação do *Website* sobre os bens culturais da Cidade Histórica.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

A **Página inicial** (Figura 48) com a pretensão de apresentar o/a visitante ao universo da Cidade Histórica, realça a partir de um conjunto de slides, imagens e vídeo curto, dinâmicas que ocorrem nesse espaço e sua localização, em **Bem cultural: onde tem?** (Figura 49).

No menu de apresentação do *website* ainda se apresentam cinco seções:

1. Bem cultural: onde tem?
2. Manifesto
3. Por uma cartografia afetiva
4. Caminhos Didáticos
5. Contato

Figura 48- Página Inicial do *site* elaborado pela autora.



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 49- Página que apresenta a localização do bem cultural.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na página **Manifesto** o/a visitante poderá ler sobre a apresentação de uma Porto Seguro “além do descobrimento”.

**Figura 50-** Página que apresenta um Manifesto da autora.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na página **Por uma cartografia afetiva** (Figura 51) é apresentada a Cidade Histórica a partir dos seus lugares de memória. A cartografia afetiva foi construída e é o resultado do percurso trilhado dentro desta pesquisa e pelo território analisado.

Para conhecer os representantes de tradição, experiências e bens culturais, o visitante pode acessar diretamente na subpágina sobre Patrimônio Material e Imaterial, clicando com o botão esquerdo na imagem, que o redirecionará para um guia móvel *izi.Travel* (Figura 52).

**Figura 51-** Por uma Cartografia Afetiva.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

**Figura 52-** Subpágina de Por uma Cartografia Afetiva.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na seção **Caminhos Didáticos** (Figura 53) proponho a partir das adequações dos conteúdos de História ministrados em turmas de 6<sup>os</sup> e 7<sup>os</sup> anos, dois planos de ensino em modelo remoto. O/A visitante ainda poderá baixar a atividade **Cartografia e Patrimônio Cultural Local**, utilizada e adequada para este estudo.

**Figura 53-** Página Caminhos Didáticos.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

O aplicativo *izi.Travel*<sup>32</sup> é uma plataforma aberta e gratuita, criada em 2011, com o objetivo de conectar histórias de pessoas de várias partes do mundo. Aliado a história das

<sup>32</sup> *Izi Travel*. Sobre nós. Disponível em: <https://izi.travel/pt/sobre-nos>. Acesso em março de 2021.

peças, seus idealizadores pensaram em um aplicativo que ajudasse setores de cultura, patrimônio e turismo.

O processo de criação no guia *Cartografia afetiva da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA*, se articulou a partir de um planejamento que seguiu os pontos:

1. Pesquisa sobre a plataforma;
2. A localização da Cidade História;
3. A seleção dos textos;
4. A seleção das imagens;
5. A definição de áudio;

No painel de desenvolvimento da página podemos colocar várias atrações vinculadas e *QR Codes*<sup>33</sup> em pontos de interesse. Para cada atração podem ser adicionadas uma ou mais fotos, o que torna a plataforma muito mais atrativa. É possível adicionar vídeo, *Quiz*, frase ao final e notas do editor (Figuras 50 a 53).

**Figura 54-** Inclusão na página do *izi.Travel* de uma história para a atração.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

<sup>33</sup>DIFUSIEB. São Paulo, 2020. O *QR code*, ou código *QR*, é a sigla de “*Quick Response*” que significa resposta rápida. QR code é um código de barras, que foi criado em 1994, e possui esse nome pois dá a capacidade de ser interpretado rapidamente pelas pessoas. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/qrcode/>. Acesso em junho de 2021.

**Figura 55 - Inclusão de um Código QR.**



Fonte: Elaborado pela autora.

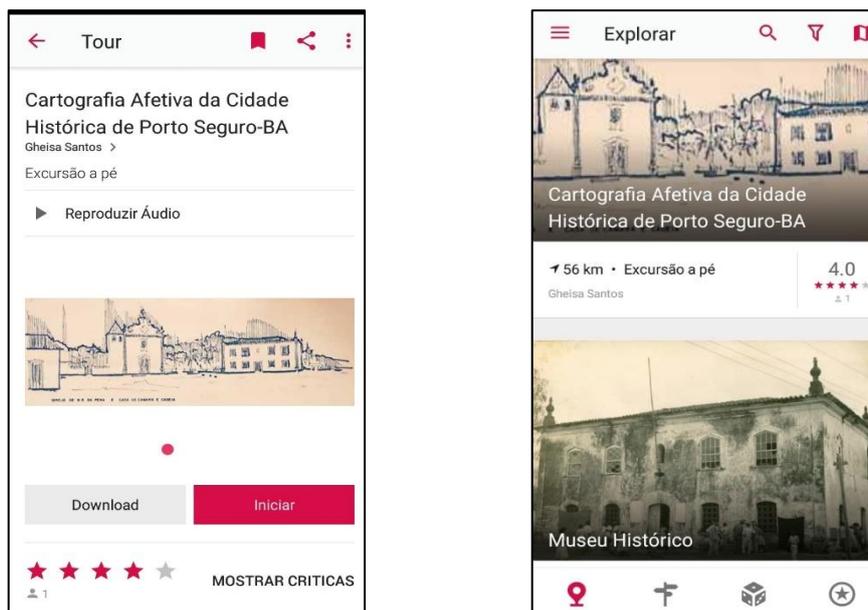
**Figura 56- Inclusão de tours, com criação de Atração Turística (AT), no mapa.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Como um aplicativo de celular, ele é preciso primeiramente ser baixado. Disponível em Android ou *iOS*, basta um cadastro. Há possibilidade de usos no modo *online* e *offline*. Se desejar usá-lo *offline*, pode-se baixar (*download*) o que se deseja ver e ouvir, pois a plataforma é também guia de áudios.

**Figura 57-** Aplicativo *izi.Travel*. Baixar, cadastrar e utilizar.



**Fonte:** Elaborado pela autora.

A utilização destas plataformas digitais nesta pesquisa decorre do interesse quanto ao compartilhamento de histórias e informações ao maior público possível, sejam eles moradores, turistas, professores ou estudantes. Espera-se que o público se sinta próximo das tradições e das manifestações culturais que ocorrem na Cidade Histórica e que possam também compartilhar suas histórias e vivências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Sempre há diferentes percepções sobre um mesmo objeto, seu contexto, ações e experiências nele vivenciadas. Ao longo do trajeto desta pesquisa mobilizei documentos históricos e as percepções de moradores e moradoras para a construção de uma cartografia afetiva do patrimônio cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.

É importante reiterar que os condicionantes impostos pela pandemia levaram a restrições de mobilidade e contato que resultaram na adequação de focos de intervenção e análise. Os depoimentos dos(as) entrevistados(as) serviram como indicadores de alguns universos possíveis de serem abordados, a exemplo das manifestações e crenças dos negros. Depoimentos que foram obtidos graças à intervenção de duas colaboradoras e que identificaram pessoas que se dispuseram a relatar suas vivências e observações. É fundamental, entretanto, destacar a importância de outros sujeitos e vivências, a exemplo dos indígenas, e que requerem pesquisas e análises que não foram possíveis de serem aqui iniciadas. Os materiais disponíveis no Museu são importantes portas de entrada para este universo e que podem dialogar com a presença dos indígenas na Cidade Histórica ao longo dos séculos até a atualidade. Ainda há muito o que se fazer para entender toda essa dinâmica histórica e cultural.

Para além dos dados e análises aqui discorridos, num esforço de pontuar aspectos de um universo tão complexo, diverso e pouco conhecido, o principal desafio a que me propus foi o de desenvolvimento e manutenção de plataformas digitais – utilizando o aplicativo *izi-Travel* e um *Website* – com objetivo de imersão no universo dos moradores(as) do “centro histórico”, em suas histórias em “lugares de memória”, na busca de estratégias que transformem valores e tradições em atrativos para o uso em espaços escolares.

Apesar dos preparativos para essa imersão, me deparei com movimentos que levaram a uma certa reorientação do percurso e de procedimentos. Se, por um lado o contexto da pandemia impossibilitou o acesso direto às pessoas, aos seus lugares e significados, por outro me levou a criar alternativas para a utilização de plataformas digitais como recursos pedagógicos e de divulgação do patrimônio cultural. Considerando que o percurso se faz ao caminhar, reconheço que a trajetória percorrida supera as minhas expectativas iniciais.

Os relatos nos transportam para situações nas quais cada um interagiu, sentiu e ouviu os bens culturais da Cidade Histórica. São fragmentos riquíssimos de vivências e afetos que me levam a acreditar, cada vez mais, no potencial da cartografia afetiva como estratégia para se trabalhar o ensino de história e patrimônio cultural, material e imaterial. Com ela temos mais elementos para fazer o enfrentamento ao modelo eurocêntrico e incrementar uma pedagogia decolonial.

Ao longo do percurso observei que as pessoas anseiam pelas ações de salvaguarda e preservação da Cidade Histórica, da efetivação de políticas públicas para os bens culturais, não apenas pela dimensão histórica em seus monumentos, mas por se constituir em um lugar que reflete manifestações culturais, laços familiares, moradias e formas de subsistências. Em consonância, o bem registrado quando não abraçado pelos moradores, não sobrevive, e não há gestores do patrimônio, instituições governamentais que consigam atuar em modelos de preservação sem a atuação da comunidade.

É preciso considerar também discussões sobre a quem serviu a política de patrimonialização instituídas para o município, as ações que levaram a história, o crescimento urbano, econômico e turístico de Porto Seguro sob a égide de um lugar para “sempre memorável” dentro das narrativas sobre os “descobrimentos”.

Além disso, os documentos históricos mencionados colaboraram para a compreensão sobre as experiências das populações negras, a partir da devoção a São Benedito, o co-padroeiro do município de Porto Seguro e nos bens culturais contidos na igreja ou capela de São Benedito, enfatizando a existência de um patrimônio negro entre os porto-segurenses integrado a Cidade Histórica.

Nesta perspectiva, incorporar a presença negra e indígena nos contextos da memória e da atualidade são imprescindíveis para que nos aproximemos de nossas histórias e compreendamos de que forma nos constituímos. A Cidade Histórica precisa ser um dos lugares dessas memórias e significados.

Este trabalho, que se posiciona no campo da interdisciplinaridade entre Patrimônio Cultural, Ensino de História e Novas Tecnologias, não se encontra acabado. Pode e deve ser compartilhado para além do repositório da academia, tendo as várias histórias compartilhadas através de um *site* e de um aplicativo móvel, numa tentativa de contribuir para o

fortalecimento da comunidade, dando visibilidade as histórias de vida dos(as) moradores(as) da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA.

## REFERÊNCIAS

---

**ALMANAK LAEMMERT:** Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. Estado da Bahia – Município de Porto Seguro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=105591&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em julho de 2021.

ALMEIDA, Andréa e MACEDO, Janete. O Patrimônio Cultural de Arraial D’Ajuda/ Porto Seguro – Bahia In: SILVA, Geovani de Jesus; CUNHA, Joceneide; SILVA, Leandro Soares; MASCARENHAS, Vanuza. (Org.). **Estudos culturais: diálogos entre cultura e educação**. 1ed.Jundiaí: Paco, 2018.

APOLINÁRIO, Maria Raquel. História: **Projeto Araribá Plus**. 5. ed São Paulo: Moderna, 2018. (6º ao 9º ano), Vols. 1 e 4.

ARAUJO, Cristina. **Porto (in) Seguro: A perda do paraíso. Os reflexos do turismo na sua paisagem**. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004, p. 34.

ARAÚJO, Fernanda Maria O. **Goiabas, açúcar, mãos firmes e tradição: uma cartografia afetiva do saber-fazer artesanal da goiabada cascão**. Tese de doutorado, Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed, - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BISPO, Aline Santos. **Dimensões da prática do turismo na cidade de Porto Seguro e os reflexos na vida da população residente**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade. Porto Seguro, 114 p., 2019.

BITTENCOURT Circe. **O saber Histórico na Sala de Aula**. Contexto. 12ª edição São Paulo. 2013, p.135.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº25**, de 30 de novembro de 1937 – Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: Acesso em: 12 de mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Disponível em: [http:// basenacionalcomum.mec.gov.br](http://basenacionalcomum.mec.gov.br), 2016. Acesso em 23/03/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 22/03/2019.

CANCELA, Francisco. Mapeando memórias, descrevendo histórias: a antiga capitania de Porto Seguro num documento colonial inédito. In: SILVA, Geovani de Jesus; CUNHA,

Joceneide; SILVA, Leandro Soares; MASCARENHAS, Vanuza. (Org.). **Estudos culturais: diálogos entre cultura e educação**. 1ed. Jundiaí: Paco, 2018.

CANCELA, Francisco. A devoção a São Benedito e a memória afro-brasileira em Porto Seguro: notas para um novo paradigma interpretativo do patrimônio cultural da “terra mãe do Brasil”. In: **Estado e sociedade sob olhares in(ter)disciplinares: experiências e perspectivas territoriais no Sul da Bahia**. Bougleux Bomjardim da Silva Carmo - organizador. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Entre Vestígios do Passado e Intervenções da História – Introdução aos Estudos sobre Patrimônio Cultural no Brasil. **Olhar Multidisciplinar sobre a efetividade da proteção do Patrimônio Cultural**. CUREAU, Sandra. (Org.). São Paulo: MPU, 2011.

CHUVA, Márcia. História e Patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico-Nacional**, edição de nº34, 2012.

COELHO, Ivan Valadares. **Análise das consequências do crescimento do turismo no município de Porto Seguro a partir da década de 90 sob o ponto de vista do desenvolvimento sustentável**. 2009. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

**CORREIO** de Porto Seguro, nº 92, 26 de dezembro de 1913, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/218103/270>. Acesso em 20/03/2020.

CPRM- Serviço Geológico do Brasil. **Capítulo 2- Município de Porto Seguro**, 2006. Disponível em [http://www.cprm.gov.br/publique/media/geodiversidade/ps/historico/hist\\_municipio.pdf](http://www.cprm.gov.br/publique/media/geodiversidade/ps/historico/hist_municipio.pdf). Acesso em maio de 2021.

**DECRETO-LEI nº 25/37**, que organiza a proteção do patrimônio histórico-artístico nacional.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia (Vol. 1)**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. 34.

**Estatutos do Comitê Brasileiro** – ICOM. Rio de Janeiro, s.d.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro**. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo, Editora Globo, 2001.

FERREIRA, Danielle. Um silêncio historiográfico: o livro didático regional e as pesquisas acadêmicas. In: **Revista Uel**, v. 22, n.1, 2016.

FONSECA, Josemir. **Museu da Misericórdia inaugura exposição sobre São Benedito em Porto Seguro**. Disponível em: <https://jojonoticias.com.br/educacao/museu-da-misericordia-inaugura-exposicao-sobre-sao-benedito-em-porto-seguro/>. Acesso em maio de 2021.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN, 1997.

FONTANA, Romeu. **CUNCUMBI DOS ESCRAVOS EM PORSEGURO X JUSTIN TRUDEAU, PRIMEIRO MINISTRO DO CANADÁ**. Porto Seguro, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012825488180>. Acesso em maio de 2021.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. SP: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Alexandre Siqueira e BRITO, Hatus Lima. A Festa de Nossa Senhora da Pena de Porto Seguro: inserções no tempo e no espaço. **Revista Ateliê Geográfico**. Goiânia-Goiás, v. 12, n. 2, ago/2018, p. 298-312.

GIL, Carmen e MEINERZ, Carla. Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a decolonização dos saberes. In: **Horizontes**, v. 35, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03**. Brasília: MEC; Unesco, p. 350, 2012.

GOTTSCHALL, Carlota. O turismo transforma o espaço em Porto Seguro. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v.3, n.2, p.97-93, set. 1993.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, Milton. BECKER, K. B. (Orgs). Rio de Janeiro: Lamparina, 3. ed. 2011. p. 43-72.

**IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. História e Fotos. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ibge.gov.br/>. Acesso em 20/03/2021.

**INRC** (Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação). Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

**IPAC-BA: Inventário de Proteção ao Acervo Cultural; monumentos e sítios do Litoral Sul**. Salvador: 1988, v. 5. Bahia: Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo da Bahia.

\_\_\_\_\_. **Inventário de Proteção ao Acervo Cultural, monumentos e sítios do Litoral sul**. Salvador: 1985. Disponível em: [www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural](http://www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural).

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL (Iphan/BA). **Sítio Histórico do descobrimento**: Patrimônio Cultural. Porto Seguro, 2000. Disponível em: <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bemImaterial/acao/1/>. Acesso em: maio de 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: manual de aplicação. Brasília: Iphan, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEMOS, Carlos. **História da casa Brasileira**. São Paulo, Editora Contexto, 1989.

LINDLEY, Thomas. **Narrativa de uma viagem ao Brasil** (1805). *Brasiliana*, 343. Companhia Editora do Brasil, 1969.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA'E GA**, n. 8, Curitiba: 2004.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOTTA, Lia. A apropriação do patrimônio urbano: do estético estilístico nacional ao consumo visual global. In: ARANTES NETO, Antônio Augusto (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 256-287.

NASSER, David. **M. História digital: lembranças de uma aventura em Pôrto Seguro-Cabral desceu aqui**. Revista O Cruzeiro: Revista (RJ). Edição 0043, ano de 1971, p.5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003581&Pesq=%22PORTO%20SEGURO%22&pagfis=183969>. Acesso em abril de 2021.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

OLEGÁRIO, Fabiane. Cartografias, fugas e fluxos de pensar. In: **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 1 N. 2, 2015, p. 372 a 385.

OLIVEIRA, Almir Félix. Livros didáticos e a escrita da história. In: **ANPHU**, Natal-RN, 2013.

OLIVEIRA, Joice Farias. **Negro mais Belo: São Benedito, o Santo Preto da Idade Moderna**. *XII EHA – Encontro de História da Arte –Unicamp*, 2017, p.369.

OLIVEIRA, Lavínia. Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Porto Seguro: um santo negro na imaginária cristã da cidade. In: **Seminário Brasileiro de Museologia**, 04, 2020, Brasília.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de e CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V.26, n.01, p.15-40, abr. 2010.

OLIVEIRA, Mariângela e RODRIGUES, Elson. O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na Geografia. In: **Ateliê Geográfico** - Goiânia-GO, v. 13, n. 3, dez/2018.

ORIÁ, Ricardo. **Memória e Ensino de História** (2013, p.135). In BITTENCOURT Circe. O saber Histórico na Sala de Aula. Contexto. 12º edição São Paulo, 2013.

RAMALHO, Lucemar Franco. **A casa de Porto Seguro: estudo da morfologia da casa portuguesa no Brasil**. Dissertação de Mestrado, UFES, 2014.

REGINALDO, Lucilene. **O rosário dos angolas: Irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª ed, Porto Alegre: Sulina. Editora da UFRGS, 2016.

SAMUEL, Raphael. Teatros de Memória, In: **Revista Projeto História**. v. 14: jan./jun. Cultura e Representação, São Paulo, 1997, páginas 41-81.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed., 3ª reimpr. – São Paulo: Edusp, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. Nacionalidade e Patrimônio: O Segundo Reinado brasileiro e seu modelo tropical exótico. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico-Nacional**, edição de nº34, 2012.

SIPAC: **Sistemas de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia**. Território e Identidade. Costa do Descobrimento. Disponível em: <http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/territorio/costa-do-descobrimento-2/>. Acesso em abril de 2021.

TRINDADE, Jaelson Bitran. Patrimônio e História: a abordagem territorial. **Revista do Patrimônio Histórico e artístico-nacional**, edição de nº34, 2012.

VINHAS, Thaís dos Santos. **O patrimônio histórico em Morro de São Paulo, Cairu – Bahia: lugar de memória, espaço de cultura, opção de turismo**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) – Universidade Estadual de Santa Cruz e Universidade Federal da Bahia, Ilhéus, 2007.

# ANEXOS

**ANEXO 1:** Exposição no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP- "Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas. Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena".



**FIGURA 5:** Indígenas contam sua própria História em Exposição.

**FONTE:** Cecília Bastos/USP Imagens



**FIGURA 6:** Vestimentas tradicionais dos povos indígenas de São Paulo.

**FONTE:** Cecília Bastos/USP Imagens

**ANEXO 2:** Cadastro do Museu da Casa Colonial no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC).



**MUSEU PÚBLICO**

## Museu da Casa Colonial

**Código:** 1.30.61.8900  
**Nº SNIIC:** ES-6287

---

**Sobre**   **Agenda**   **FVA**   **Público**   **Mais Info**   **Solicitar Registro de Museus**

---

**Email para divulgação:** [cedoc@uesc.br](mailto:cedoc@uesc.br)  
**Telefone para divulgação:** (73) 3288-0660  
**Informações Adicionais de Contato:**  
(73) 3288-0660 / (73) 3680-5020

[cedoc@uesc.br](mailto:cedoc@uesc.br)

**Fonte:** disponível em: <http://museus.cultura.gov.br/>. Acesso em 20/04/2021.

### ANEXO 3: Reportagem sobre o CEDOC e Museu da Casa Colonial

#### CEDOC e Museu da Casa Colonial voltam a funcionar na Cidade Histórica



Aproveitando as comemorações da Semana do Descobrimento a Prefeitura Municipal de Porto Seguro inaugurou na Cidade Histórica, dois importantes equipamentos turísticos, novas alternativas para moradores e turistas que visitam o local: o CEDOC-Centro de Documentação Histórica e o Museu da Casa Colonial. A cerimônia, simultânea, de abertura aconteceu no sábado, dia 22 de abril, às 17 horas e contou com a presença da secretária municipal de educação, Rita Valiense, do secretário de turismo, Anderson Guilherme Quaresma, do diretor de cultura, Sérgio Melhem e do representante do Ministério do Turismo, Marco Lomanto.

Fruto de uma parceria entre Prefeitura e UESC a reativação do CEDOC e a inauguração do Museu da Casa Colonial são muito importantes para o desenvolvimento cultural e histórico de Porto Seguro. “Voltamos a ativar nossa parceria com a UESC, deixada de lado pela administração passada, e com isto conseguimos reabrir importantes fontes de informação cultural e histórica. Através do CEDOC a comunidade e visitantes poderão realizar pesquisas e obter importantes informações contidas no arquivo histórico da cidade. Além disto no local, também, serão ministrados cursos de capacitação para guias, abrangendo várias áreas”, explicou o diretor de cultura.

#### Vida real

Já o Museu da Casa Colonial é a chance de saber como viviam, realmente, os primeiros colonos do Brasil, gente comum, que levava a vida de forma simples, como a maioria dos brasileiros hoje em dia. “O Museu irá retratar o cotidiano das famílias de colonos que viviam no local na época do Descobrimento. Como se alimentavam? Como criavam animais? Hábitos básicos que podem esclarecer muitas dúvidas e trazer muitas informações interessantes para todos os visitantes”, declarou Sérgio.

O CEDOC e o Museu da Casa Colonial se encontram abertos para visitação, todos os dias, das 09 às 18 horas. A Prefeitura est a, ainda, contemplando a Cidade Histórica com a restaura o e abertura da Igreja São Benedito e do Museu de Artes Sacras, as obras devem ser concluídas at e o final do ano.

**Fonte:** [www.portosegurotur.com.br](http://www.portosegurotur.com.br)



**ANEXO 5-** Ruínas da Igreja da Glória e colina da Cidade Alta de Porto Seguro.



**Fonte:** IBGE- História e Fotos (1957)

## ANEXO 6: A Festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira da cidade de Porto Seguro

### Multidão de fiéis acompanha procissão de Nossa Senhora da Pena pelas ruas de Porto Seguro

A tradicional Rua 2 de Julho caprichou na decoração das calçadas para homenagear a padroeira da cidade



**PORTO SEGURO** - Milhares de romeiros e religiosos de várias regiões do país acompanharam o cortejo em homenagem a Nossa Senhora da Pena, que saiu na tarde desta terça, 8, da Cidade História e percorreu as ruas principais da cidade.

Como reza a tradição, moradores decoraram ruas e avenidas para homenagear a Santa Padroeira de Porto Seguro.

Mais uma vez o destaque ficou por conta da tradicional Rua 2 de Julho, que caprichou na decoração das calçadas, que serviram de cenário para a cerimônia da partilha dos pães, organizada por moradores e voluntários.

Fonte: [www.bahiadiadia.com.br](http://www.bahiadiadia.com.br)

**ANEXO 7: Inventário das Casas à Rua Dr. Antônio Ricaldi**

<b>DENOMINAÇÃO</b>	<b>CASAS À RUA DR. ANTÔNIO RICARDI</b>
<b>CATEGORIA</b>	Arquitetura Civil com função Privada
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Porto Seguro- Bahia
<b>PROTEÇÃO EXISTENTE</b>	Bem Tombado
<b>REGISTRO IPHAN</b>	O edifício integra sítio tombado pela SPHAN, sob os n.º 45 e 62, fls. 11 e 14 no Livro do Tombo Arqueológico em 1/3/1974. Proteção proposta: Tombamento Estadual
<b>REGISTRO IPAC</b>	BR: 32605-1.3-I003
<b>PERIODO</b>	Século XVIII
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	Bom
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	<p>Conjunto de casas térreas de relevante interesse arquitetônico. Apresenta planta aproximadamente retangular, recoberta por um só telhado de duas águas, que termina sobre cornija. A casa menor, de nº 67, possui na parte posterior um anexo, situado 72 cm abaixo do corpo da casa, onde estão localizados a cozinha e jantar, este último, aparentemente, ampliado em data não muito recente. Um dos quartos da mesma casa foi transformado, há pouco tempo, em sanitário. O frontispício é extremamente sóbrio. Todos os vãos têm terminações em arco abatido e conversadeiras, com tampos em madeira. Os vãos da fachada do fundo possuem vergas retas. Somente os cômodos da frontaria possuíam, originalmente, forros e piso em tijolo, enquanto os demais eram em telha-vã e terra batida. Segundo a tradição, todos os forros foram retirados quando da ocupação da casa, durante a Segunda Grande Guerra, pelo Batalhão Mineiro (1). Posteriormente, alguns cômodos tiveram os seus pisos alterados. A casa de nº 67 conserva algum mobiliário de interesse.</p>

<p><b>DESCRIÇÃO HISTÓRICA</b></p>	<p>Séc. XVIII - Não se sabe a época de construção dessas casas que, por suas características, parecem datar do final deste século.</p> <p>Ca 1943 - Durante a II Grande Guerra a casa foi ocupada pelo Batalhão Mineiro (1).</p> <p>1953 - Nesta época falece Sr. Manoel Bastos, proprietário da casa de nº 75. Atualmente, a casa encontra-se em litígio, pois o Sr. José Rodrigues, que a alugou em 1951, alega direitos sobre a mesma (1). A casa de nº 67 foi propriedade de Jovino Vinhas. Por sua morte, passou, por herança, aos filhos: José, Maria e Maria José Vinhas Borges, que a venderam a Edson Ramalho Júnior, atual proprietário (2).</p> <p>Utilização proposta:</p> <p>Utilizações possíveis:</p>
<p><b>DADOS TIPOLOGICOS</b></p>	<p>Conjunto de casas, provavelmente, da segunda metade do século XVIII, com estrutura em pedra, divisórias em adobe e janelas com conversadeiras. Não se sabe, nem há provas documentais, se o edifício foi, originalmente, constituído de uma ou duas unidades. O tratamento uniforme dispensado às fachadas e até a continuidade de algumas divisórias internas, como a que suporta a cumeeira prova, necessariamente, que se tratava de uma só unidade. Existem na região outros exemplos de conjuntos de casas com o mesmo tratamento, como os situados à: Pç. da Bandeira 150/194 e à Rua Portugal, 422/432 em P. Seguro; Rua Barão do Rio Branco, 56/58 em Caravelas; e Rua da Matriz, s/nº, em Igrapiúna (Camamu). Há também conjuntos de sobrados como os sítios à Pç. da República e Rua Comendador Madureira, em Valença. O que não parece haver dúvida é que o edifício foi construído de uma só vez. Casas com estrutura de pedra, inclusive divisórias internas, são frequentes da cidade, como pode ser observado nas de número 154 e 328 da Rua Mal. Deodoro, na cidade baixa. Relativamente raro na região, embora frequente no Sertão, é a parede mestra servindo de suporte à cumeeira.</p> <p>Características especiais: Conjunto de casas com paredes servindo de suporte a cumeeira. Janelas de conversadeiras.</p>
<p><b>FONTE</b></p>	<p><b>IPAC-BA: Inventário de Proteção ao Acervo Cultural; Monumentos e Sítios do Litoral Sul.</b></p> <p>Salvador: 1985. Disponível em: <a href="http://www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural">www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural</a>.</p>

**ANEXO 8: Inventário da Matriz de Nossa Senhora da Pena**

<b>DENOMINAÇÃO</b>	<b>MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA PENA</b>
<b>CATEGORIA</b>	Arquitetura Religiosa
<b>LOCALIZAÇÃO</b>	Porto Seguro- Bahia
<b>PROTEÇÃO EXISTENTE</b>	Bem Tombado
<b>REGISTRO IPHAN</b>	Tombado pela SPHAN sob os n°s 45 e 62 do Livro Arqueológico, fls. 11 e 14 em 15/07/1968 e sob os n°s 414 e 446 do Livro de História, fls. 67 e 73, em 1º/03/1974.
<b>REGISTRO IPAC</b>	BR: 32605-1.0-F003
<b>PERIODO</b>	Século XVIII e XIX
<b>ESTADO DE CONSERVAÇÃO</b>	Satisfatório e Medíocre
<b>DESCRIÇÃO FÍSICA</b>	Igreja Matriz de relevante interesse arquitetônico, constituída de nave, capela-mor, uma sacristia e uma torre sineira, atarracada. Uma escada externa dá acesso ao coro e à torre. O frontispício reflete a disposição em planta. O corpo principal, enquadrado por cunhais e cimalha, apresenta uma portada em arenito, encimada por uma janela de coro. Todos os vãos possuem verga em arco abatido, recobertos por friso ondulado. Arremata a composição um frontão em volutas com medalhão central, flanqueado por grandes coruchéus. A torre, com duas janelas sineiras em arcos plenos, possui terminação piramidal, revestida em louça. A igreja possui forro recente (1964), plano na nave, e tripartido na capela-mor. O piso assoalhado da nave, que recobria sepulturas, foi substituído por cimentado. Conserva o antigo púlpito em madeira, rica imaginária dos séculos XVIII e XIX e alfaias em prata. A imagem de São Francisco de Assis, do século XVI, teria pertencido à antiga Igreja da Glória.

<p><b>DESCRIÇÃO HISTÓRICA</b></p>	<p>1698 - Carta Régia, de 17/XI: "... ha sete anos se lhe arruinou de todo a Igreja Matriz daquela vila" (3).</p> <p>Ca 1730 - Ouvidor Xavier Monteiro afirma, em 1773: "...estou apromptando o necessário para a reedificação do corpo frontispício desta de Porto Seguro, que se acha a cahir, por instantes, pela ladroeira do empreiteiro que haverá 40 annos a arrematou na cidade da Bahia por 2 contos de réis" (2), (4).</p> <p>1773 - O Ouvidor informa ter iniciado os preparativos para a construção, com "... hum bom risco, que já mandei lavrar em tudo e por tudo muito melhor que a antiga (matriz), que nem cunhaes, em cimalha, nem alinhho algum tem tão somente humas brutas paredes, ainda sem</p> <p>1774 - O Ouvidor informa ter iniciado obras da Matriz (5).</p> <p>reboque". Informa já dispor de 800 mil réis, fora as doações do povo (2), (4).</p> <p>1775 - O Ouvidor dá conta: "... o corpo da Igreja Matriz...vae findo de paredes e já a principiar-se a cobrir de madeiras, Mas a Capella-mór ainda só nos alicerces" (6).</p> <p>1776 - O Ouvidor, em 1º/VII, relata: "Antes de 6 mezes espero de todo concluhido a Igreja matriz desta capital, excepto de tribuna e retábulos, para que não há dinheiro e he obra de pedra e cal..." (7).</p> <p>Utilização proposta: Culto e equipamento cultural</p> <p>Utilizações possíveis: Culto e equipamento cultural</p>

<b>DADOS TIPOLÓGICOS</b>	<p>A igreja, iniciada por volta de 1730, começou a arruinar-se antes de ser concluída, sendo suas obras retomadas e reformuladas em 1773. Segundo Lúcio Costa, são da primitiva matriz a torre, com o arco que lhe dá acesso internamente, o arco cruzeiro e, provavelmente, a porta, que foi acrescida de bandeira com almofada para se ajustar ao novo risco. As colunas e gradis do coro, bem como os altares com arquivoltas, também parecem ser contemporâneos da primitiva igreja, conquanto acrescidos de frontais em forma de urna e coroamento ao gosto rococó (2). A terminação piramidal da torre é elemento arcaico, usado pela primeira vez em Santo Antonio de Cairu (1660-1670) e São Bartolomeu de Maragogipe. Pedras de amarração na parede do fundo da capela-mor indicam a intenção de prosseguir a obra.</p> <p>Características especiais: Torre com dois vãos sineiros, única na Bahia, mas semelhante à de São Bento, no Rio de Janeiro.</p>
<b>FONTE</b>	<p><b>IPAC-BA: Inventário de Proteção ao Acervo Cultural; Monumentos e Sítios do Litoral Sul.</b></p> <p>Salvador: 1985. Disponível em: <a href="http://www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural">www.sct.ba.gov.br/acervo-cultural</a>.</p>

# APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB**  
**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES**  
**ÉTNICO-RACIAIS**

**APÊNDICE A:** Plano de Ensino de História para turmas de 5ª série/ 6º ano da Educação Básica, de acordo com a BNCC (2016).

<b>PLANO DE ENSINO</b>	
<b>Ano</b>	5ª Série / 6º ano- Educação Básica
<b>Natureza da atividade</b>	(X) Atividade curricular      ( ) Atividade extracurricular
<b>Docente</b>	Gheisa Santos Lisboa
<b>Componente curricular</b>	História
<b>Público-alvo/turma/s</b>	Estudantes da Educação Básica
<b>Período para execução</b>	
<b>Carga horária total da atividade</b>	9 horas
<b>Carga horária semanal</b>	3 horas
<b>Unidade Temática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Introdução ao Estudo de História</li> </ul>
<b>Objeto(s) do Conhecimento</b>	Patrimônio e Memória <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Patrimônio: A identidade de um povo</li> <li>▪ Existem diferentes tipos de Patrimônio</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Preservar para quê?</li> </ul>
<b>Objetivo do objeto do conhecimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Valorizar a diversidade do Patrimônio Cultural Brasileiro.</li> </ul>
<b>Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental-Anos Finais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.</li> <li>▪ Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreender seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.</li> </ul>
<b>Habilidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.</li> </ul>
<b>Procedimentos metodológicos</b>	<p>O componente pretende problematizar o referencial teórico trabalhado a partir de discussões da temática em aula sobre Patrimônio e Memória, com produção de material escrito, pesquisa e análise de diferentes fontes e linguagens: material didático, <i>apps Google Earth</i>, Google Sala de Aula e questionários individuais em formulários google.</p> <p><b>Passos metodológicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>🚦 Observar as imagens da Cidade Histórica que serão disponibilizadas e retiradas do <i>Google Earth</i> através da aula em modelo remoto;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>✚ Ler os questionários individuais com os relatos dos moradores(as) de Porto Seguro;</li> <li>✚ Escolher 1 (uma) das imagens;</li> <li>✚ Pesquisar sobre a localização do lugar, nome de rua, nome do monumento, se é cortado por rodovia, ou rio, entre outros. Observação: Essa pesquisa pode ser feita numa folha a parte e posteriormente postada juntamente com o desenho.</li> <li>✚ Desenhar em uma folha de ofício ou caderno de desenho, de preferência na horizontal, utilizando materiais disponíveis;</li> <li>✚ Traçar um roteiro com legenda identificando os pontos presentes no desenho;</li> <li>✚ Descrever se o desenho representa um ou mais, Patrimônio Cultural- material, imaterial e/ou natural;</li> <li>✚ Postar no Google Sala de Aula em formato de imagem, em data preestabelecida.</li> <li>✚ Discussão no Fórum anexado à plataforma digital sobre o tema: Valorização dos bens culturais locais.</li> </ul>
<b>Recursos</b>	<p>As atividades serão desenvolvidas no ambiente virtual de aprendizagem – <i>Meet</i> e plataforma. Pretende-se seguir com o modelo ensino <i>online</i>. Por se tratar de um tema que trabalha Patrimônio e Memória, dentro do Ensino de História, nesses múltiplos desafios desse momento histórico de contexto pandêmico, utiliza-se a plataforma digital, e atividade no <i>word</i> postada no Google Sala de Aula.</p>
<b>Processos avaliativos (instrumentos e critérios)</b>	<p>Apresentar aos estudantes, informações sobre o processo desenvolvido pela docente. Dessa forma, a avaliação é contínua e processual, incorporando as dimensões diagnóstica, formativa e somativa. A avaliação será desenvolvida a partir da observação da participação e das atividades realizadas em aula, de trabalho individual, apresentação de desenho cartográfico sobre Patrimônios Locais.</p> <p>Distribuição dos Pontos:</p>

	<p>1ª Nota – Valor 3,0 (três pontos), relativos à produção desenho cartográfico, a ser postado no Google Sala de Aula, do conjunto de registros sobre os bens culturais locais.</p> <p>2ª Nota – Valor de 2,0 (dois pontos) Fórum de discussão na plataforma digital sobre o tema: Valorização dos bens culturais locais.</p>
<b>Referências</b>	APOLINÁRIO, Maria Raquel. História: <i>Projeto Araribá Plus</i> . 5. ed São Paulo: Moderna, 2018. (6º ano), Vol. 1, páginas 281 a 285.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB**  
**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES**  
**ÉTNICO-RACIAIS**

**APÊNDICE B:** Plano de Ensino de História para turmas de 6ª série/ 7º ano da Educação Básica, de acordo com a BNCC (2016).

<b>PLANO DE ENSINO</b>	
<b>Ano</b>	6ª Série / 7º ano- Educação Básica
<b>Natureza da atividade</b>	( X ) Atividade curricular      ( X ) Atividade extracurricular
<b>Docente</b>	Gheisa Santos Lisboa
<b>Componente curricular</b>	História
<b>Público-alvo/turma/s</b>	Estudantes da Educação Básica
<b>Período para execução</b>	
<b>Carga horária total da atividade</b>	9 horas
<b>Carga horária semanal</b>	3 horas
<b>Unidade Temática</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A Expansão da América Portuguesa</li> </ul>
<b>Objeto(s) do Conhecimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A Sociedade Mineira: divisão social, arte e fé.</li> </ul>

<b>Objetivo do objeto do conhecimento</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Perceber a importância das irmandades religiosas no cotidiano da sociedade setecentista e oitocentista, identificando as diferenças entre as irmandades de brancos e negros, traços de solidariedade e fé.</li> </ul>
<b>Competências Específicas de História para o Ensino Fundamental-Anos Finais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.</li> <li>▪ Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreender seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.</li> </ul>
<b>Habilidades</b>	<p>(EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.</p> <p>(EF07HI11) Analisar a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa por meio de mapas históricos.</p> <p>(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).</p>
<b>Procedimentos metodológicos</b>	<p>O componente pretende problematizar o referencial teórico trabalhado a partir de discussões da temática em aula sobre as Irmandades Religiosas no contexto do Brasil oitocentista, produção de material escrito sob a forma de entrevista em documentos do <i>Google</i>, produzidos pelos estudantes.</p>

	<p><b>Passos Metodológicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✚ Acessar o site do <i>Google Forms</i> e clique em "Ir para o Formulários Google";</li> <li>✚ Escolher um modelo da galeria ou clicar "Em branco" para criar um formulário do zero;</li> <li>✚ Digitar as perguntas e adicionar as opções de respostas;</li> <li>✚ Encaminhar a partir de <i>link</i> de acesso aos <i>e-mails</i> e <i>WhatsApp</i> a quem se deseja entrevistar;</li> <li>✚ Finalizar com discussão sobre o resultado obtido com as entrevistas.</li> </ul>
<b>Recursos</b>	<p>As atividades serão desenvolvidas no ambiente virtual de aprendizagem – <i>Meet</i> e algumas interfaces utilizadas (plataforma, <i>chat</i>, formulários do <i>Google</i> e <i>google sala de aula</i>).</p>
<b>Processos avaliativos (instrumentos e critérios)</b>	<p>A avaliação será desenvolvida a partir da observação da participação e das atividades realizadas em aula, de atividade individual em formulários do <i>Google</i>.</p> <p>Distribuição dos Pontos:</p> <p>Nota – Valor 5,0 (cinco pontos), relativos à produção de um modelo de entrevista em formulário do <i>Google</i>, a ser disponibilizado aos moradores(as) e comunidade de Porto Seguro-BA, que se reconhecem ou que conheceram pessoas que participaram da irmandade em torno a São Benedito, atuante no município até meados dos anos de 1980. A atividade será postada no <i>Google Sala de Aula</i> e encaminhada a partir de <i>link</i> de acesso aos <i>e-mails</i> e <i>WhatsApp</i> dos(as) entrevistados(as). Para finalizar, discussão sobre os resultados obtidos em aula.</p>
<b>Referências</b>	<p>APOLINÁRIO, Maria Raquel. História: <i>Projeto Araribá Plus</i>. 5. ed São Paulo: Moderna, 2018. (7º ano), Vol. 1, páginas 266 a 269.</p> <p>LISBOA, Gheisa S. (2020). TERRITÓRIO, DEVOÇÃO E EDUCAÇÃO EM SÃO BENEDITO: RITOS DE SOCIABILIDADE PORTO-SEGURENSE. <i>Revista Ifes Ciência</i>, 6(2), 124-138. <a href="https://doi.org/10.36524/ric.v6i2.121">https://doi.org/10.36524/ric.v6i2.121</a></p>

**APÊNDICE C:** Transcrição dos questionários em formulários *Google*.

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Andreia de Cassia Assis Santos

Data de Nascimento:

04/01/1980

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Nasci aqui. Só desci pra nascer e depois voltei pra cá.

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Continua com o mesmo significado pra todo mundo, não mudou em muita coisa não, acredito mais só no nome, na nomenclatura de ser o Parque Histórico, mas continua a relação igual. As políticas de preservação hoje precisam ser mais fortalecidas, precisam mais de uma atenção especial.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

Festa da Padroeira, Nossa Senhora D'apena

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

A igreja da Pena e a da misericórdia, são as duas que remetem a minha lembrança afetiva. Passei grande parte da minha vida e da minha infância dentro da igreja, minha vó tinha muita amizade com os padres, e a gente vivia lá, muitas vezes comia um pãozinho que eles ofertavam pra gente, ali fazia uma oração, ali mesmo ficávamos nos banquinhos passava as tardes conversando, a relação é muito boa com todas as igrejas, sendo que eu gosto mais da Nossa Senhora da Pena. Ali minha vó ficava conversando, eles davam uma balinha de canela pra gente, ali a gente brincava, corria pelo cemitério que ficava ao lado, brincava de se esconder de assustar um ao outro no cemitério, e nossa infância minha e de meus irmãos, foi dentro das igrejas e nos arredores.

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

A história que gostaria de compartilhar era que a gente vivia assombrada no cemitério, diziam que tinha alma penada lá, que iam puxar o pé da gente.

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 22/02/2021 16:41*

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Herli Antônia Santos Assis

Data de Nascimento:

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Nasci lá

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Era um lugar mais tranquilo, mas, abandonado também. Antes, os moradores ficavam até mais tarde conversando nas portas, dormiam com a janela aberta sem medo, as crianças brincavam felizes. Hoje, com a quantidade diária de turistas que vistam, trouxe uma certa insegurança, as pessoas ficam com medo de assaltos e outro problema, é a quantidade de lixo produzido.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

Amo a vista para o mar, de qualquer ponto: do farol, do Marco... A Festa da padroeira Nossa Senhora da Pena é tradicional, com as barraquinhas, as pessoas com toda fé e também a oportunidade de rever pessoas que só vão neste período.

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

Sim, a casa em que eu nasci e morei até 16 anos e que ainda hoje, pertence a minha família. A antiga pousada Estrela D'Alva, ao lado do farol, com aquela vista de frente para o mar. Lindo demais ver o dia nascer ou a lua cheia, é uma imagem que nunca sairá das minhas lembranças afetivas.

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

Muitas, quando criança brincava nos cemitérios, em todos os quintais, cacaeiros, colhia frutas para lanche, fazia fogueira na porta de casa e os mais velhos contavam histórias que deixavam assustada kkk quando adolescente, pulava a janela para namorar no Marco, atrás das igrejas.kkk

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 27/02/2021 15:00*

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Alcyone Gilberto de Brito Vieira

Data de Nascimento:

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Nasci em Porto Seguro

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Minhas memórias familiares vivem também lá, e percebo há muito enorme descaso com esse espaço tão importante.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

Arquitetura e espaço natural

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

A igreja de São Benedito

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

Minha mãe, criança, descendo a encosta para ir à um aniversário, acabou caindo e rolando com a irmã até a base...perto do rio da vila...da fonte

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 02/03/2021 08:18*

### Questionário Individual

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Heriton Marcos Santos Assis

Data de Nascimento:

09/02/1970

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Desde que nasci. Nativo-nato e trabalho também com turismo, na Tom Turismo.

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Antes não tinha criminalidade. O desenvolvimento causa outros danos. Hoje virou um espaço cultural, o acolhimento dos moradores traz renda. Nem a pandemia fez cair o turismo. 350 pessoas devem passar por aqui e no verão umas 2000 pessoas. Porto Seguro tem mais leitos para o turismo do que Salvador. Hoje ainda tem 11 famílias nativas, que moram aqui.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

A minha casa, aqui, na rua misericórdia nº 110.

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

O meu pai Hélio Santos foi o criador de algumas festas culturais, do bicho homem, o cucumbi dos escravos, essa tinha a ver com a Igreja de São Benedito. Essa festa funcionava na galeria. D'Alva era o nome de apelido da minha mãe. Na galeria Estrela D'alva funcionou antes, lá pelos anos 70, como primeiro bar, restaurante e também hospedagem. Quanto a festa do cucumbi eu e minha irmã fomos procurados para reviver a festa, mas há muita política envolvida...porque sem eu e ela, ninguém faz por causa das músicas, das danças, que me lembro desde quando menino. Em média 80 pessoas participavam da festa do cucumbi de forma voluntária, espontânea.

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

A capoeira juntamente com meu pai, o samba de roda e o candomblé. Tudo isso aconteceu aqui.

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 08/07/2021 18:19*

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Maria José Vinhas Assis, 03/09/1941

Data de Nascimento:

03/09/1941

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Eu nasci lá, perto da Igreja de Nossa Senhora da Pena, onde era a casa dos meus pais. Depois, meu pai comprou uma outra casa, ao lado do farol e da igreja de Senhor dos passos, onde passei a minha vida.

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Era um povoado bem simples com os monumentos históricos, mas quase não tinha visitantes, só os moradores. Antes só tinha dois botequins, o de seu Zeca Vinhas e o outro de Dona Eunice que vendiam pão, biscoito, beiju, fósforo e coisas da roça e agora virou um centro turístico com várias lojas e artesanatos e milhares de pessoas que visitam por ano. Ela poderia ser mais conservada, principalmente os monumentos históricos e ter mais segurança. Antes, a gente descia sem medo, a ladeira que hoje é a escadaria e agora tem muitos assaltos.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

Eu gosto da minha casa que fica ao lado da igreja de Senhor dos Passos e ao fundo o mar. As festas religiosas: da Pena, procissão de São Benedito, da Semana Santa...

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

A chegada da luz elétrica com um motor, um gerador que funcionava das 06h da manhã as 18h e também a água na torneira, porque antes, os moradores pegavam a água na fonte do Rio da Vila e na barragem.

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

Lá eu nasci, cresci, estudei, casei, tive meus sete filhos, tive um restaurante/bar e pousada Estrela D'alva que criei meus filhos junto com meu marido, irmãos e mãe. Ainda hoje tenho minha casa que foi uma herança dos meus pais, que trabalharam duro na roça para comprar esta casa, que já deve ter mais de 100 anos de construída e 80 anos na minha família.

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 08/07/2021 21:16*

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Miriam Conceição da Silva

Data de Nascimento:

01/09/1963

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com o Parque Histórico de Porto Seguro, mais conhecido como Cidade Histórica?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu a Cidade Histórica de Porto Seguro?

Com um projeto de revitalização dos espaços culturais do SEBRAE

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

Não sei dizer ao certo, mas era um lugar de morada e tinha pousadas e casas de forró, e a capoeira e shows folclóricos.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

casa de camara e cadeia, onde fica o museu, a igreja da pena, a igreja de são benedito, cedoc, e flora quiriri , iphan

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

Não sou nativa, mas gostava dos eventos realizados na popoli, uma casa de show, e os forros da lua

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de partilhar?

não, apenas essa tentativa de organizar a cidade histórica junto com associação de moradores para se manter os momumentos, projeto Sebrae "Polo de Turismo Cultural da Costa do Descobrimanto.

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 15/07/2021 11:25*

**Questionário Individual**

\*Este questionário faz parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal do Sul da Bahia/ UFSB-CSC, e tem como autora responsável Gheisa Santos Lisboa, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina de Sousa.

\*\*Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos.

\*\*\*O questionário apresenta a maioria das questões abertas e de cunho não-obrigatório.

\*Obrigatório

Nome Completo: \*

Wander Caires Lima

Data de Nascimento:

03/12/1968

Atualmente reside em Porto Seguro-BA? \*

Sim

Não

Qual é a sua relação com a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA?

Morador(x)

Ex-morador(x)

Pesquisador(x)

Docente

Estudante

Visitante

Comerciante

Outros

Quando e como conheceu o centro histórico de Porto Seguro?

Entre os anos de 2001 a 2006. Trabalhei na Cidade Histórica como Diretor do Centro de Documentação Histórica (CEDOC/UESC/Prefeitura de Porto Seguro).

Como você avalia a relação entre a comunidade Porto-Segurense e regiões vizinhas com a Cidade Histórica?

Ótima

Boa

Regular

Ruim

Péssima

Não sei opinar

O que significava a Cidade Histórica antes de se tornar um Monumento Nacional? Quais transformações são possíveis identificar?

É preciso interesse e investimento tanto na preservação como também de envolver a comunidade escolar em projetos culturais cotidianos. O espaço hoje é direcionado somente ao turismo e com pouco envolvimento dos moradores da cidade com o próprio espaço histórico.

Dos espaços e tradições locais pertencentes a Cidade Histórica de Porto Seguro-BA, qual sua preferência? Descreva-a(s).

O Museu e o IPHAN. São Instituições de importância para a preservação da cultura local e nacional, bem como promovem os eventos culturais e turísticos.

O que aconteceu de importante no centro histórico da cidade de Porto Seguro que marcou na sua memória, que você lembra ou que seus pais contavam?

Minha relação com o centro histórico não foi familiar, ela foi profissional e cultural.

Você possui alguma história na Cidade Histórica que gostaria de compartilhar?

Acho que o trabalho que desenvolvemos no CEDOC/UESC tinha uma importância cultural e educacional que deveria ter tido continuidade.

Você concorda que a Cidade Histórica merece ser preservada?

Sim

Não

Talvez

Não sei opinar

*Enviada: 18/07/2021 23:17*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB**  
**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES**  
**ÉTNICO-RACIAIS**

**APÊNDICE D:** Termo de autorização do uso de imagem e voz.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, \_\_\_\_\_.

Nacionalidade: \_\_\_\_\_, portador(a) do RG nº. \_\_\_\_\_,

inscrito no CPF sob o nº. \_\_\_\_\_, residente a

\_\_\_\_\_,

nº \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, estado da \_\_\_\_\_, autorizo o uso da minha imagem e voz, constante nos registros (gravações, filmagens e fotografias) da pesquisadora Gheisa Santos Lisboa, com o fim específico de pesquisa acadêmica intitulada **O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA** sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem e voz nos registros mencionados é concedido à pesquisadora Gheisa Santos Lisboa a título gratuito, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online (seja para consultas acadêmicas ou reproduções) e em veículos de comunicação (sejam eles eletrônicos ou impressos), desde que respeitem a finalidade educacional da pesquisa e de preservação dos bens culturais para a qual assino essa autorização.

Local e data: \_\_\_\_\_.

Assinatura: \_\_\_\_\_.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA - UFSB**  
**PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO E RELAÇÕES**  
**ÉTNICO-RACIAIS**

**APÊNDICE E:** Termo de consentimento livre e esclarecido TCLE (maiores de idade)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO TCLE (MAIORES DE IDADE)**

**Esclarecimentos**

Este é um convite para você participar da pesquisa: **O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA**, que tem como pesquisadora responsável Gheisa Santos Lisboa. Esta pesquisa tem como objetivo explorar o patrimônio cultural do Parque Histórico Municipal do Descobrimento (PHMD) a partir dos lugares de memória de alguns de seus antigos moradores e moradoras, fazendo com que lembranças e experiências cotidianas destes venham a subsidiar intervenções pedagógicas entre estudantes da Educação Básica. Caso você decida participar, você será entrevistado(a) a partir de questionário individual do formulário google, a ser encaminhados via *whatsapp* ou *e-mail*. Durante todo o período da pesquisa você poderá esclarecer suas dúvidas. Você tem direito de se recusar a participar. Todo o material coletado será de uso exclusivo do projeto - sem fins lucrativos - em arquivos físicos ou online (seja para consultas ou reproduções) e em veículos de comunicação (sejam eles eletrônicos ou impressos), desde que mantida a finalidade do projeto. Este documento foi impresso em duas vias, um ficará com você e outro com a pesquisadora responsável.

**Devolutiva dos resultados**

Ao final do projeto será enviada uma cópia do projeto para seu endereço residencial (cópia impressa) ou para seu endereço eletrônico (cópia eletrônica).

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Dado os esclarecimentos acima, concordo em participar da pesquisa **O Apresentado e o Referenciado: uma cartografia afetiva do Patrimônio Cultural da Cidade Histórica de Porto Seguro-BA**, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas.

Local e data: \_\_\_\_\_.

Assinatura do Participante: \_\_\_\_\_.

Declaração do pesquisador responsável:

## APÊNDICE F: Transcrição do vídeo



Nome: “Projeto Vidiota”. Velhoroma: *PORSEGURO C’EST MOI, L’OUTRES SON SIMPLES PASSANTS.*

Exibido em: 2018

Duração: 1:24

FONTANA, Romeu. Velhoroma. Porto Seguro, 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100012825488180>. Acesso em maio de 2021. Transcrição de trecho do vídeo publicado na página do *Facebook* de Romeu Fontana, em 29/08/2018.